

# Arquivos de Zoologia

Museu de Zoologia da Universidade de São Paulo

Volume 40(2):75-154, 2009

www.mz.usp.br/publicacoes  
www.revistasusp.sibi.usp.br

ISSN impresso: 0066-7870

## OS CAPÍTULOS SOBRE ANIMAIS DOS “DIALOGOS GEOGRAFICOS, CHRONOLOGICOS, POLITICOS, E NATURAES” (1769) DE JOSEPH BARBOZA DE SÁA E A PRIMEIRA MONOGRAFIA SOBRE A FAUNA DE MATO GROSSO

NELSON PAPAVERO<sup>1,4</sup>  
DANTE MARTINS TEIXEIRA<sup>2,4</sup>  
JOSÉ LIMA DE FIGUEIREDO<sup>1</sup>  
JOSÉ ROBERTO PUJOL-LUZ<sup>3,4</sup>

### ABSTRACT

*Joseph Barbosa de Sáa (? – 1775), more known for his writings about the history of the state of Mato Grosso, Brazil, completed in 1769 a voluminous and erudite book entitled “Dialogos geograficos, chronologicos, politicos, e naturaes”, which has never been published in its entirety. A copy from the 18th century is deposited in the Biblioteca Pública do Porto, in Portugal, and a copy of that manuscript, made in the 19th century, is found at the Instituto Histórico e Geográfico Brasileiro, in Rio de Janeiro. Ten chapters of that book deal with the natural products of Brazil (over a thousand, nearly half being animals), observed by Sáa along the coast of Rio de Janeiro, in São Paulo, southern Goiás and especially Mato Grosso, being the first monograph about the natural history of this last state. Another manuscript from the 18th century, containing only those ten chapters, exists at the Biblioteca Nacional do Rio de Janeiro (MS 9.2.7), and its sections about animals are here transcribed and commented.*

**KEYWORDS:** Joseph Barboza de Sáa; 1769; Dialogos; MS 9.2.7 (Biblioteca Nacional, Rio de Janeiro); Animals; Brazil; Mato Grosso.

### INTRODUÇÃO

#### Notícia biográfica sobre Joseph Barboza de Sáa

Nasceu em data ignorada (em Portugal?; no Brasil, segundo aventou Sacramento Blake (1898)?); fez seus estudos na Universidade de Coimbra, segundo

se depreende de suas crônicas, e viveu em meados do século XVIII em Mato Grosso. Segundo Mesquita (1978:140-141): “A 30 de Maio de 1775 falecia em Cuiabá o licenciado Joseph Barbosa de Sá, deixando viúva Dona Joana Pires de Campos e dois filhos – José, de 7 anos e meio e Joaquim, de 3 meses. Desaparecia com ele o cronista de nossa história primitiva, o nar-

1. Museu de Zoologia, Universidade de São Paulo, Caixa Postal 42.494, 04218-970, São Paulo, SP, Brasil.

2. Museu Nacional, Universidade Federal do Rio de Janeiro, Quinta da Boa Vista, 20940-040, Rio de Janeiro, RJ, Brasil.

3. Departamento de Zoologia, Instituto de Ciências Biológicas, Universidade de Brasília, Asa Norte, 70910-900, Brasília, DF, Brasil.

4. Bolsistas de Produtividade do Conselho Nacional de Desenvolvimento Científico e Tecnológico (CNPq).

rador fiel e minucioso dos fatos iniciais da nossa vida político-administrativa, aquele a quem nós outros, matogrossenses, bem como os gregos a Heródoto, poderíamos cognominar o pai da nossa História. A sua *Relação das povoações de Cuiabá e Mato-Grosso de seus princípios até os presentes tempos*, que outra cousa não é que o próprio texto dos Anais do Senado da Camara de Cuiabá, copiados da crônica de Barbosa, representa a única fonte segura e autorizada da História de Mato-Grosso. Bem pouco, entretanto, se sabe do que foi Barbosa de Sá, além do que dele diz vagamente um ou outro discreteador de cousas matogrossenses. Alcança-se quando muito que foi advogado em Cuiabá, e tinha o título de licenciado, devendo ter feito os seus estudos em Coimbra. O seu inventário, que consegui encontrar, já quase consumido, bem pouco esclarece acerca da vida anterior de Barbosa. Dele, entretanto, se infere, além da data do seu falecimento e do nome da sua esposa e filhos – que nada era sabido – ser o mesmo parente do sargento da Companhia de Fuzileiros Auxiliares João Pereira Passos d’Arcos, que, nomeado tutor de seus filhos órfãos, se excusou, com fundamento no Decreto de 22 de Março de 1773, que isentava os oficiais e soldados de servirem os cargos da República e foi dispensado por Despacho de 4 de Novembro de 1775. Seria esse Passo d’Arcos, militar, irmão daquele Frei José da Conceição Passa d’Arcos, que, religioso leigo e esmoler da Terra Santa, auxiliou a construção da torre primitiva da Catedral, conforme depoimento do próprio Barbosa de Sá em 1771? Dispensado o primeiro tutor nomeado, mandou o Juiz que o Escrivão informasse de outro parente próximo do morto que não fosse privilegiado. Informou então o Escrivão José de Melo Vaz Concelos [sic] não ter a viúva parente algum próximo que pudesse servir o ofício de tutor dos órfãos seus filhos ‘mas sim Manoel de Freytas Caldas que he vizinho da dita viúva inventariante e pessoa capaz de bem poder exercer a dita tutoria e este sem privilegio algum que o impossibilite’. A curiosa descrição de bens de Barbosa de Sá [Mesquita, 1927] oferece margem a ajuizar-se de certa maneira da vida do licenciado Barbosa de Sá e do ambiente da Cuiabá colonial dos fins do século XVIII. Nota interessante e para ser registrada: as estantes (3) e 123 livros, entre grandes e pequenos, do espólio de Barbosa de Sá, foram arrematados em praça, a 1 de Dezembro de 1776, ao preço de 48 oitavas e meia e 80 réis de ouro, pelo Tenente Joaquim da Costa Siqueira, – o continuador de Barbosa de Sá na elaboração das crônicas de Cuiabá. O inventário do licenciado não foi concluído. O último termo de conclusão traz data de 12 de Março de 1806, indo os autos as mãos do Dr. Gaspar Pereira da Silva Navarro, com \$600 ‘que

pagou o Escrivam’. Nada mais se lê depois desse termo e os autos aí ficaram conclusos à posteridade ou às traças, que, muitas vezes, são uma e a mesma coisa”.

Barbosa de Sá deixou três obras manuscritas; sua *Relação*, mencionada atrás, datada de 1775, teve duas edições no século passado (Sá, 1904, 1975); as *Chronicas do Cuyabá dos Annaes do Senado da Camara*, que abrangem o período compreendido entre 1724 e 1776, só vieram à luz, ao longo dos anos, na Revista do Instituto Histórico do Mato Grosso (*vide* Sá, 1919a, b, 1920a, b, 1922, 1923a, b, c, 1924, 1925a, b, 1926, 1927, 1928, 1934, 1935, 1937); sua obra magna, entretanto, os *Dialogos Geograficos, Chronologicos, Politicos, e naturaes*, de uma grande erudição, concluída em Cuiabá em 1769, permanece inédita em sua totalidade. Apenas os capítulos referentes à história natural, constantes de um manuscrito da Biblioteca Nacional do Rio de Janeiro, foram publicados por Papavero, Teixeira & Pujol-Luz (1999a, b, c, d, e, f), Papavero, Figueiredo, Teixeira & Pujol-Luz (1999), Teixeira, Lorini, Papavero & Pujol-Luz (1999) e Teixeira, Papavero & Pujol-Luz (1999). No presente trabalho transcrevemos as quatro seções relativas aos animais, com comentários sobre as espécies mencionadas.

Infere-se, a partir das plantas e animais tratados pelo autor em seus *Dialogos*, que conheceu detalhadamente o litoral do Rio de Janeiro, de Campos à cidade do Rio, partes das então Capitânicas de São Paulo e Goiás e o Mato Grosso. É patente que viu com seus próprios olhos muitos dos produtos naturais descritos. No caso das plantas, acompanhou seu desenvolvimento, pois descreveu-lhes as flores e frutos. Sua curiosidade não teve limites; observou fatos biológicos extremamente interessantes, como a bioluminescência dos cupinzeiros e das famílias de coleópteros Elateridae e Lampyridae e possivelmente o único caso registrado na Região Neotropical de bioluminescência de um diplópode; os casulos construídos pelas larvas de Trichoptera (que depois só começariam a ser investigadas por Fritz Müller em Santa Catarina, no século XIX). Talvez tenha sido o primeiro a descrever as Velloziaceae dos campos rupestres brasileiros. Muitas das espécies de animais e vegetais que descreveu eram desconhecidas dos naturalistas da Europa. Sem dúvida alguma, depois de Gabriel Soares de Souza, foi o melhor autor a tratar da história natural do Brasil nos tempos coloniais. O autor descreveu cerca de 1.000 produtos dos três reinos da natureza. É extremamente veraz e fidedigno. O manuscrito apresenta igualmente um grande valor para os linguistas, por conter vários vocábulos que não constam dos léxicos da língua portuguesa.

### Descrição do volume do MS 9.2.7 da Biblioteca Nacional do Rio de Janeiro

Sob o número de tomo 9.2.7, a Divisão de Manuscritos da Fundação Biblioteca Nacional, Rio de Janeiro, abriga um texto apócrifo sobre os diferentes produtos naturais do Brasil, classificado no seu registro geral como um possível documento original de autoria desconhecida, provavelmente datado do século XVIII. O cadastro da Biblioteca Nacional vacila entre caracterizar esse manuscrito como um original ou uma cópia, contentando-se em descrevê-lo como um documento “sem nome de auctor nem data; letra do século XVIII”. Segundo essa mesma fonte, o volume em questão corresponderia ao antigo número de tomo “I-5,2,7”, atual “9.2.7”.

Com 323 mm de altura e 224 mm de largura, esse delgado tomo de aspecto modesto ostenta uma meia encadernação em bom estado, com o dorso em couro pardo e as capas de cartão prensado revestidas por um papelão negro marchetado de cinzento. Graças à existência de cinco nervos, a lombada do volume terminou dividida entre seis casas mais ou menos do mesmo tamanho, notando-se algum tipo de inscrição apenas na primeira, segunda e sexta, contadas de cima para baixo. Na primeira e sexta casas, respectivamente, as iniciais “BN” (“Biblioteca Nacional”) e “MSS” (“manuscritos”) encontram-se gravadas em dourado sobre o couro pardo, ao passo que a superfície da segunda casa foi tingida de preto de forma a destacar o título “Flores e Fructos do Brasil”, também gravado em dourado. Na altura da quinta casa, uma fita adesiva transparente fixa uma pequena etiqueta gomada contendo o número de tomo do volume (“927”) escrito a máquina. Esse mesmo número de tomo, mais uma vez escrito a máquina, consta de uma outra etiqueta gomada semelhante fixada no canto inferior esquerdo do plano anterior da capa. Para as guardas e folhas de guarda utilizou-se um papel liso e encerado, com apenas uma das faces impressa em diferentes tonalidades de marrom, padrão que pretende reproduzir o desenho de madeira venada. Em virtude dessa peculiaridade, o verso da folha de guarda anterior e a frente da folha de guarda posterior conservam um inusitado colorido brancento contrastante, sendo que o verso da guarda anterior apresenta um dos selos da Biblioteca Nacional impresso em tinta preta em seu canto superior esquerdo, marca que continua sendo utilizada e se encontra composta pelos dizeres “Biblioteca Nacional, Rio de Janeiro” encerrados em um círculo (Fig. 1). A guarda anterior do tomo abriga um “*ex-libris*” da Biblioteca Nacional; impresso em 1963 por E. Visconti, Rio de Janeiro, onde consta o anti-

go número de tomo “I.5.2.7” escrito em tinta preta, bem como uma etiqueta gomada impressa com os dizeres “Off[icina de] Encad[ernação da] B[ibliotheca] N[acional] [no.] 68933”, referência que parece refletir algum ripo de controle interno antes mantido pela própria instituição depositária em termo dos seus trabalhos de encadernação/restauração.

O corpo do volume tem início com uma folha de papel encerado, amarelado pelo tempo e sem marcas d’água, cujo aspecto se apresenta muito diverso do material encontrado no restante do documento. Esta falsa folha de rosto permanece em branco, exceto pela presença do mesmo selo observado no verso da folha de guarda (Fig. 1), o qual foi carimbado em tinta preta no canto superior direito da página ímpar. Seguem-se outras sete folhas em branco de um papel pardacento muito frágil e sem marcas d’água, que também mostram o carimbo de dois selos distintos da Biblioteca Nacional, ambos impressos em tinta preta. O mesmo selo circular supracitado surge no canto superior direito de todas as páginas ímpares, enquanto que a frente da primeira página e o verso da última página dessa série inicial de sete folhas abrigam um segundo selo de formato oblongo, mais antigo e atualmente caído em desuso, do qual pode ser lida a inscrição “Bibliotheca Nacional – Seção de Manuscritos – Rio de Janeiro” (Fig. 2). Outras dez folhas em branco desse frágil papel pardacento e mais uma segunda folha em branco do mesmo papel encerado mencionado acima finalizam o tomo, conferindo certa proteção para o original. Apenas o centro da página ímpar da primeira dessas dez folhas finais apresenta a marca de um carimbo da Biblioteca Nacional, no caso o mesmo selo oblongo e mais antigo encontrado em algumas das sete folhas protetoras iniciais. Não deixa de ser curioso, entretanto, que essas dez folhas protetoras finais estejam numeradas em ordem crescente e contínua de 65 a 74, sequência que dá prosseguimento ao sistema de paginação intruduzido nos *folios* do manuscrito setecentista. Como esses algarismos teriam sido todos traçados a lápis no canto superior direito das páginas ímpares, torna-se claro que os *folios* 69 e 70 apenas tiveram sua ordem invertida como foram sendo encadernados de cabeça para baixo, equívoco que terminou por deslocar a numeração, de ponta-cabeça, para o canto inferior esquerdo das páginas pares.

Ocupando 64 folhas de um papel de pano de qualidade inferior, o manuscrito propriamente dito revela-se de leitura bastante trabalhosa, não tanto pela letra ampla e floreada do autor, mas sobretudo pela existência de numerosos sinais de acidificação, danos causados por insetos bibliófagos, velaturas parciais e sobretudo manchas aparentemente causadas pela



FIGURA 1: Selo circular composta pelos os dizeres “Biblioteca Nacional, Rio de Janeiro”.

umidade, que chegaram a eliminar passagens inteiras do texto. Atingindo 315 mm de altura e 210 mm de largura, as folhas do original não aparentam ter sofrido qualquer tentativa posterior de refilamento, detalhe que colabora para acentuar seu ar de rusticidade. Presente em um número razoável de folhas, onde parece quase sempre ocupar uma posição central, a única marca d’água observada alcança cerca de 125 mm de altura por 60 mm de largura, sendo de difícil visualização. Sua figura retrata um escudo com o campo cortado por uma faixa oblíqua contendo a expressão latina “LIBERTAS” (“liberdade”), desenho encimado por uma trabalhada coroa e arrematado, em sua parte inferior, por um monograma formado com as iniciais “AP” (Fig. 3). Apesar das óbvias diferenças existentes, esta marca d’água muito se assemelha àquela registrada por Melo (1926) para um papel manufaturado, em torno de 1753, “na oficina dos herdeiros de Antonio Pedroso, Lisboa” (Fig. 4). A evidente coincidência entre vários detalhes e o próprio monograma “AP” sugerem um papel de extração um pouco mais antiga, provavelmente confeccionado nessa mesma oficina durante a vida de seu antigo proprietário.

Desdobrando-se em linhas amplas e bastante regulares escritas em tinta preta, o presente documento pode ser dividido em 15 *folios* iniciais e 48 *folios* finais, separados entre si por uma folha em branco e não numerada do mesmo papel de pano utilizado nos *folios* escritos. Exceto por essa folha em branco, todos os *folios* em questão apresentam-se numerados a lápis, de 1 a 63, no canto superior direito das páginas ímpares,



FIGURA 2: Selo oblongo com os dizeres “Bibliotheca Nacional - Secção de Manuskriptos - Rio de Janeiro”.

além de ostentarem as marcas, em tinta preta, de dois carimbos da instituição depositária. Presente em uma única página par, onde assinala o final do manuskripto (*folio* 63v), o selo mais antigo, maior e de formato oblongo (Fig. 2) também se encontra impresso em todas as páginas ímpares, onde costuma estar localizado próximo à metade da borda direita da página, embora às vezes tenha sido deslocado para uma posição equivalente perto da borda esquerda (*folios* 17r, 22r, 23r e 24r), para o topo da página (*folio* 1r), para o quadrante superior direito (*folios* 6r, 7r, 15r, 19r, 20r, 21r, 25r, 26r, 28r e 47r) ou para o quadrante inferior direito (*folios* 16r e 48r). Em comparação, o selo mais recente, menor e de formato circular (Fig. 1), revela-se bem menos comum, surgindo apenas nas páginas que contêm o título e/ou as primeiras observações de cada uma das dez “notícias” em que se divide o texto. No caso das páginas ímpares incluídas nesse conjunto (*folios* 1r, 16r e 21r), este selo ocupa o quadrante superior direito, passando para o quadrante superior esquerdo na maioria das páginas pares (*folios* 4v, 12v, 26v, 32v, 47v e 52v). Malgrado abrigue o título da oitava “notícia”, o *folio* 37v constitui uma exceção a essa regra por não estar acompanhado da impressão de qualquer selo.

Além da paginação e dos selos da Biblioteca Nacional, algumas folhas desse manuskripto incluem observações suplementares escritas a lápis, que também parecem ter sido acrescentadas ao original em data recente. Encontradas apenas nas páginas que abrigam, ou deveriam abrigar, o título de cada uma das dez “notícias”, algumas dessas anotações devem ser entendidas como um sistema de numeração das dez diferentes partes em que se divide o texto. Por conseguinte, o *folio* 1r, referente às “Noticias das Flores”, possui um “n. 1” no quadrante superior direito e um outro “1” no quadrante superior esquerdo, ao passo que o *folio*



FIGURA 3: Escudo com o campo cortado por uma faixa oblíqua contendo a expressão latina “LIBERTAS” (“liberdade”), desenho encimado por uma trabalhada coroa e arrematado, em sua parte inferior, por um monograma formado com as iniciais “AP”.



FIGURA 4: Escudo com o campo cortado por uma faixa oblíqua contendo a expressão latina “LIBERTAS” (“liberdade”), desenho encimado por uma trabalhada coroa e arrematado, em sua parte inferior, por um monograma formado com as iniciais “CB”.

4v, onde se inicia a “Notícia de alguns frutos”, mostra um “2”) ou um “n. 2” no quadrante superior esquerdo, etc. Além disso, algumas dessas mesmas páginas abrigam uma segunda série de inscrições de sentido bem menos óbvio, cabendo ao folio 1r (“Notícia das Flores...”) a notação “11.685” no canto superior esquerdo, ao folio 16r (notícia sem título, minerais e metais) a notação “11.931” no canto superior esquerdo, ao folio 21r (“Notícia de varias Pedras preciosas...”) a notação “11.932” no canto superior esquerdo, ao folio 26v (“Notícia de vários Animaes...”) a notação “11.622” no canto superior direito, ao folio 32v (“Notícia de vários Bichos e Insectos...”) a notação “11.662” no canto superior esquerdo, ao folio 37v (“Notícia das Aves...”) a notação “11.628” no canto superior direito, ao folio 47v (“Notícia de vários peixes de Mar e de Rios...”) a notação “11.655” no canto superior esquerdo e ao folio 52v (“Notícia de varias Plantas, Madeiras e Páos...”) a notação “11.750” no canto superior esquerdo. Tal sistema reflete a numeração do catálogo da famosa “Exposição de História do Brasil” levada a cabo pela Biblioteca Nacional entre 2 de dezembro de 1881 e 2 de janeiro de 1882, relação esta bem marcada graças a outra observação existente no canto

superior esquerdo do folio 52v, onde o número de catálogo “11.750” encontra-se repetido e secundado pelas iniciais “CEHB”, clara referência ao “Catalogo da Exposição de História do Brasil”, da autoria de Vale Cabral, publicado entre 1881 e 1883 (*apud* Bibliotheca Nacional do Rio de Janeiro, 1881a, b, 1883).

#### Conteúdo do MS da Biblioteca Nacional

Ao todo, o presente manuscrito abarca dez “notícias” distintas sobre os diferentes produtos naturais do Brasil. Respeitados os títulos e a ordem encontrada atualmente, o original principia consta das seguintes partes:

- (1) “Noticias das Flores mais notaveis e conhecidas q’ há no Brazil, com a denominação de outras muitas q’ há nos Matos, Campos e serrados” (folios 1r-4r) (*cf.* Papavero, Teixeira & Pujol-Luz, 1999a);
- (2) “Notícia de alguns fructos mais notaveis, q’ se conhecem no Brazil, com a distinção de suas diferentes denominaçoens” (folios 4v-12r) (*cf.* Papavero, Teixeira & Pujol-Luz, 1999b);

- (3) “Notícia de varios Aromas q’ se conhecem no Brazil” (folios 12v-15r, permanecendo em branco o folio 15v) (cf. Papavero, Teixeira & Pujol-Luz, 1999c);
- (4) Uma “notícia” sem título e aparentemente incompleta sobre os minerais e metais do Brasil (folios 16r-20v); evidências presentes ao longo do texto sugerem que os comentários referentes ao ouro deveriam iniciar esta quarta notícia (cf. Papavero, Teixeira & Pujol-Luz, 1999d);
- (5) “Notícia de varias Pedras preciosas e sim<sup>es</sup> Raridades q’ há no Brazil, com a distinção e circunsc<sup>tas</sup> de cada hũa delas” (folios 21r-26r) (cf. Papavero, Teixeira & Pujol-Luz, 1999d);
- (6) “Notícia de varios animaes quadrupedes, q’ há no Brasil, com a distinção e circunsc<sup>tas</sup> de cada hum deles, q’ se tem conhecido” (folios 26v-34r) (cf. Teixeira, Lorini, Papavero & Pujol-Luz, 1999a);
- (7) “Notícia de varios Bichos e Insectos q’ se conhecem no Brazil, com a distinção e circunsc<sup>tas</sup> que se poderão descobrir a este respeito” (folio 32v até parte do folio 37v) (cf. Teixeira, Papavero & Pujol-Luz, 1999a);
- (8) “Notícia das Aves q’ se conhecem no Brazil, com a distinção, e circunsc<sup>tas</sup> de cada hũa delas” (de parte do folio 37v até o folio 47r) (cf. Teixeira, Papavero & Pujol-Luz, 1999b);
- (9) “Notícia de varios peixes de Mar e de Rios, q’ se tem conhecido no Brazil, com a distinção e circunsc<sup>tas</sup> de cada hum deles” (folios 47v-52r) (cf. Papavero, Figueiredo, Teixeira & Pujol-Luz, 1999);
- (10) “Notícia de varias Plantas, Madeiras e Páos q’ se conhecem no Brasil, com a distinção e circunsc<sup>tas</sup> q’ pertencem a cada hũa de suas Classes” (folios 52v-63v) (cf. Papavero, Teixeira & Pujol-Luz, 1999e).

#### O MS do Instituto Histórico e Geográfico Brasileiro, Rio de Janeiro

No IHGB existe um MS intitulado “Dialogos Geographicos, Chronologicos, Politicos e naturaes, escriptos por Joseph Barbosa de Saa, nesta Villa Reyal do Senhor Bom Jesus do Cuyabá, 1769”, texto correspondente ao item 11.295 do “Catalogo da Exposição de Historia do Brasil”, que o caracteriza como “cópia moderna. In-fol. 463ff. Traz uma relação dos animaes, plantas &c., do Brazil. Exp[ositor]: Inst[ituto] Historico” (teste Biblioteca Nacional do Rio de Janeiro, 1881b). De acordo com informações prestadas pelo IHGB, essa cópia, que corresponde ao atual número de tomo 1.3.4 e que parece ter sido incorporada ao acervo de

IHGB na segunda metade do século XIX, e de acordo com os dizeres gravados na capa, reproduz um volume depositado na Biblioteca Pública do Porto (sob o número de tomo 235), Portugal, que seria um documento original concluído pelo próprio José Barbosa de Sá no ano de 1769. Estendendo-se por 464 folios, o texto dessa cópia divide-se em duas partes, cada qual abrangendo nada menos que 11 “diálogos” distintos. A primeira delas, “Dialogos Geograficos, Chronologicos, Politicos e naturaes. Escriptos por Joseph Barbosa de Saa nesta Villa Reyal do Senhor Bom Jesus do Cuyabá. Parte Primeira. Anno de 1769”, tem início com uma dedicatória a “Luiz Pinto de Sousa Coutinho, Capitão e General de Matto Grosso e Cuyabá” (folio 2) e prossegue com os seguintes “Dialogos”:

- (1) “Sobre a Idea de Deus e seus attributos” (folio 3);
- (2) “Sobre a criação do Mundo” (folio 23);
- (3) “Continuação da mesma materia” (folio 41);
- (4) “Descrição da America Septentrional” (folio 56);
- (5) “Descrição da America meridional” (folio 82);
- (6) “Descrição da America Portuguesa” (folio 104);
- (7) “Continuação do mesmo assumpto” (folio 120);
- (8) “Descrição das differentes raças, usos e costumes dos naturaes da America” (folio 133);
- (9) “Continuação da mesma materia” (folio 147);
- (10) “Descrição dos usos, costumes e nações a que pertencem os individuos que se tem introduzido na America” (folio 1770);
- (11) “Acerca das cousas da Igreja, governo e leis com que se dirigem aquelles povos” (folio 182).

Já a auto-intitulada “Segunda parte dos Dialogos Geographicos, Chronologicos, politicos e naturaes. Escrip<sup>ta</sup> por Joseph Barbosa de Saa nesta Villa Real do Senhor Bom Jesus do Cuyabá. Anno de 1769” compreende os seguintes: diálogos”:

- (1) “Dos Elementos do Mundo” (folio 222);
- (2) “Do Reino mineral” (folio 255);
- (3) “Continuação da mesma materia” (folio 275);
- (4) “Do Reino animal: animais terrestres” (folio 303);
- (5) “Continuação da mesma materia” (folio 332);
- (6) “Animais voláteis” (folio 364);
- (7) “Animais aquaticos” (folio 388);
- (8) “Do Reino vegetal: arvores, plantas, arbustos” (folio 402);
- (9) “Continuação da mesma materia” (folio 428);
- (10) “Fructos” (folio 435);
- (11) “Acerca dos differentes productos de que se extraem aromas” (folio 450); seguidos de uma “Oração à Santissima Virgem Maria” (folio 457) e de um “Indice” (folio 464).

LEITURA DIPLOMÁTICA DOS CAPÍTULOS SOBRE ANIMAIS DO  
MANUSCRITO 9.2.7 DA BIBLIOTECA NACIONAL DO RIO DE JANEIRO

*Folio 26v*

[I] NOTICIA DE VARIOS ANIMAES QUADRU-  
PEDES Q' HÁ NO BRAZIL, COM A DISTINÇÃO  
E CIRCUNST<sup>CAS</sup> DE CADA HUM DELES,  
Q' SE TEM CONHECIDO

Vicunia<sup>1</sup> – Hé especie de veado, ou cabra montez, coberta de hũa precioza lam, amarelasa, manxada de branco, parda, e sinzenta. anda em rebanhos, p<sup>los</sup> montes, e lugares ásperos e pedregozos; tem 5 palmos de altura, e 5 de cumprim<sup>to</sup>: ligeira, e corredora, de sorte q' hé necessariam<sup>te</sup> astucia p<sup>a</sup> a casar: cria no buxo hũa pedra de m<sup>ta</sup> virtude sem<sup>e</sup> a Bazar<sup>2</sup>. Querem alguns, q' seja este animal o mesmo, aq' chamão *Enaco*<sup>3</sup>: porem não hé asim p<sup>r</sup> q' este tem similh<sup>ca</sup> de cavalo e aq<sup>le</sup> de veado: hum e outro se encontrão nas Terras do Peru athé o Mexico.

Lobo cervical<sup>4</sup> – aq' outros chamão Lince, hé animal sim<sup>e</sup> ao Cervo<sup>5</sup> no tamanho, côr e figura, mas sem pontas: pasta tãobém nos Campos, e hé custozo de se apahar p<sup>r</sup> vigilante, e velóz: achase nos Limites do Peru p<sup>a</sup> o Norte.

*Folio 27r*

Bogio<sup>6</sup> – chamado vulgar<sup>te</sup> Macaco. Se tem encontrado treze castas destes animaes: *Guariba* ou *Boriqui*<sup>7</sup>, são os maiores, crescem como hum homem de mediano corpo, são sinzentos. Os *Mono*<sup>8</sup> similh<sup>es</sup> no corpo e feitio negros e amarelados: *Barbados*<sup>9</sup>, o maxo preto, e a femea parda: *Cahi*<sup>10</sup> pardo escuro, a q' chamão outros Peludo: *Cahimerim*<sup>11</sup>, da mesma cor, q' se chamão tãobem *Micos*: *Sagui*<sup>12</sup>, cor de asafrão: *Sadmerim*<sup>13</sup>, pardinho com hũa manxa amarela na testa: Outro *Sadmerim*<sup>14</sup>, pretinho, sim<sup>e</sup> ao mico: Outro *Sadtinga*<sup>15</sup> manxada de q<sup>tas</sup> cores há, m<sup>to</sup> galante do tamanho do Sagui: *Sadguasi*<sup>16</sup>, maior do q' os Barbados, com o pelo mesclado de preto, branco, e crespo: huns Bogios vermelhos côr de fogo<sup>17</sup> do tamanho do Barbado, q' há nos sertoes dos Gentios Mequeos<sup>18</sup>, e dahi p<sup>a</sup> o Norte: Há outros maiores do q' os Micos<sup>19</sup>, quazi amarelados ou cor de canela, com os olhos como de gata, q' andão e pastão de noite, e fazem taes gargalhadas, q' se ouvem ao longe: há outros pardinhas, m<sup>to</sup> pequenos, chamados *bogios de cheiro*<sup>20</sup>, p<sup>lo</sup> q' lansão de si a maneira de almiscar.

Hauti<sup>21</sup> ou Preguiza – Há de duas Castas, ambas sinzentas: vivem sobre as arvores, de q' se sustentão. Hũas tem a cabeça redonda como bugio, e outras focinho comprido, como cachorros<sup>22</sup>. As de Cabesa redonda

gastão p<sup>a</sup> se mudarem de hum p<sup>a</sup> outro ramo o espaço de meio dia, e sem exageração, p<sup>a</sup> estenderem hum braço gastão meia hora As outras são mais ligeiras tanto ou q<sup>to</sup>. Dão um grito, q' se ouve ao longe como o de gato: dos seus coiros fazem os Tapes<sup>23</sup> barretes p<sup>r</sup> serem grosos e fortes. As da Cabeça redonda se achão só nas Costas do Brazil, e as da outra espécie em todas as Prov<sup>cas</sup> do mesmo Brazil.

### Folio 27v

Capivara<sup>24</sup> – Hé Animal do tamanho de hũa ovelha, bojuda com m<sup>tas</sup> carnes, de côr parda tirada a vermelha, a cabeça grossa, e romba, as patas com 3 dedos; habitão nos campos das Lagoas, terras enxarcadas, e margens dos Rios; sustentam-se só de ervas. Há de 3 castas, hũas mais vermelhas, q' são as maiores; outras escuras, tiradas a preto; e outras alvarães: engordão m<sup>to</sup> estes animaes: parem athé 4 e 5 filhos, grunhem em pequenos como leitovens: pastão de noite, e de dia descansão. Achão-se em toda a America principalm<sup>te</sup> nas Margens do Paraguai, e Campos dos Goitacazes, aonde se-vem de bandos, q' cobrem os Campos, e os Moradores se utilizão das Carnes, e toucinho, frigindo tudo, dq' extraem azeite, p<sup>a</sup> o serviço das Cazas.

Pacas<sup>25</sup> – Hé animál do feitio da Capivara, mas de outra especie, tem o corpo grosso, e carnudo; rasteiro de modo q' não pasão as maiores de 2 palmos de altura; a cor vermelhasa, em q<sup>to</sup> pequenas com listras brancas, q' depois perdem. São tambem estes animais amigos dos Rios, e Lagoas, porem morão, e parem os filhos nas cavidades da terra, q' abrem fundas, com 4 e 5 entradas, p<sup>a</sup> q<sup>do</sup> forem acometidos por hũa, poderem fugir p<sup>las</sup> outras: comem toda a casta de frutas, côcos, e ervas; engordão m<sup>to</sup>, e são saborosissimas, como q' p<sup>r</sup> carne de Porco; campeão de noite, e de dia dormem.

Cuatí – Há de 3 Castas: *Cuatí mondéo*, q' hé do tamanho de hum cão gozo ordinario<sup>26</sup>; de hũa côr parda escura; *Cuatí eté*, q' hé mais pequeno, e brâcasento; e *Cuatí merim* p<sup>r</sup> outro nome *Cuatí epé*, q' hé do tamanho, e feitio de hũa doninha<sup>27</sup>. O Cuati Mondeo anda em chusmas de 20, 30, e mais. tem estes

### Folio 28r

tromba comprida, q' sobrepuxa ao queixo de baixo com a largura de hũa mão; fósão na terra, como os Porcos, sobem athé os ultimos ramos das arvores, comem frutas e folhas, ervas, bixos, e saqueião os ninhos das aves; são animaes m<sup>to</sup> ageis. Tem estes animaes a pata dos 4 pes como cachorro, o rabo do comprim<sup>to</sup> do corpo, q' o trazem sempre erguido. O *Cuatí ete* imita ao *Cuatí Mondeo*, com menos agilid<sup>e</sup>. O *Cuatí merim*, ou *Cuatiepé*

hé m<sup>to</sup> galante; anda solitario, ou o macho com a fêmea tem m<sup>ta</sup> agilidde, e g<sup>c</sup> fortaleza nos dentes, de sorte q' rompe o casco de hum côco o mais duro<sup>28</sup>. Há em toda a América desta especie de Animaes.

Tamandoá – Há de duas castas<sup>29</sup>, huns grandes mais altos, e compridos, como hum grande pôrco; e outros pequenos, e rasteiros. São huns, e outros pardos com duas aspas brancas dos ombros até o rabo. Tem este animal a cabeça do feitio de hum selindro, os olhos mui pequenos quasi como huns bagos de munição; a boca hé hum agulheiro, como o furo de hũa Verruma, sem dente algum, p<sup>f</sup> onde lansa a lingua, q' hé como hum bordão de arpa de hum palmo de comprim<sup>to</sup>; lansa esta p<sup>a</sup> fora, e metea p<sup>los</sup> buracos dos formigueiros; em lhe pegando as formigas, recolhe a lingua, sustentando-se das formigas q' hé o seo único alimento, e bebe agua, chupando-a p<sup>f</sup> aq<sup>le</sup> agulheiro. Tem os pes como de gente humana; as mãos são huns trosos sem forma com 4 unhas compridas, e arqueadas, q' as dobra a hum lado com tal forsa, q' não despega o q' segurou. Tem-se achado estes animaes se-guros com onças, morto hum e outro, eles degolados p<sup>f</sup> elas, e estas espremidas p<sup>f</sup> eles; hé tardo, e vagaroz no andar. Tem o rabo muito comprido, e com hum  
cabelo

### Folio 28v

cabelo de palmo, q' forma hũa manta, com q' pôde cobrir todo o corpo; q<sup>do</sup> o perseguem, levanta-se dir<sup>to</sup> em pé com os brasos abertos em forma de crúz, e apañando entre eles o inimigo, abraça-o de tal forma, q' o deixa esmagado. O Tamandoá gr<sup>de</sup> engorda m<sup>to</sup>, e hé saborozo; os seos coiros curtidos dão bons calçados Achão-se estes Animaes em toda a America, mas p<sup>f</sup> acaso se encontrão.

Tatú – Há de 5 castas: *Tatú asú*<sup>30</sup>, q' cresce como hum porco ordinario; *Tatúaiiba*<sup>31</sup>, q' hé menor; *Tatúiete*<sup>32</sup>; *Tatúpeba*<sup>33</sup>, e *Tatu Merim* q' chamão alguns *Tatubóla*<sup>34</sup> e são os mais pequenos. São animáes q' não tem pelas Costas mais do q' hũa conxa, q' o cobre: fósão na terra como Porco, comem formigas, e minhócas, q' podem colher; morão nos buracos da terra; pastão de noite, e dormem de dia; são cobardes, não tem arma algũa ofensiva e defensiva; são vagarozos no correr, engordão m<sup>to</sup>, e tem bom sabôr.

Irara – Hé especie de Rapôza da Europa<sup>35</sup>: há de 4 castas, tres do tamanho de um gozo<sup>36</sup>, rasteiras, compridas, felpudas, rabilongas, sagazes, ligeiras, caçadoras de toda a imundicia de animaes; hũas são pretas com colleira branca p<sup>lo</sup> pescoso<sup>37</sup>, e outras rajadas, algũas fuscas entre preto e branco<sup>38</sup>, andão macho e femea; a outra casta deles hé bem pequeno animal da mesma especie

do tamanho de hum caxorrinho q<sup>do</sup> comesa a andar, tardo no correr, pardinho, tirado a branco, aq<sup>m</sup> chamo alguns *Jaratá táca*<sup>39</sup>; tem p<sup>r</sup> arma, q' lhe deo a natureza, hum g<sup>de</sup> fetido, q' de-si lansa q<sup>do</sup> se vê

perseg<sup>do</sup>

### Folio 29r

perseguido, tão activo, q' embebeda a q<sup>m</sup> o persegue; os caens ficam duas horas esfregando-se pelo chão; e a gente inteiram<sup>te</sup> sem sentidos.

Jagoacambêba<sup>40</sup> – Hé animal do feitio e tamanho de um Cão gozo<sup>41</sup> a côr hé galante, p<sup>r</sup> q' tendo a cabeça branca vai escurecendo gradualm<sup>te</sup>, de sorte q' da sinta p<sup>a</sup> o rabo já hé preto. São estes animaes compridos e rasteiros, andão em chusmas de 20, e dahi p<sup>a</sup> sima; são gr<sup>es</sup> caçadores, sercão hum veado, aphanhão-no, e o espatifão; comem alem disto m<sup>tos</sup> insectos, frutas e carnes pôdres.

Há outro da mesma forma, mas de diversa geração, chamado *Jagoaxinim*<sup>42</sup>, sim<sup>c</sup> em tudo ao gozo<sup>43</sup>, grosos, aparados, rajados de pardo, e vermelhaso, andão juntos maxo e femea, são fracos, não sabem casar mais do q' bixinhos, imundicias, e frutas: são todos incapazes de se comerem.

Lobo<sup>44</sup> – Hé um animal da especie tãobem do gozo<sup>45</sup> no feitio, similhansas, manchas, e costumes: há de 3 castas; huns de altura de 4 palmos, os corpos galgos, esguios, pemilongos, ligeiros, de hũa côr parda tirada a verdolenga<sup>46</sup>; Outros mais grosos, do tamanho de hum gozo ordin<sup>o</sup>, a côr mais tirada a vermelho<sup>47</sup>; e alguns q' são os mais pequenos, quasi vemelhos da côr de veado, aq' chamão *Lobinho*<sup>48</sup>; chamados todos eles na lingua gerál da terra *Goairá*; Morão em Capôens de matos, moitas, e nunca em Matos serrados; sahem ao Campo a comer bixinhos, insectos, frutas e imundicias; não se comem p<sup>r</sup> incapazes.

### Folio 29v

Gambá<sup>49</sup> – Hé do tamanho de hum gozo pequeno<sup>50</sup>, o corpo preto, os pez m<sup>to</sup> curtos, q' o fazem m<sup>to</sup> rasteiro; há brancos, pretos, e pardos; são animais de rapina, que apanhão, e comem galinhas, pintos, e ovos: comem toda a casta de imundicia, bixos, insectos, e frutas: sobem como gatos pelas arvores; de dia estão escondidos em buracos da terra, ou dos páos, em montes de lixo, ou matos serrados. São estes animaes todos de hum sexo; tem p<sup>la</sup> p<sup>te</sup> exterior da barriga hũa membrana, ligada a carne p<sup>la</sup> p<sup>te</sup> de detrás, e a entrada p<sup>los</sup> peitos, q' forma um bolso com pêlos macios p<sup>r</sup> dentro, e mamilos como de hũa gata. Dentro deste sacco achão-se Des filhos, tamanhos de piôlhos, q' se crião, e crescem, d'onde sahem q<sup>do</sup> são capazes de andar. este sacco não tem comunicação algũa p<sup>a</sup> o interior

do ventre, nem via p<sup>r</sup> onde parece-se ter sahido a luz:  
tirado o máo cheiro, q' tem, comem-se, e são saborozos.

Coelho<sup>51</sup> – Há de 5 Castas nestas Regiões do Brazil: o principal hé o *Tipiti*<sup>52</sup>, orelhudo, rajado de pardo com mescla branca; 2<sup>o</sup> *Ku*<sup>53</sup>, menor q' o 1<sup>o</sup>; 3<sup>o</sup>, *Mocô*<sup>54</sup> lavrado de preto, e branco; 4<sup>o</sup> hé o q se chama *Porquinho*<sup>55</sup> manxado de preto, e branco, q' se amansa, e se fás domestico; 5<sup>o</sup> *Apriá*<sup>56</sup>, pardo, escuro quazi preto; são as carnes faltas de gordura, macias e brandas, e se comem p<sup>r</sup> serem gostozas.

Rato<sup>57</sup> – Há de 7 especies: *Murganho*<sup>58</sup>, q' hé de mediano tamanho, sinzento, claro, focinho comprido, aguda a tromba, e venenozo: Outro cinzento mais escuro do focinho rombo: Outro mayor, e mais escuro, q' tira a preto<sup>59</sup>: o 4<sup>o</sup> hé o rato espinho<sup>60</sup>, q' os-tem miudos entre os cabelos: 5<sup>o</sup> hé *Oaquica*<sup>61</sup>, sim<sup>e</sup> a Doninha<sup>62</sup> no tamanho e feitio: 6<sup>o</sup> são huns Ratos m<sup>to</sup> gr<sup>es</sup> do tamanho de hum gato

### Folio 30r

pequeno, são pardos escuros p<sup>las</sup> cóstas e p<sup>la</sup> barriga brancasentos<sup>63</sup>; o Ultimo hé o Goabirú<sup>64</sup>, q' hé m<sup>to</sup> pequeno, vive no chão não sabe subir ao alto. São todos estes animais venenozos<sup>65</sup> nos dentes e na Carne alguns. Há tãobem outra casta de ratos chamados os de almiscar<sup>66</sup>, q' se achão só na America Setentrional.

Oiriso caxeiro – Hé animal do tamanho de hum coelho<sup>67</sup>; encolhe-se e poem-se redondo como hũa bola, todo coberto de espinhos misturados com o cabelo, q' hé ruivo, e são as armas q' lhe-deo a natureza p<sup>a</sup> a sua defeza; dispara os espinhos como setas, e depois de cravados, e cesado o impulso da agitação, vão-se enternando p<sup>la</sup> Carne dentro athé se imbutirem de todo. Há de 3 castas<sup>68</sup>, huns, q' tem o espinho do comprim<sup>to</sup> de meio palmo, da grosura do talo da penna de pato, com anéis brancos, e pretos: e outros, q' tem o espinho miudo, amarelo com a ponta preta; vivem estes animaes p<sup>lo</sup> chão, e sobre as arvores. Recolhem-se as vezes nos buracos do chão, e dos troncos: sustentão-se de frutos, e insectos; tem a carne macia, e saboroza; das tripas fazem-se singulares cordas p<sup>a</sup> viola, e outros instrum<sup>tos</sup>.

Cotia – Hé hũa especie de Lebre<sup>69</sup>: há de duas castas<sup>70</sup>: hũa quasi do tamanho da lebre, de côr asafroada, com mescla parda; e Outras mais pequenas todas pardas: hé animal derrabado como o coelho, senta-se direito com o corpo estacado p<sup>a</sup> sima, pega o comer com as mãoes e o leva a bôca: hé m<sup>to</sup> ligeiro de sorte q' fas cansar os caens q' andão a caça dele; morão nos buracos da terra e dos troncos, q' já se achão feitos p<sup>r</sup> outros animaes:

*Folio 30v*

sustenta-se de frutas, cocos, milho, e outras raizes, como a de Mandioca etc<sup>a</sup>; os seos coiros curtidos são m<sup>to</sup> bons p<sup>a</sup> calçado; tem 4 dentes adiante, dois em cima, e dois de baixo, q' servem de escopos goivos, m<sup>to</sup> bons p<sup>a</sup> lavar madeira, engastados com seos Cabos: os seos cabelos são bons p<sup>a</sup> pinças.

Arminho<sup>71</sup> – Hé hũa especie de ratos, do tamanho de hum coelho<sup>72</sup> pequeno; as suas peles são m<sup>to</sup> estimadas: huns são alvos, outros pardos, e manxados de hũa, e outra côr; vivem no chão em covas, e sobem as arvores, p<sup>a</sup> comerem frutas, dq' se sustentão, e de varios insectos; não chegão ao pé d'agua: acha-se este Animal na America Setentrional, e nos outros Lugares do Brazil encontra-se de diferente especie.

Há huns animaes do tamanho de hum gato pequeno, alvos, com duas riscas pardas<sup>73</sup>, q' principião na cabeça, e findão no rabo, q' o tem comprido, como gato, formando estas duas listras hum lavôr galante, ficando o branco no meio, e hũas pequenas manxas amarelas; e seo pelo hé finisimo, e m<sup>to</sup> vasto: andão estes animaes em terra, e nos rios nadão com m<sup>ta</sup> velocid<sup>e</sup>; de dia se-não vem; a carne hé fetida, e negra; querem alguns q' seja especie de gato, e outros de Lontra; apanhão-se nas redes presos, q<sup>do</sup> vão de noite furtar peixe p<sup>a</sup> comerem, ou nos covos, q' tem os pescadores.

*Folio 31r*

Lontra<sup>74</sup> – Hé animal, aq' alguns chamão cachorro d'agua, e p<sup>la</sup> lingua da Terra *Arivanha*; há de 4 especies; as maiores são da grosura de hum cão ordinario, m<sup>to</sup> mais compridas e rasteiras; há outras mais pequenas e minimas, do tamanho de hum gato: tem a cabeça, e dentes como cão; os pes e maons com cartilagens, como os pés do pato; unhas agudas, com q' prendem o peixe, e o levão á boca; o pêlo hé hũa lan m<sup>to</sup> branda, e rasteira, e p<sup>f</sup> entre ela tem cabelos compridos, e asperos; são pardos de hũa côr acastanhada, e m<sup>to</sup> lustroza; o coiro curtido hé excelente p<sup>a</sup> toda a qualid<sup>e</sup> de obra, e de m<sup>ta</sup> duração; a cauda hé do feitio de hum alfange; a carne hé negra, e fetida; vivem estes animaes nas aguas e nelas se-sustentão unicam<sup>te</sup> de peixe; sahem a terra a espojar-se, e a dormir em buracos, q' fazem nas margens dos Rios, aonde parem, e conservão os filhos, dando-lhes de mamar, athé serem capazes de os acompanhar; amansão-se, e fazem-se domesticos, como os mesmos Caens.

Anta<sup>74</sup> – Hé Animal q se acha em m<sup>tas</sup> p<sup>tes</sup> da America, e hé o q nas Indias Orientaes chamão *Grambesta*<sup>76</sup>.

Cresce até 5 palmos de alto, 7 de comprido, e 10 de grosura; há de 2 castas, brancas e sinzentas; sustenta-se de ervas, e frutas; hé m<sup>to</sup> feroz q<sup>do</sup> corre fugitivo, arre-benta troncos e páos grosos, e leva adiante de si; hé tão covarde, q' de q'q' sombra se-espanta, e foge; tem o fel por todo o figado, espalhado p<sup>r</sup> hūas veias m<sup>to</sup> sutis; pode estar de bx<sup>o</sup> d' agua 1 hora sem respirar

engorda

### Folio 31v

engorda este animal m<sup>to</sup>; a carne hé saboroza; o coiro hé m<sup>to</sup> duro, e rijo; pare hūa vez no anno; athé a id<sup>e</sup> de 1 anno são pintadas de br<sup>co</sup>, e dali em d<sup>e</sup> vão perdendo esa côr.

Onças – Há de m<sup>tas</sup> qual<sup>des</sup>, [...] aq' chamão Tigres<sup>77</sup>, azevixados, sem hum pelo difer<sup>te</sup>, da altura de 4 palmos, 7 de comprido e 2 de rabo. Há pintadas do tamanho do Tigre de 4 castas diversas<sup>78</sup>; os q' tem manchas pretas, e gr<sup>es</sup> em campo vermelhaso; as q' tem manchas pretas miudas em campo br<sup>co</sup> com o pesçoço longo e delgado, e pernilongas; as q' são manxadas de preto e branco, as costas fuscas, tambem pernilongas; e os q' não pasão de 2 palmos de altos com a manxa preta miuda em campo vermelho, a q' se chamão *Jagoatirica*, e p<sup>r</sup> outro nome *Bracayá asi*<sup>79</sup>. Seguem-se as *Suceranas*<sup>80</sup> do tamanho das pintadas sinzentas com hum frizo preto da ponta do nariz athé a do rabo: as *Jagoapitanga*<sup>81</sup> do tamanho das mais, vermelhas de côr de hum veado. A maior p<sup>te</sup> destes animaes são m<sup>to</sup> valentes, astutos, e a tudo investem, e comem: entrão nas Cazas, a furtar, e fazem hum g<sup>e</sup> damno em q'q' p<sup>te</sup> aonde se encontrão: os seos olhos de noite brilhão como luzes, parem aos 4 e aos 5 filhos.

Veados<sup>82</sup> – Há destes animaes 6 especies. Os prim<sup>os</sup> são os Cervos, aq<sup>m</sup> crescem as pontas, galhadas, e m<sup>to</sup> altas<sup>83</sup>. 2<sup>o</sup> os veados brancos, sim<sup>es</sup> ao Cervo<sup>84</sup>; 3<sup>o</sup> os veados pardos<sup>85</sup>; 4<sup>o</sup> outros mais escuros, altos, e pemilongos<sup>86</sup>; 5<sup>o</sup> os q' se chamão *virá*<sup>87</sup>, e por outro nome veado catingueiro; os ultimos são os mais pequenos, chamados *azuis*<sup>88</sup>, q' são rasteiros, compridos, cor azulada, e as orelhas maiores, do q' todos os mais.

A carne

### Folio 32r

A carne de todos estes animaes hé seca, porem comem-se, ainda q' custoza de digerir-se. São todos corniferos, a unha raxada; tem o fel entre as unhas dos pes; os coiros são bons p<sup>a</sup> todo o serviço, e imitão ao cordavão. O cervo hé animal formozo, cresce como hum novillo de 2 ã na altura e cumprim<sup>to</sup>; não na grosura, ornados com hūa coroa de pontas, q' largão em certo tempo, ou q' quebrão, q<sup>do</sup> chegão

a certo limite, as quaes tornão a nascer do feitio de hũa espiga de milho, moles com cartilagens, cobertas de cabelo, e em chegando ao cumprim<sup>to</sup> de hum palmo, vão esgalhando, largando o cabelo, e endurecendo. Quebrados estes, enq<sup>to</sup> não endurecem, rentes com o casco, e postos a escorrer, lansão de si hum oleo, q' hé m<sup>to</sup> medicinal: este mesmo oleo se tira dos quatro pés, quebrados e cozidos ao fogo, apanhado sobre a agua, e tãobem das canelas cruas, quebradas e postas a escorrer. Crião estes animaes hũa pedra branca no buxo, q' hé propriam<sup>te</sup> como a q' chamão na Azia *Bazar*<sup>89</sup>; tem o faro m<sup>to</sup> sutil; e achão-se em toda a America.

*Folio 32v*

[II] NOTICIA DE VARIOS BICHOS E INSECTOS Q' SE CONHECEM NO BRAZIL COM A DISTINÇÃO E CIRCUNST<sup>CAS</sup> Q' SE PODERÃO DESCOBRIR A ESTE RESPEITO

Lagartos<sup>1</sup> – Há 17 especies destes animaes; huns lavrados de verde, e amarelo, q' crescem athé 4 palmos de comprido, e proporcionada grosura; outros de branco, e verde; outros pardos com lavôres mais claros; todos estes do mesmo tamanho; tem as carnes alvas, e saborozas. Fazem estes animaes covas na terra, aonde habitão, e poem os ovos em acto continuado, cobertos de hũa pele grossa, de pura gêma sem clara algúa<sup>2</sup>; tem 4 pes, e andão de rasto. Recolhem-se nas suas covas no mês de M<sup>o</sup> com os seos provim<sup>tos</sup> de frutas, e folhas, aonde estão enerrados athé setembro; e então sahem das covas m<sup>to</sup> magros, e alguns sem rabo, q' o comem eles mesmos, e depois nasce de novo<sup>3</sup>. Há outro Lagartinho de quase palmo e meio todo verde chamado *Corô*<sup>4</sup> tãobem de boa carne, e sabor: outro q' anda p<sup>lo</sup> chão chamado *camaleão*<sup>5</sup>, q' tem hũa pedra na cabeça<sup>6</sup>. Há outros chamados *Sanambu*<sup>7</sup> de 3 palmos de comprido com hũa serra de ponta no focinho athé o rabo; huns são verdes, e outros pretos, fazem buraco na areia, principalmente nas margens dos Rios, aonde poem os ovos, q' são encascados, e alvos, e bem redondos do tamanho de hum limão pequeno; cobrem-nos com areia, donde sahem os filhos sem  
conhecerem os

*Folio 33r*

conhecerem os Paes. Pelos Sertoens encontrão-se huns animaes destes de difer<sup>te</sup> especie do tamanho de hurn Caxorro de fila, os quaes andão sobre os pés differentem<sup>te</sup> de todos os mais, lavrados de vermelho, e branco, o rabo curto, e grosso, a cabeça e bôca, como as do mesmo cão de fila, investem mas não sabem correr<sup>8</sup>. Achão-se mais seis especies de Lagartinhos; 2 q' andam p<sup>las</sup> paredes e penhascos, chamados *Lagartixas*<sup>9</sup>, lavradinhas de pardo escuro, e mais claro

com hum palmo de cumprim<sup>to</sup>. Há outras verdes pelas costas, e brancas p<sup>la</sup> barriga: outras dos matos lavradas de preto, e branco: outras pretas compridas, esguias, q' sendo dos matos, entrão nas cazas a casar grilos; outras do tamanho de hum dedo branquinhas com lavôr pardo q' vivem nas cazas. Há outra especie de Lagartos de palmo e meio de comprido, hum gemeo<sup>10</sup> de grosura, pretos p<sup>la</sup> barriga, as costas br<sup>cas</sup> salpicadas de estrelas pretas, os pes, e maons com cartilagens como de pato, o rabo alfanjado a cabeça redonda, boca vesgada como de cobra, p<sup>r</sup> dentro preta, os dentes míudos, e agudos, vanseiros no andar, e trepão por arvores, e penhascos: este animal existe no sertão, e os gentios afirmão q' o seo veneno há tão ativo, q' não tem remedio algum<sup>11</sup>. Há outro animal, ou sevandija sim<sup>c</sup> a esta, q' cresce athé hum palmo, o coiro lizo, pardo, sem manxas, com cartilagens nos 4 pes, unhas agudas, cabeça e boca como cobra, o rabo virado p<sup>a</sup> sima, coberto de hũas pontas a maneira de dentes mais brancasentas do q' o corpo, m<sup>to</sup> vagaroso no andar, vive p<sup>las</sup> cavid<sup>es</sup> das pedras, não toca na agua, nem em lugares húmidos, e hé tão venenozo, q' os mesmos animaes fogem dele naturalm<sup>te</sup> p<sup>r</sup> cauza do damno q' fás sim<sup>c</sup> qualid<sup>c</sup> de veneno<sup>12</sup>.

### Folio 33v

Escorpião<sup>13</sup> – Hé preto, do comprim<sup>to</sup> de 1 dedo, com bast<sup>es</sup> perninhas, 2 tizoiras p<sup>r</sup> diante, o rabo enroscado p<sup>a</sup> sima, e hum aguilhão na ponta dele com q' fere: o seo golpe cauza dores excessivas p<sup>lo</sup> espaço de 24 horas.

Lacraia<sup>14</sup> – Hé por outro nome *Santopeia* ou *miledibibus*, p<sup>los</sup> m<sup>tos</sup> pés q' tem; crescem do comprim<sup>to</sup> de hum gemeo, está em monturos, tem dentes, e ferrão com eles, cazando dores q' durão 3 athé 4 dias com inflamação, e esquecim<sup>to</sup> dos nervos. Há outras, q' não pasão do tamanho de hum dedo, q' de noite lansão de si hũa luz como fogo de inxofre<sup>18</sup>, não mordem, porem os seos corpos são um veneno finisimo.

Jacaré – Hé este animal terrestre, e aquatico, tanto vive em terra, como n'agua. Conhecem-se 3 especies: Os comuns<sup>16</sup> q' em q'q<sup>r</sup> p<sup>te</sup> se-achão: Outro chamado *Uruahy* ou *Jacare Mirim*. Os prim<sup>os</sup> crescem athé 4 palmos e comprim<sup>to</sup> e 1 e grosura, o coiro escamozo, goso, e m<sup>to</sup> duro, brancos p<sup>la</sup> barriga, pretos p<sup>r</sup> sima, a cabeça espinhoza, o rabo alfanjado, a boca rasgada, e guela m<sup>to</sup> estupenda: não tem lingua, dentes m<sup>to</sup> duros, e pungentes, nada mastiga e tudo engole inteiro; q<sup>do</sup> não achão n'agua e em terra q' comer, engolem pedras, páos, etc<sup>a</sup>. Os osos são durisimos, deles fazem os Gentios seos trinxetes, e furadores, amolando-os em pedras. Poem ovos do tamanho dos das perúas, alvos, a casca dura, espinhozos, como hum oiriso: cobrem os ovos com sisco, e em q<sup>to</sup> chocão não se apartão

daq<sup>le</sup> lugar, e tanto q' os filhos saem busca cada hum  
o seo giro, e a Mai fas o mesmo. Achando-se este  
animal em Lagôa, q' fica sêca, e não havendo outra,  
enterra-se 4 e 5 palmos p<sup>lo</sup> tejuco dentro; endurecido  
este, toma a respiração p<sup>r</sup> 2 agulheiros q' abrem-se  
com a força da respiração: nesta situação está athé  
haverem chuvas, q' fasão amolecer a terra. Os Caçadores\

os

### Folio 34r

os costumão apanhar nestes lugares conhecendo q' ali estão com ante-  
ced<sup>ca</sup> p<sup>los</sup> dois respiradoiros. A sua carne hé gorda, alva,  
dura, e de bom sabôr, ainda q' com cheiro de almiscar pro-  
cedido de duas bólas vermelhas do tamanho de balas de  
mosquete, q' tem nas verilhas entre o coiro, e a carne. O  
almiscar hé tão perfeito na fragrancia, e virtudes como o do  
Moscho Aziatico<sup>18</sup>; hé neces<sup>to</sup> para beneficia-lo, metê-lo em hum  
vazo de barro, tapado de modo q' lhe não entre o ar, e pôlo em  
p<sup>te</sup> com q' lhe-dê o sol, chuva, e sereno p<sup>lo</sup> espaço de 3 athé 4 mezes  
e depois guardado em vazilha de barro, ou de vidro; q<sup>to</sup> mais  
velho melhor se-fas.

O Jacaré *Ururahi*, e p<sup>r</sup> outro nome do papo ama-  
relo<sup>19</sup>, p<sup>r</sup> ter hũa papada, como de Boi, amarela, não pasa  
de 30 palmos, e chega a outros tantos de grosura; hé feróz,  
e investe sem temôr algum.

Há outra casta chamada *Jacaré merim*<sup>20</sup> sim<sup>e</sup> aos de-  
mais, porem não pasa de palmo e meio; vive na terra em  
buracos; e p<sup>r</sup> acazo vai a agua.

Tartaruga – Há de 6 qualidades, duas de terra, e quatro d'agua e de  
terra iguall<sup>te</sup>. As maiores, q' estão em agua salgada, rios,  
e em terra, tem 7 palmos de comprim<sup>to</sup>, 4 de largura, e  
2 de altura<sup>21</sup>. Há outras dq' se tira a sua casca p<sup>a</sup> di-  
versas obras<sup>22</sup>, são pequenas a proporção das outras, e vivem  
no mar. A 3<sup>a</sup> e 4<sup>a</sup> especie são os Cágados, q morão nos  
Rios, Lagoas, e sahem a terra; estes são maiores, outras  
mais pequenas<sup>23</sup>. Q<sup>do</sup> querem dezovar, saem as praias do  
Mar, ou dos Rios, fazem hũa cova na areia, em q lansão  
os ovos; cobrem-nos de areia, e mexem todos aq<sup>les</sup> arredores p<sup>a</sup>  
se-não achar facil<sup>te</sup> o lugar do seo ninho: em q<sup>to</sup> os fi-  
lhos não saem dos ovos, não se-apartão daq<sup>le</sup> lugar: susten-  
tão-se de limos, ervas, e mariscos; ficão m<sup>to</sup> gordas, e são saborozas.  
A 5<sup>a</sup> e 6<sup>a</sup> especie hé de terra, e não tocão n'agua: huns  
são maiores, e crescem athé 3 palmos, chamados *Jaboti*, e  
outros não pasão de palmo de comprim<sup>to</sup>, e quasi redondos  
com a casca transpar<sup>te</sup>; como as do Mar<sup>24</sup>. Tem os *Jabotis*  
as carnes m<sup>to</sup> saborozas; pastão ervas e frutas. Todos estes

Ani-

*Folio 34v*

Animaes podem estar sem comer, nem beber hum anno, ainda vivos: o *Jaboti*, q<sup>do</sup> hé velho, cria no buxo hũa pedra côr de terra<sup>25</sup>.

Cobra – Há destes animaes infinitas especies: porem só se dá relação de 23, descobertas no Brazil. O *Surucucú* hé de duas castas; *Surucucú legitimo*, e *Surucucú tinga*<sup>26</sup>; crescem athé 10 palmos de cumprim<sup>to</sup>, e 2 de grosura: o legitimo hé pardo com hum lavôr preto da cabeça athé o rabo a modo de *Jararaca* com hũas manchas vermelhas tiradas a côr de telha p<sup>los</sup> lados; hé ferocissimo, investe como q<sup>q</sup> fera; a sua dentada hé venenozissima; os q<sup>q</sup> delas escapão, ficão sem únhas, sem cabelos, e sem pele; os olhos de noite luzem, como candeias; poem-se em pé, fincando na terra hum aguilhão, q<sup>q</sup> tem na ponta do rabo, p<sup>a</sup> saltarem q<sup>do</sup> se embravesem; paseião comun<sup>te</sup> de noite. O *surucucu tinga* difere da outra em não ser tão bravo, e ter o lavor preto das costas em campo branco, e a barriga brancasenta.

A *Jararaca*<sup>27</sup> hé cobra q<sup>q</sup> não pasa de 3 1/2 palmos de grosura; parda com lavôr preto da cabeça athé o rabo, formando hũas rozas em meio do mesmo pardo: *Jararacosu*<sup>27</sup> hé especie dela, q<sup>q</sup> cresce athé 5 palmos, e 2 de grosura: há mais 3 castas delas, menores, todas de hũa similhansa. Há outra especie de *Jararaca*, vermelha côr de fogo<sup>29</sup>; *Boepeba*<sup>30</sup> tãobem hé especie de *Jararaca*; não pasa de hum palmo, hé m<sup>to</sup> venenoza, m<sup>to</sup> tarda no andar.

A *Cascavel*<sup>33</sup> hé sim<sup>e</sup> a *Jararaca* no lavôr, mas de diferente especie: cresce athé 7 palmos, e 2 de grosura; tem no fim da cauda os cascaveis, q<sup>q</sup> sacudindo, soão: cada anno cria hum cascavel, q<sup>q</sup> hé hũa cartilagem dura, e seca, como a casca do bizoiro, q<sup>q</sup> soão batendo hũas nas outras.

A *Coral*<sup>32</sup> tem aneis encarnados, pretos, e brancos: há outras desta especie com as mesmas côres em manxas.

não

*Folio 35r*

não pasão de 2 palmos, são delgadas, e m<sup>to</sup> venenzas.

*Caninanha*<sup>33</sup> listrada de amarelo em campo pardo cresce athé 6 palmos, e 2 de grosura com hum papo vermelho, q<sup>q</sup> q<sup>do</sup> investe, inxa m<sup>to</sup> mas a mordedura não mata. *Iriyio*<sup>34</sup> hé sim<sup>e</sup> em tudo a *Caninanha*.

A Cobra *Chata*<sup>35</sup> preta com hũas linhas amarelas da cabeça athé o rabo, q<sup>q</sup> parece hũa crista encordoada.

A cobra *sipó*<sup>36</sup> comprida, e delgada q<sup>q</sup> anda p<sup>r</sup> sima das arvores casando insectos, de fraco veneno.

As Cobras verdes<sup>37</sup> de 3 castas, maiores, menores, e minimas; outras verdolengas com cabeças azues.

A *Giboia*<sup>38</sup> com a cabeça, rabo, e escama como de Jacaré, cresce até 15 palmos, e 5 de grosura, m<sup>to</sup> ron-seiras no andar.

A cobra [...] chamada *Boyrú sangã*<sup>39</sup>, preta toda tirando a verdolenga, de 4 palmos de cumprim<sup>to</sup>, e proporcionada grosura; não morde, porem mata com o contacto de hum tenue gusmo, q' tem sobre a pele tão venenozo, q' faz ficar immovel a q<sup>m</sup> tocou, até espirar.

*Socort*<sup>40</sup> hé lavrada de branco, e pardo, escama miuda, e m<sup>to</sup> rija. Cresce até 30 palmos, e 6 de grosura, não morde nem tem veneno: vive n'agua, em terra, e sobre arvores, em q' se enleião; fas silada a todos os viventes, encobrindo-se p<sup>las</sup> ramas sem movim<sup>to</sup>, de sorte q' parece hum páo, e pasando q<sup>l</sup>q<sup>r</sup> creatura, dá-lhe com o rabo hum asoite, singindo-o com hũa, ou duas voltas, e apertando-a com tal força, q' a esmaga, ainda q' seja m<sup>to</sup> robusta, e de pois a arrasta ao pé d'agua aonde a engole inteira: de pois de engolida, dependura-se em hũa arvore até exmoer aq<sup>lc</sup> bocado, e depois fas viagem em dilig<sup>ca</sup> de outro. As peles desta Cobra, cortidas, são capazes p<sup>a</sup> q<sup>l</sup>q<sup>r</sup> obra.

*Licanso*<sup>41</sup> hé cobra de 2 cabeças p' ter a propried<sup>e</sup> de carangueijo, q' tanto anda p<sup>r</sup> hũa, como p<sup>r</sup> outra p<sup>te</sup>.  
hé

### Folio 35v

hé hũa especie de minhoca, vive de baixo da terra, e só sahe p<sup>a</sup> fora apurada do calôr, ou de inundações: não tem oso; faz o movim<sup>to</sup> p<sup>la</sup> pele, encolhendo-a, e estendendo-a: hé m<sup>to</sup> venenosa. Há m<sup>tas</sup> especies de minhocas, gr<sup>es</sup>, pequenas, e minimas; brancas, pretas, vermelhas, lizas, e lixadas, algũas venenozas, e outras não.

Todos estes animaes são p<sup>la</sup> maior parte oviparos, e m<sup>to</sup> venenozos, e p<sup>a</sup> o seo curativo se-tem descoberto m<sup>tos</sup> remedios.

Sapos – Há de m<sup>tas</sup> especies, e variedades. Há uns chamados *Rãm*, e p<sup>la</sup> fraze da terra *Giã*<sup>42</sup>: estas são de 3 especies; hũa q' vivem em lagôas e charcos, pardas quase pretas, brusudas, senturas delgadas, largão os ovos nas lagoas, envoltos em escumas, d'onde nascem os filhos com o feitio de peixinhos, sem pernas, porem com rabo, q' cae de pois q' crescem, e então nascem as pernas. As outras duas são mais pequenas, hũa brancasentas, outras pintadas com manxas brancas<sup>43</sup>; vivem em terra nos monturos, e buracos: são livres de veneno, e de bom sabor: o seo cantar hé hum ronco, como a vóz de q<sup>m</sup> geme. Há outra especie chamada *Intanha*<sup>44</sup>. São barrigudas, quasi redondas do feitio, e tamanho da copa de hum chapéo; os machos são mais pequenos do q' as femeas: tem hũa côr preta, tirada a sinzenta; vivem p<sup>los</sup> matos de terra enxuta, e nunca chegão a agua: dão um brado, q' se ouve em dist<sup>cia</sup> de meia legua: a boca hé disforme; os olhos gr<sup>es</sup> e encovados, e sobre eles tem hũa pontas de

carne, q' encolhem, e estendem q<sup>do</sup> respirão: o coiro hé duro, a carne alva, e de bom sabôr, os osos duros como os de galinha: segundo alguns tem hũa pedra na cabeça<sup>45</sup>, q' se engasta em anel aberto de sorte q' fique na carne p<sup>a</sup> preser-

### Folio 36r

preservativo de veneno: tem na bôca hũa tezoura com q' segura a preza p<sup>a</sup> o seo sustento. Há infinitas especies de sapos, q' vivem nas lagoas, em terra, em buracos, nos monturos, em arvores, e athé em telhados das cazas: tem diversos cantos, confr<sup>e</sup> as suas diversas especies; todos sao venenozos p<sup>r</sup> natureza, porem varião sobre o lugar em q' conservão o veneno: hé certo porem q' todos os animaes p<sup>r</sup> hum instincto n<sup>al</sup> fogem dos sapos.

Formigas – Há infinitas variedades: porem sempre se-tem descoberto 24 especies. Há hũas chamadas *Isá*<sup>47</sup>, *Quequem*<sup>48</sup>, q' são as Carreiteiras, q' despejão os seleiros, Manti-m<sup>tos</sup>, e as arvores: formigas ruivas de 3 castas, q' matão as outras, m<sup>to</sup> ligeiras, do feitio de aranhazitas: *Sanasará*<sup>49</sup> q' vive nos monturos, e paós podres: *Saquatinga*<sup>50</sup> q' morde muito; *Tocanguiras*<sup>51</sup>, q' cresce como a cabeça de hum dedo polegar; sua dentada faz gemer, e gritar 3 dias, e athé fás frios, e febres: Outra *Tocanguira*<sup>52</sup> mais delgada, e mais comprida, q' fás os mesmos efeitos: Outra formiga do mesmo tamanho pintada de preto, e branco<sup>53</sup>, q' fáz o mesmo damno: as formigas da matas [sic] *Correicoens*<sup>54</sup>, de 3 especies, maiores, menores, e mínimas, não tem veneno, mas a sua dentada hé m<sup>to</sup> pungente: hé formiga preta clara, q' mora nos páos podres: duas especies destas amarelas, e pretas, q' mordem, e fazem logo hũa queimadura: outras q' tem cazas nos galhos das arvores de duas castas, pretas e ruivas: *Cupis*<sup>55</sup> q' são formigas de 3 especies; as maiore fazem cazas do feitio de hum forno de 5 e 6 palmos de altura, de noite brilhão como fogo, p<sup>r</sup> terem hum gusmo transparente, com q' amasão o barro<sup>56</sup>: há outro *Cupi* q' faz caza no chão como panelas, e outro q' fás nas arvores e nas cazas, aonde causão g<sup>e</sup> damno.

### Folio 36v

Aranhas<sup>57</sup> – São todas venenozas, mais ou menos: não comem coiza corporea, mas só chupão a sustancia dos bixinhos q' prendem nas suas redes; das flores, dos frutos, e das folhas: tirão a masa, de q' tecem a rede, do seo proprio veneno, puxando-a em fios. Há de varias especies diferentes em tamanho, e feitio: a maior, chamada *Caranguejeira*<sup>58</sup>, cresce como hum carangueijo de mediano corpo, cabeluda e ronseira, vive nos buracos da terra, e dos troncos; hé tão venenosa, q' a sua dentada ainda q' não hé mortal, inflama o lugar ofendido, fazendo gritar em dores o paciente 3 e 4

dias: comumm<sup>te</sup> algũas picam com os dentes, e cauzão dores menos excessivas.

Cagalume – Este bixo, q' outros chamão *vagalume*<sup>59</sup>; no idioma geral dos Indios *Mamoan*; dos Peruanos, e Insulanos *Cucuyo*; dos Esp<sup>s</sup> *Gueros*<sup>60</sup>; se encontrão 5 especies; maiores do tamanho de hum dedo, mais pequenas, mais diminutos, menores, e minimos, q' não pasão do tamanho de hũa mosca; são todos gerados de baixo da terra, d'onde sahem no tempo das primeiras chuvas, em Setembro, e Outubro; são noctivagos; alumeão de noite p<sup>los</sup> matos, tem 4 azas, as de sima cascudas, as de baixo tenues: a luz, q' de si lansão, procede de um humôr sim<sup>e</sup> à clara d'ovo, de q' estão cheios, e aparese p<sup>los</sup> lados, e duas frestas, q' tem na cabeça, a maneira de olhos, sem q' o seião; este humôr hé venenozo, e de tal qualid<sup>e</sup> q' escrevendo-se com ele em hum papel, ou taboa, de dia se-não vê, e de noite brilha como o mesmo bixo; não tem olhos, governa-se p<sup>lo</sup> tacto de duas barbas compridas, q' tem a diante; chupa só a humid<sup>e</sup> da terra e das folhas; vive só seis mezes.

### Folio 37r

Puriacú<sup>61</sup> – Hé hum bixo do feitio de hũa lagartinha do cumprim<sup>to</sup> de hum dedo minimo; de dia está escondido no sisco, e de noite aparece luzente como o fogo com hũa luz clara como a lua; gera-se de baixo da terra, o seo veneno hé m<sup>to</sup> activo.

Gafanhotos<sup>62</sup> – Hé tãobem chamado louva a Deos p' levantar as mãons q' tem, direitas p<sup>a</sup> o Ceo: dizem q' se-gerão de páo podre: os q' tem este principio são pardos, compridos, do feitio de huns páosinhos: há outros q' são verdes de 3 diversas especies, q' poem ovos p<sup>los</sup> troncos das arvores.

Barboletas<sup>63</sup> – Há de imensas varied<sup>es</sup>; hũas q' poem ovos pelos tronco dos páos, d'onde a seo tempo sahem hũas lagartas, q' vivem pelas arvores, aonde morrem, sahindo-lhes de dentro a barboleta, ficando ali as cascas. Outras q' de pois de girarem algum tempo p<sup>la</sup> arvore comendo-lhe as folhas, tecem hum casulo de seda, coberto com paosinhos pendurados p<sup>los</sup> ramos, donde sahe a barboleta, deixando a casca dentro do cazulo, e vai girar athé ser tempo de pôr ovos, e morre em 6 mezes. Há m<sup>tas</sup> q' sahem de bx<sup>o</sup> da terra no tempo das chuvas, e q<sup>do</sup> estas acabão, morrem: Estas são as q' destroem a lavoura, e comumm<sup>te</sup> se chamão lagartas, e girão em chusmas do Levante ao Occidente com azas, fazendo destroiçõens p<sup>r</sup> onde pasão. Não tem estes insectos tamanho, e forma certa; p<sup>r</sup> q' são diversos confr<sup>e</sup> os climas; em alguns tem o feitio de lagartas, em outros de gafanhotos, bizoiros, pulgõens, baratas: m<sup>tas</sup> vezes sahem estas pragas geradas das mesmas arvores, p<sup>r</sup> cauza da sêca, demaziadas aguas, ou forsa da terra, e de pois de formados destroem a mesma planta d'onde procederão, como acontece nos q' desecão os canaviaes gerados no grelo da cana; os q' desecão os milhos: gerados nas astes e os q'

*Folio 37v*

[parte; neste mesmo fólio o Autor iniciou o capítulo sobre as Aves]

destroem o feijão, meloal, mandioca, gerados de hum gusmo a modo de escumas, q' as mesmas plantas crião nas folhas.

[III] NOTICIA DAS AVES, Q' SE CONHECEM NO BRAZIL, COM A DISTINÇÃO, E CIRCUNST<sup>CAS</sup> DE CADA HÛA DELAS

Aves

Papagaios – Há 21 especies, a saber: *Juruasú*<sup>1</sup>; *Jurumerim*<sup>2</sup>; *Jurueoa*<sup>3</sup>; *Corica*<sup>4</sup>; *Maetaca*<sup>5</sup>; *Maracanam*<sup>6</sup>; *Maracanan oasú*; *Coyucoyu*<sup>8</sup>; *teriba*<sup>9</sup>; *Nhandaya*<sup>10</sup>; *terenteren*<sup>11</sup>; *Urahy*<sup>12</sup>; *toim*<sup>13</sup>; *Coyucoyu merim*<sup>14</sup>; *Serericá*<sup>15</sup>; *sabeyácica*<sup>16</sup>; *Arara*<sup>17</sup>; *Canindé*<sup>18</sup>; *Arara vermelha*<sup>19</sup>; *Ararauna*<sup>20</sup>; *Ararinha*<sup>21</sup>: São todas estas aves verdes com diversas pinturas, excepto o *Canindé* q' hé azul pelas cóstas, e amarelo p<sup>la</sup> p<sup>te</sup> inferior; *Arara vermelha*, q' hé vermelha, e azul; *Ararauna*, q' hé azul ferrete, pedrêz, q' tira a preto: todas se-fazem domesticas, e aprendem a falar estando em caza em q' oisão falar. Fazem os seos ninhos em buracos das arvores, ou cazas de cupí<sup>22</sup>, formados de páoszinhs, das pennas, q' de si largão; chócão os ovos 15 e 20 dias maxo e femea alternadam<sup>te</sup>, d'onde sahem p<sup>a</sup> buscar e trazer o alim<sup>to</sup> p<sup>a</sup> o q' fica no chôco: os filhos se-sustentão em q<sup>to</sup> pequenos, do mantim<sup>to</sup> q' trazem no buxo, e o lansão p<sup>lo</sup> bico dos filhos; a sua multiplicação hé hũa vez no anno nos mezes de 9br<sup>o</sup>., Dezr<sup>o</sup> e Janr<sup>o</sup>: cada espécie anda de per si em bandos. Os Periquitos, q' são os chamados *toins* pelas Margens do Rio Paraguai andão em grandes bandos, e formão hum ninho sobre o mais  
alto

*Folio 38r*

alto dos arvoredos do tamanho de hũa caza, fabricada de páoszinhs, sisco e palha, q' endurece, e resiste aos tempos, fazendo cada hum na mesma casa a sua porta separada sobre si, q' acomoda 300, e 400 Periquitos<sup>23</sup>. Estas aves são m<sup>to</sup> limpas, não comem bixos, nem coisas imundas, sustentão-se de frutas, e sem<sup>tes</sup> das arvores; a sua Carne (excepto a da Arara) hé gorda, e saboroza.

Pombas – São conhecidas 11 especies: *Pomba trocal*<sup>24</sup>; *Pucasúet*<sup>25</sup>; *Pucasuroba*<sup>26</sup>; *Pucasuira*<sup>27</sup>; *Juriti*<sup>28</sup>; *Pucuhy*<sup>29</sup>; *Juritipiranga* aq' chamamos Rôlas<sup>30</sup>; *Picuípeba*<sup>31</sup>; *Picuípe merim*<sup>32</sup>; *Guiira*<sup>33</sup>; q' são as mínimas, chamadas rôlas brancas, *Pareri*, q' são pedrezes<sup>34</sup>. Fazem os ninhos sobre as arvores, nelas, e no chaon, buscão o sustento; fazem o ninho maxo, e femea, e chócão os ovos alternadam<sup>te</sup>; em q<sup>to</sup> vão buscar o sustento, ali-

mentão os filhos, pasando o mantim<sup>to</sup> de seu proprio buxo p<sup>a</sup> os dos filhos: a carne hé seca, e de pouca gordura  
 Perdiz – Há 7 especies; 3 q' vivem nos Campos, e 4 nos Matos: as do Campo são hūas, q' tem propriam<sup>te</sup> o nome de perdizes, p<sup>r</sup> serem sim<sup>es</sup> as da Europa<sup>38</sup>; hūas maiores brancasentas, outras menores, e mais escuras, e as minimas chamadas Codornizes<sup>36</sup>: todas tem as carnes duras e sēcas. As q' vivem p<sup>los</sup> matos são *Inambú*<sup>37</sup>, *Inambuasi*<sup>38</sup>, *Macuco*<sup>39</sup>, e *Jaó*<sup>40</sup>: são estas de melhores carnes no sabôr; os Macucos ainda são melhores, e no tamanho igualão a hūa perua. Estas aves são terrestres, derrabadas como as galinhas suras, vivem macho, e femea, poem de cada vez 10, e 12 ovos, todos eles roxos, e só o Macuco os poem alvos<sup>41</sup>; fazem ninhos, e crião os filhos, como as galinhas, todas cantão, e de verão tem o canto m<sup>to</sup> triste.

Jacú

### Folio 38v

Jacú – Hé do tamanho de hūa galinha com maior abund<sup>ca</sup> de pennas: há de 6 castas: *Jacutinga*<sup>42</sup>; *Jacúasi*<sup>43</sup>; *Jacúpema*<sup>44</sup>; *Jacúcaca*<sup>45</sup>: o mais galante nas cores hé o *Jacutinga* p<sup>la</sup> gala, q' veste de preto, e br<sup>co</sup>, topete formozo com seos coraeszinhas, como o Perú, e cartilagem de bx<sup>o</sup> do bico<sup>46</sup>: pastão todos nas arvores, e no chaó; os *Jacutinga*, e *Jacúasi* andão em bandos; os outros andão maxo e fêmea; esgravatão como as galinhas; fazem os ninhos sobre as arvores, e crião juntos Paes e Mais os filhos: tem huma guéla grossa com algūas voltas p<sup>lo</sup> exterior do corpo<sup>47</sup>, q' encaminha a moéla p<sup>la</sup> p<sup>te</sup> do oveiro p<sup>r</sup> onde recolhe o mantim<sup>to</sup> q' comem: engordão m<sup>to</sup> a carne hé tenra, e saborosa.

Araquan<sup>48</sup>. Hé ave q' imita ao Jacú no feitio, e tamanho, mas de diferente especie; são pardas, e tirão a vermelho, com aquéla p<sup>te</sup> exterior do corpo na forma da do Jacú: andão maxo, e femea, pastão no chão, aonde poem os ovos, e crião os filhos, até serem capazes de voar; cantão m<sup>to</sup>, e se-ouve a harmonia em distr<sup>ca</sup>, de hum quarto de legua: a carne hé de bom sabôr.

Uraponga – Hé do tamanho de hūa pomba domestica; o maxo alvo, e a femea verde no Brazil<sup>49</sup>; e no Mediterraneo os Maxos pretos, e as femeas pardas<sup>50</sup>; vivem nas arvores, sustentão-se de frutas: o seo canto hé como hūa Serra, q' está serrando, e no fim hum eco como a pancada de hum sino, q' se ouve de meia legua; chocão os ovos como as pombas: a carne hé sēca, e pouco gorda.

Pavão

### Folio 39r

Pavão<sup>51</sup> – Hé hūa Ave do tamanho de hūa galinha, aq' chamão alguns *Pavó*, toda preta com hūa membrana vermelha de baixo do bico sim<sup>e</sup> a dos Perúz, e na cabeça hum pe-

nacho, q', q<sup>do</sup> o encrespa, mostra pennas vermelhas, q' estão cobertas com as pretas: o seo canto hé hum ronco grande: vivem macho, e femea, não chegão ao chão, engordão m<sup>to</sup>, e a carne hé saboroza.

Tigui<sup>52</sup> – Hé do tamanho quasi de hũa perua, mesclada de pardo, e branco: anda solitaria, e p<sup>r</sup> acazo se-vêm duas juntas: vivem nos campos, e pantanaes; as carnes são duras e asperas, ainda q' saborozas.

Sorocohá<sup>53</sup> – Hé avezinha, q' com as pennas fas vulto de hũa pomba domestica, e o corpo tamanho de hũa noz, preta pelas costas, e o peito amarelo; os pés tão limitados q' tem as unhas pegadas a carne; a guéla m<sup>to</sup> larga; forma hum canto q' se-ouve hum 4<sup>o</sup> de legua; não chegão ao chão.

Anum – Há de 2 especies, *Anum legitimo*<sup>54</sup>, e *Anum Guasú*<sup>55</sup>, todos pretos azevichados, andão em bandos; fazem ninho em bandos tãobem, e nele poem todos juntos os ovos, chócão e sustentão os filhos em comum; tem as carnes pretas, e saudáveis<sup>56</sup>.

Japú – Hé ave q' vive em ajuntam<sup>tp</sup> de m<sup>tos</sup>: escolhem todos hũa arvore mais alta, e segura, e nela fazem a sua morada, fazendo os ninhos juntos huns dos outros, a maneira de huns sacos tecidos de cabelos de páo, palhas, e outras coisas sim<sup>es</sup>, presos estes com hum cordél admiravel m<sup>to</sup> fabricado. Naq<sup>les</sup> seos ninhos pouzão todo o anno, e neles  
crião

### Folio 39v

crião os filhos, nunca descem ao chão, nas arvores se sustentão de frutas, e de toda a imundícia q' nelas achão: são fetidas, e as carnes negras. Há de 4 especies *Japúasú* preto com o rabo amarelo<sup>58</sup>; Outros sinzentos com o rabo amarelo, bico e péz vermelhos, o seo canto hé corno o rincho de hum cavallo<sup>59</sup>: *Japú merim* preto com m<sup>ta</sup> parte vermelha com diverso canto<sup>60</sup>; e outros chamados *Japúiras* pretos, manxados de amarelos, grandes cantadores, e juntos fazem hũa suave arnonia<sup>61</sup>.

Picapáo<sup>62</sup> – Há grandes, e pequenos, pardos, pretos, pintados de preto e branco; huns com topetes vermelhos, outros amarelos, alguns de branco: são os maiores do tamanho de hũa franga, e os mínimos corno hũa andorinha; andão huns em bandos, e outros som<sup>te</sup> macho, e femea: tem as carnes duras, e saborozas: os bicos são de tal qualid<sup>e</sup> q' broquéão hum páo p<sup>r</sup> duro q' seja, fazem nele hũa concavid<sup>e</sup>, em q' morão, e crião os filhos, e q<sup>do</sup> trabalha neste seo ranxo, fazem um gr<sup>de</sup> estrondo.

Alecto<sup>64</sup> – Hé hũa ave formozissima do tamanho de hũa Perúa, vestida de belas plumas amarelas, brancas, e pardas; as carnes gordas, e saborozas: habita nas costas do Mar do Sul.

Urú – Por outro nome *Capoeira*<sup>65</sup>: são hũas aves como pombas pequenas, andão em chusmas; o seo vôo não pasa de 4 até 5 braças, cantão juntas, fazendo g<sup>e</sup> armonia de

manhã, e de tarde: todas juntas fazem o seo ninho no chão, em q' lansão os ovos e os chocão, pondo-se hũas, e tirando-se outras; os pintos acompanhão os Paes sem difer<sup>ca</sup> deste ou daq<sup>te</sup>: a sua Carne hé dura, e sêca.

Sorobá

*Folio 40r*

Sorobá<sup>66</sup> – Hé do tamanho de hum frango, pernilongo, o peito br<sup>co</sup>, as costas pardas, vivem no chão pelos matos mais serrados macho, e femea; sua carne hé alva, dura, e sêca.

Motúm – Hé quasi do tamanho de hũa perúia; há de 2 castas, hum de q' a femea hé pedrêz, salpicada de br<sup>co</sup> e preto, e o macho todo preto com huns penachos na cabeça m<sup>to</sup> galantes, e engrasados. Outros são os q' chamão *Motum de Crista*<sup>68</sup>, não q' a tenham verdadeiram<sup>te</sup>, mas sim p' q' tem o bico côr de lacre encarnado com hũa piramide da p<sup>te</sup> de sima, q' representa propriam<sup>te</sup> hũa crista: vivem estas aves nas Arvores, e no chão, em q' pastão, gravatão com os péz, e fazem roda, como os perúz; dão hum ronco q' atemoriza a q<sup>m</sup> os não conhece; andão maxo e femea; a carne hé dura, e pouco saboroza.

Tocano – Tem o bico do tamanho do corpo; há de 4 especies: *Tocano sú* do tamanho de hũa galinha pequena, preto pelas costas, o peito branco, o bico côr de oiro<sup>69</sup>; Outros menores, pretos com hũa faixa encarnada p<sup>lo</sup> peito<sup>70</sup>; Outros q' tem a faixa amarela<sup>71</sup>: e os mínimos, q' chamão *Arusahí*<sup>72</sup>: todas estas aves tem os péz como de Papagaio, são valentes, saqueão os ninhos das outras aves, roubão-lhes os ovos, e filhos; brigão com os gaviõens, ficando sempre de melhor partido p<sup>la</sup> ventagem dos bicos, O golpe dos quaes hé como o de hum cutêlo<sup>73</sup>; nunca descem ao chão, comem toda a imundícia, frutos, e bichos; a carne hé gorda, e saboroza.

Ave doirada<sup>74</sup> – Habita nas costas do Már pacífico, e Ilhas adjacentes athé as Malucas, Filipinas, e Costas d' Azia; chamada pelos Esp<sup>s</sup> *Apode*, e p<sup>los</sup> Indios *Manocodiata*, q' hé entre eles o mesmo q' dizer Ave de Deos, ou Coiza do Ceo. Hé Ave do  
tam<sup>o</sup>

*Folio 40v*

do tamanho de hũa pomba domestica; o feitio hé de andorinha, sem péz, com hũa garra sobre o bico, p' onde se dependura nas arvores p<sup>a</sup> pouzar; hé vestida de amarelo, branco, e côr de oiro; dispostas estas cores em tal proporção q' não parece natural.

Andorinhas – Há de 4 castas: hũas pretas, q' vivem nas montanhas, penhascos, e telhados das cazas<sup>75</sup>; outras da mesma côr, q' nunca chegão as Cazas<sup>76</sup>; outras branquinhas com os encontros pretos, q' comum<sup>te</sup> andão p<sup>los</sup> Rios, e morão nas pedras, e barrancos dos mesmos Rios, e do Mar<sup>77</sup>; e algũas g<sup>es</sup> todas pretas com hũa coleira br<sup>ca</sup> p<sup>lo</sup> pescoço, sem mais péz do q'

hũa garrita pegada a Carne<sup>78</sup>; estas andão pelos montes, e penhascos, aonde pouzão, e formão huns g<sup>es</sup> bandos, q' ocupão a região do ár: sustentão-se todas de mosquitos e moscas: a carne hé preta, dura, e de máo sabôr. Há outra Ave da propried<sup>e</sup> das Andorinhas, vermelhas, q' vive nos telhados, e rochedos, anda macho, e femea, e os Naturalistas lhe chamão *Sarça*<sup>79</sup>.

Corvos – Há de 3 especies: os q' andão em bandos, ajuntão-se de toda a p<sup>te</sup>, em q' se encontrão podridõens<sup>80</sup>, *Urubu*<sup>81</sup> q' se-dis Corvo dos grandes com o bico, e pez vermelhos, e coráes p<sup>la</sup> cabeça, como Perú, anda em cazaes, não forma bando, come podridõens, bixos, a cobras etc. Corvo branco<sup>82</sup>, q' tem som<sup>e</sup> os encontros das azas pretos, e todo o mais corpo br<sup>co</sup>, o bico encarnado, os olhos g<sup>es</sup>, ave m<sup>to</sup> galante: come tãobem podridõens, mas nunca se ajunta em bandos: a carne de todas estas aves hé preta, dura, e fetida: tem o olfato m<sup>to</sup> sutil, p<sup>lo</sup> q<sup>l</sup> de m<sup>to</sup> longe percebem a podridão.

Gralha<sup>83</sup> – Hé ave m<sup>to</sup> faladora, de q' há 4 especies: hũas q' andão em bandos p<sup>los</sup> matos, e são as maiores; o eco das quaes se ouve de meia legua: outras do mesmo modo: e outras duas Castas q'

#### *Folio 41r*

q' andão solitarias, e as vezes em cazaes: são todas abund<sup>es</sup> de pennas, e faltas de carnes, e estas pretas, Duras, e fetidas.

Emã<sup>84</sup> ou Ave Trus – As da Africa diferem das da America, em terem aq<sup>las</sup> as pennas mais formozas p<sup>a</sup> cocáes, e penachos, e estas tem mais esfarrapadas. São estas aves m<sup>to</sup> g<sup>es</sup> e chegão a tomar corpo como de hum novilho de 2 ã, e na altura m<sup>to</sup> mais p<sup>las</sup> longas pernas, q' tem: postas em pé, estendendo o pesçoço, alcansão com o bico em altura de 10, e 12 palmos: correm tão velozes, procurando sempre o vento p<sup>r</sup> de traz, q' não há outro algum animal, q' lhes iguale; e q<sup>do</sup> sentem q os Cavaleiros, e Caens as perseguem, virão em outra volta buscando sempre o geito do vento com hũa aza meio levantada com a maior presteza. Não formão vôo p<sup>lo</sup> g<sup>e</sup> corpo, q' tem, e incapacide das pennas: apanhão-se em forma de silada; esconde-se o Casador no Capím, ou amparado com hum escudo formado de ramos, q' se-chama *Bayá*, levado no braço esquerdo, e a espingarda na direita, ou tãobem p<sup>r</sup> algũa negação; mas tudo isto hade ser de sotavento, p<sup>r</sup> q' do outro lado conhece p<sup>lo</sup> faro em longitude m<sup>to</sup> distante; dá hum ronco tão g<sup>de</sup> q' atemoriza a q<sup>m</sup> o não conhece: engole tudo q<sup>to</sup> vê com os olhos capáz de lhe caber p<sup>la</sup> guéla, páos, pedras, ferros, bixos, folhas, frutos, etc. não tem papo, se-não hũa via q' vai a moéla, em q' tudo recolhe: vive nos campos, e cada cazal fas o seo ninho na terra solta, q' com os pez, e bico cavão, mechem, e moem, de sorte q' não fique torrão algum: poem os ovos hũa só vez no anno de M<sup>co</sup> athé Ag<sup>to</sup>, de cada pos-

tura 7 até 8 ovos, chocão-nos alternadam<sup>te</sup> o macho, e femêa, p<sup>r</sup> espaço de 40 dias, e q<sup>do</sup> sahem a pastar, não se-afastão dos ninhos até 30 braças: Os filhos sahem cobertos de hum pêlo macio, e alvo, e acompanhão os Pais hum anno, q' hé o tempo em q' fazem nova ninhada: A carne hé gorda, tenra, e de bom sabôr.

Sariema

#### Folio 41v

Sariema<sup>85</sup> – Hé especie de Ema da mesma côr, e feitio; não pasa do tamanho de hũa Perua com as pernas m<sup>to</sup> mais longas; e seo canto fas atroár os ouvidos ainda de m<sup>to</sup> longe: tem a carreira tão veloz, como a de hũa seta disparada até 50 e 60 brasas, donde virão em outra volta, q<sup>do</sup> são perseguidas, e q<sup>do</sup> cansão, sobem a hũa arvore.

Aves de Rapina – Há de inumeraveis qualid<sup>es</sup>, q' se-não distinguem. No idioma da terra todas são chamadas p<sup>r</sup> nominação generica *Togoató*: alguns em especial faze chamão distintam<sup>te</sup> o *Apacari*<sup>86</sup>, *Andahê*<sup>87</sup>, *Grogotori*<sup>88</sup>, *Zebele*<sup>89</sup>, *cicri*<sup>90</sup>, *Tapema*<sup>91</sup>, *Apohy*<sup>92</sup>, *Macaóan*<sup>93</sup>: todas as mais são geralm<sup>te</sup> chamados em côres [sic] *Gaviôens*, ainda q' diversos em cores, pinturas, e tamanho. Dos maiores hé o *Grogotori* do tamanho de hum peru, preto todo com hua manxa br<sup>ca</sup> no peito, e outra nas pontas das pennas da cauda, hum penacho m<sup>to</sup> alto, e formozo na cabeça; tem especie da aguia, em tudo sim<sup>e</sup> no tamanho, forma, e costumes.

*Cricri* hé pequeno, de 2 especies; huns todos manchados, e outros pretos p<sup>las</sup> costas. o mais br<sup>co</sup>; huns e outros são sim<sup>es</sup> aos q' na Eur<sup>pa</sup> chamão *Azor*<sup>94</sup>.

*Macaóan* asim chamado p' ser este nome o q' pronuncia em seo canto, q' de longe se ouve, casa cobras.

*Caboré* hé pardinho da-côr das folhas sêcas das arvores; em algũas regioens hé do tamanho da Andorinha e em outras como hum pinto q<sup>do</sup> nasce; apanha pasarinhos pequenos<sup>95</sup>.

Há outro Gavião do mesmo tamanho da Andorinha todo preto com hũa coleira branca p<sup>lo</sup> pescoço, q' fás buracos na terra, e a preza deste são formigas, e gafanhotos<sup>96</sup>. Outro do tamanho de hum picaflor, m<sup>to</sup> ligeiro, e persegue a q'q' ave g<sup>e</sup>, aguilhoando-a com picadas, de sorte q' p<sup>lios</sup> ares a vai levando, e chega a ferrar-se na Carne, e comê-la viva<sup>97</sup>.

Caracará

#### Folio 42r

Caracará<sup>98</sup> – Hé especie de gavião de 4 especies:

*Caracará asú* vermelhaso; outro preto pelas costas, o peito branco; outros fuscos, rajados de preto, e sinzento; e alguns todos pretos azevichados: esta ave os pasarinhos pequenos a depeção viva, p<sup>a</sup> de suas pennas formarem os seos ninhos<sup>99</sup>: sustenta-se de toda a imundicia de bixos, e podridôens,

briga com as cobras, e com hũa aza feita rodéla se defende delas, athé as vencer: fazem-se domesticos nas cazas e as-limpão de imundicias: a carne hé fetida, gorda, e dura.

Coruja – Tãobem hé ave de rapina, chamada no idioma da terra *Urucúrea*. Distinguem-se 9 castas: hũas q' fazem o vulto como de hum homem posto em pé, costas pretas, peito branco, dão hum berro q' se ouve 2 leguas: Outras do tamanho de hum Peru, pedrezes, tem a voz pequena: Outra chamada *Suindara* do tamanho de hũa perúa, as pernas calçadas de pennas, dá hum asobio quasi como hum gato, q' mêa, e se ouve quasi 1 4º de legua: há outras, brancas todas sem manxa algũa do tamanho de hũa galinha; outras pardas do mesmo tamanho, tãobem calsadas: Outras pequenas, q' criam nos telhados das Cazas, e dos Templos<sup>100</sup>.

*Jacurú tú*<sup>101</sup> hé Coruja sinzenta do tamanho de hũa galinha pequena, canta ao amanhecer, e ao pôr do sol, o seo canto fas soar *Jacurutu, tu*: dizem alguns q' se-parece com o Cuco da Europa; aonde poem os ovos, ali fas o seo ninho, e cria os filhos em comp<sup>a</sup> de maxo, e femea.

Há outra especie de Coruja, chamada *Rotáo*<sup>102</sup> brancasenta com mescla parda, o corpo do tamanho de hũa galinha, e a boca tal, q' cabe p<sup>r</sup> ela a cabeça de hum homem, cada olho do tamanho de hum limão; dá um brado q' se-ouve quasi de 1 legua. Todas as Corujas são Aves noturnas.

Bacuráo

### Folio 42v

Bacuráo<sup>103</sup> – Hé ave noturna, p<sup>r</sup> outro nome *Curiangú*, e conforme os indios *Urucurea*, comprehendida p<sup>r</sup> eles na especie gerál de Corujas: há 4 especies: maiores, menores, mais pequenas, e minimas: todas elas são fuscas, rajadas de pardo mais claro, e mais escuro: cantão de Agosto athé Janr<sup>o</sup>; paseião do pôr do sol athé romper a Alva, p<sup>r</sup> campos, praias, e caminhos juntos as Cazas: tem m<sup>tas</sup> pennas e poucas carnes, mas são gordas, e saborozas: largão os ovos na-terra, sem forma algũa de ninhos.

Sací<sup>104</sup> – Hé ave noturna, de limitado corpo, e gira de noite.

Morcego<sup>105</sup> – Há 5 especies. os maiores tem 2 palmos de hũa ponta da aza a outra, e pelo ruivo m<sup>to</sup> fino, e espalhado: outros as azas mais curtas, mais encorpados, abund<sup>es</sup> de pelo, e da mesma côr: outros de 3 especies, todos pretos, maiores, menores, e minimos; nascem alguns com casta de ratos, com azas, rabos, e maonszinhas. Param nos buracos dos páos, das pedras, das paredes, e nos montes de sisco: comem frutas de toda a qualid<sup>e</sup>, esgotão o sangue dos viventes; bebem agua: os Chinas comem a carne, e hé entre eles guizado de estimação. Tem-se feito exper<sup>ca</sup> q' este animal ferre os dentes em hum corpo humano, saca hum pedaço de carne, e p<sup>r</sup> ali chupa hũa

g<sup>e</sup> porção de sangue, sem q' ouvese ainda pesoa algũa,  
q' o sentise, e achase no acto; p<sup>r</sup> q' estando hum homem  
acordado, cauza hum sono intempestivo, e sobrenaturál,  
de modo q' o não sente se-não q<sup>do</sup> o bixo vôa.

*Folio 43r*

Garça – Há 4 especies: as maiores, postas em pé com o pescoço  
estendido, igualão a hum homem de estatura ordin<sup>a</sup>,  
estas tem plumas de q' se-podem fazer penachos, andão sol-  
itárias, e as vezes em cazaes. Outras mais pequenas  
q' andão em bandos, e voão m<sup>to</sup> alto<sup>106</sup>: Outras menores, q'  
andam tãobem em bandos, chamadas *Martelengues*<sup>107</sup>, e comem  
podridões com os corvos. Há outras da cabeça azul<sup>108</sup>,  
q' andão em cazaes; sustentão-se todas de peixes, cara-  
mujos, mariscos, e o q' crião as aguas: fazem os ninhos sobre  
as arvores mais altas, formados de troços de páos, q' le-  
vantão nas garras, poem os ovos hũa vêz no anno, saem  
os filhos cobertos de hũa felpa sutil, as Máis, e não os  
Pais, os sustentão com peixes e imundicias, q<sup>do</sup> chegão a  
voar são g<sup>es</sup>: a Carne não se-comem p<sup>r</sup> incapaz, dura,  
e fetida.

Bogoari<sup>109</sup> – Hé do tamanho, e feitio da garsa, sinzento com al-  
gũas pennas pretas nas azas, vive nos Rios e lagôas,  
fazem ninhos, e crião como as garsas: a carne hé ten-  
ra, e saboroza: vivem solitários.

Bigoá<sup>110</sup> – Tem o peito br<sup>co</sup>, sim<sup>e</sup> ao Bogoari no tamanho, e feitio,  
as costas pretas; a carne hé tenra, e saboroza. Bigoás  
pretos andão em bandos, as carnes não se comem p<sup>r</sup> in-  
capazes.

Tuyuyu<sup>111</sup> – Hé hũa Ave, q' posta de pé, perfilada, iguala ao mais  
alto homem na altura; hé branco de côr basa, cabeça,  
bico, e pez pretos; voão m<sup>to</sup> alto, comem peixe, e cobras; a  
carne hé dura, e trigueira, porem saboroza.

*Folio 43v*

Jaburú<sup>112</sup> – Hé sim<sup>e</sup> em tudo ao Tuyuyú, difere em ser mais  
encorpado; anda em bandos, e não vôa tão alto.

U[rati]p[o]ca<sup>113</sup> – Hé sim<sup>e</sup> aos sobred<sup>os</sup>, tem os encontros das azas  
pretos, o demais branco.

Taboyayá<sup>114</sup> – Hé do tamanho do Tuyuyú, tem os encontros, e pontas  
das azas pretos, os pez vermelhos, e melhor carne.

Guiraperitica<sup>115</sup> – Hé ave formozisima das Lagoas, e Campos, vestida  
de amarelo, preto, e pardo, do tamanho de hũa perúa.

Nhuma<sup>116</sup>. Não come peixe, e só ervas, e bichos da terra; porem a  
sua habitação hé nas Lagoas e Charcos; hé do tama-  
nho de hum Perú, negra com o peito br<sup>co</sup> a man<sup>a</sup> de  
hũa coleira; dá hum ronco, quasi sim<sup>e</sup> ao de Toiro, q'  
se ouve de 1 legua; a carne hé negra, e asqueroza.  
tem no alto da cabeça hũa Corneta da materia sim<sup>e</sup>  
ao do proprio bico, com hũa cruz na ponta, q' cresce  
athé hum gemo, a q' não nasce do casco, mas sim

da carne, p<sup>r</sup> q' a-move, levanta, e abaixa. Nasce-lhes em cada aza duas cornetas, hũa em cada junta, mais curtas, grosas e mais duras, q' são as armas com q' brigão: andão em cazaes.

Taan<sup>117</sup> – Hé outra especie de Nhuma, parda, sem corneta na cabeça, e só tem as das azas, gritão m<sup>to</sup> q<sup>do</sup> se-espantão: andão em cazaes; a carne hé desabrida.

Térotéro<sup>118</sup> – Hé sim<sup>e</sup>; andão em bandos p<sup>los</sup> campos, e lagôas, tem penachos na cabeça, e cornetas nas azas, manxadas de br<sup>co</sup>, e preto, a carne hé m<sup>to</sup> má.

Ocarão

#### Folio 44r

Ocarão<sup>119</sup> – Hé do tamanho de hũa galinha, pardos, faladores, a carne hé saboroza.

Patos<sup>120</sup> – Asistem nos campos, e Lagôas, a carne hé dura, e saboroza: são pretos com encontros br<sup>cos</sup>, e fazendo-se domestioas mudão de côres.

Marrecas<sup>121</sup> – Há de 6 castas: *Ariré*, q' são do tamanho de hum pato: pedrezes, pardas, queixo br<sup>co</sup>, picapera; e hũas como gansos no tamanho, e no grasnar: andão em bandos, poem os ovos ao pé das Lagoas, e sem serem cobertos, sahem os filhos, e se encaminham logo p<sup>a</sup> a agua, e no mesmo lugar poem todos os annos, se são desertos, aonde não vai gente q' as afugente: comem peixes, ervas, e imundicias do campo, e das aguas; a carne hé gorda, e saboroza.

Curucaca<sup>122</sup> – Andão em bandos pelos Campos e Lagôas, imitão as Segonhas.

Ave catinguenta<sup>123</sup> – Asim chamada p<sup>lo</sup> fetido, q' tem; são vermelhasas do tamanho de hũa galinha, de hum topete formozo, os bicos curtos, e grosos, pastão erva p<sup>las</sup> margens dos Rios: q<sup>m</sup> chega a por-lhe as maons, fica enjoado p<sup>lo</sup> fetido, q' deixa.

Masaricos – Há de m<sup>tas</sup> castas, em tamanho, e cores, habitão nos Rios, Lagôas, e Marinhas. os chamados *Matuiras*<sup>124</sup> tem boa carne; os pequenos é a *Alcyon*; os *Dias* são chamados *Alcyoneos*<sup>125</sup>: há de 2 especies maiores e menores chamados estes Alma de Mestrel<sup>126</sup>.

Ave peixe

#### Folio 44v

Ave peixe<sup>127</sup> – vive nas aguas, do tamanho de hum alcatráz, coberto de coiro aspero, as azas compridas, com hũas membranas como as do Morcego, o bico longo, e farpado; o rabo estendido, furcado como o de peixe; surge das aguas, estando o sol claro, bate as azas, levanta-se, vai aos Montes pastar, donde torna a recolher-se nas aguas: achão-se do Panamá p<sup>a</sup> bx<sup>o</sup> p<sup>r</sup> hũa, e outra Costa.

Curúcurú<sup>128</sup> – Ave parda, e escura, q' quasi tira a preto; como hũa galinha, as azas mais longas, o bico comprido, e arqueado, andão em Cazaes; a carne hé m<sup>to</sup> boa, e saboroza.

Sabacó<sup>129</sup> – Hé maiór do q' hũa galinha, o pescoso de 3 palmos, sinzentos, o bico preto; pastão de noite nas Lagôas e Marinhas; engordão m<sup>to</sup>; a carne hé fetida. Há outro Sabacó sim<sup>e</sup> a este, porem mais pequeno.

Socó<sup>130</sup> – Hé sim<sup>e</sup> ao Sabacó, mas de diversa especie, a carne hé melhor, e come-se. *Socóguaçú* e *Socó Merim* são de diversa especie, habitão nas Marinhas, Rios, e Lagôas.

Martim pescador<sup>131</sup> – Hé galante, listrado de azul, e br<sup>co</sup>, de 4 especies: maiores, de tamanho de hũa galinha, menores, mais pequenos, e minimos: os bicos longos, os péz como de Pagaio, fazem buracos nos barrancos dos Rios, em q' morão, e crião os filhos, tem o canto como o de hũa trombeta, q' se ouve ao longe; comem peixe e a carne tem o cheiro de peixe, e m<sup>to</sup> dura.

Saracura

#### Folio 45r

Saracuras – Habitão nos Charcos, Matos, e Margens dos Rios.

Há de 4 especies, as maiores vermelhaças, com o peito sinzento, bico verde, pernas encarnadas, andão em cazaes, e cantão de menhan e de tarde, se-ouvem ao longe<sup>132</sup>; a carne hé boa, alva, e saboroza: Há outras menores, e outras minimas, e algũas q' tem crista encarnada na cabeça, e são azuladas<sup>135</sup>. Há outras de diversa especie, e parecidas no feitio, chamadas *Saracurusú*, andão em bandos pelos matos e pastão p<sup>lo</sup> chão; são mais encorpadas do q' hũa galinha, os bicos longos e arqueados, pardas escuras, q' quasi parecem pretas; tem boa carne, e saboroza: fazem de noite hũa harmonia de diversas cores<sup>134</sup>.

Colheireiro – Habita nas Marinhas, e nos Rios: hé do tamanho de hũa galinha, cor de roza sêca, a carne hé branda, e saboroza; o bico do tamanho da mão de hum homem, o de bx<sup>o</sup> cavo, o de sima razo<sup>135</sup>. Há hũa especie de patos dos Rios e Lagoas, pedrezes, salpicados de preto, e branco, com um bico tal, q' nele lhe cabe todo o corpo<sup>136</sup>.

Guará<sup>137</sup>. Nasce preto, e de pois vae manxando athé q fica todo encarnado; anda em bandos p<sup>las</sup> marinhas: a carne hé indigesta.

*Gaevótas*<sup>138</sup> – *Trinta Reis*<sup>139</sup>, *Talha Mar*<sup>140</sup>, *Margulhão*<sup>141</sup>, *Al[ Catraz*<sup>142</sup>, andão nas Marinhas, vivem, e crião os filhos p<sup>las</sup> Ilhas.

Ave-

*Folio 45v*

[extremamente borrada]

Avezinhas menores – São m<sup>tas</sup>. O *Sabeáuna* chamado na Europa *Melro*, p<sup>los</sup> Esp<sup>s</sup> *Filomeno*, hé de mediano corpo; toda preta, [o bico curto, grosso e] branco tirado a amarelo, [estes são os das costas] do Brazil<sup>143</sup>. Do Mediterraneo e Costas Occidentaes são pardos, como vermelhasos<sup>144</sup>: Canta em todo o anno, e todo o dia excepto q<sup>do</sup> chove: vive só, em lugar agreste e desertos. Há outra especie de Sabeá, q' hé pardo chamado *Sabeá branco*<sup>145</sup>, do mesmo tamanho dos pretos, andão em bandos p<sup>los</sup> campos, cantão pouco aturado. O *Sabeá vermelho*<sup>146</sup> assim chamado hé preto pelas costas, o peito encarnado, anda em cazaes, pastão no chão; tem hum canto suave, alegre, e pouco aturado.

Melro<sup>147</sup> – Hé hũa ave de medeano tamanho, preta, com 4 manxas amarelas, duas nos encontros das azas e 2 nas Coxas; o bico comprido e arqueado, vive p<sup>los</sup> montes e lugares agrestes, macho e femea, tem o canto m<sup>to</sup> alto, suave, e variado.

Nhonorum<sup>148</sup> – Hé mais pequeno do q' o Melro, e a ele sim<sup>es</sup>; difere só em ser mais pequeno e terem os [...] cor verde com o peito cinzento.

Gaturamo<sup>149</sup> – Há de 5 especies: *Teeté*, *gratanhauma*, *Filó*, *Tibum*, e os de coleira. em todos as costas pretas e a p<sup>te</sup> inferior amarela e hũas [manchas] amarelas no topete, excepto o Filó que tem a cabeça azul; esses são os maxos; as femeas são [verdes; andão todos elles] aos pares, e cantão m<sup>to</sup>.

Sanhasú<sup>150</sup> – Há de 5 especies, sinzentos, azues, pardos, manxados, e listrados; cantão m<sup>to</sup>, andão em bandos os listrados, tãobem se-chamão Pegas.

Vira-

*Folio 46r*

Virabostas – São sim<sup>es</sup> aos Esturninhos de Europa<sup>151</sup>; há de 3 especies; maiores como pombas, medianas; todos pretos, o bico comprido, e agudo, andão em bandos, destroem as sementeiras de milho, e arrôz; tem hum canto alto, e pouco aturado. Outros mais pequenos, não formão tão g<sup>des</sup> bandos e destroem tãobem as sementeiras; cantão melhor<sup>152</sup>: Os ultimos são do tamanho de hum sanhasú, os maxos pretos e as femeas pardas, andão em cazaes, não fazem damno as sementeiras, cantão m<sup>to</sup>, gravatão nos curráes dos gados, o q' lhes fas apelar *virabostas*<sup>153</sup>.

Prexixe<sup>154</sup> – Hé do tamanho de hũa pomba, as costas pretas, a cabeça e peito br<sup>co</sup> e parecem hũa viuva com o seu capêlo, a cauda comprida com seo circulo br<sup>co</sup> na ponta, os pez e o bico curtos, andão solitarias, e cantão suavem<sup>te</sup>.

- Bailadeira<sup>155</sup> – Hé de tamanho de hũa andorinha, preta toda com seo topezinho, levanta-se m<sup>to</sup> alto, e então canta m<sup>to</sup>.
- Mariquitas<sup>156</sup> – São m<sup>to</sup> pequenas, amarelas p<sup>lo</sup> peito, as costas pardas: há de 2 castas, hũas cantão, e outras não.
- Perixões<sup>157</sup> – São táobem m<sup>to</sup> pequenas, pardinhas, os bicos quasi como o de Papagaio; destroem os arrozacs; há de 3 castas, vermelhas, pardinhas e mag [...]; todas cantão m<sup>to</sup> e andão em [bandos?].
- Bicudo<sup>158</sup> – Hé de medeano corpo, preto p<sup>las</sup> costas e peito côr de vinho, o bico curto e m<sup>to</sup> grosso, canta m<sup>to</sup>.
- Coleira<sup>159</sup> – Hé mais pequena q' o Bicudo, e com a mesma similhansa; hé de 3 especies, e todas cantão m<sup>to</sup>.
- Avinhado<sup>160</sup> – Hé da mesma qualidade, e diversa especie, canta m<sup>to</sup>.

### Folio 46v

[bastante borrado]

- Canarios<sup>161</sup> – Andão em bandos, pousão no chão, pardo p<sup>las</sup> costas, o peito amarelo, cantão m<sup>to</sup> suavem<sup>te</sup>.
- Pintasilvos<sup>162</sup> – São sim<sup>es</sup> aos canarios, e diferem por serem listrados e mais pequenos.
- Tié – Há de 3 especies: de hũa hé o macho encarnado e a fema mais branca<sup>163</sup>; de outra hé o macho preto, e a fema parda<sup>164</sup>, e de outra são ambos verdes com hũa crista na cabeça<sup>165</sup>; andão em cazaes, e ainda q' não cantão, são m<sup>to</sup> parlêras.
- Sahí<sup>166</sup> – São de m<sup>to</sup> galantes côres e [...] de 4 diversas espécies e cantão m<sup>to</sup> pouco.
- Picafôr<sup>167</sup> – Hé a ave mais pequena: há de 5 castas; as mínimas não pasão do articulo de hũa polegada com as azas estendidas: são huns pretos, outros verdes escuros, outros verde claro, e alguns doirados, e todos com tal propriede q' q<sup>do</sup> lhes-dá o sol mostrão q<sup>tas</sup> côres há, os biquinhos delicados, como hũas pontas de agulhas, as pernas, os olhos, as costas indivizíveis; fazem q<sup>do</sup> verão m<sup>tos</sup> gestos; sustentão-se do mel, e fluído das flores; vivem em cazaes; fazem antes o seo ninho como a metade de hum ovo de galinha, formado de palhinhas m<sup>to</sup> sutilm<sup>te</sup> tecido: poem os ovos do tamanho de contas de veloiros, chocão alternadam<sup>te</sup>, e da mesma forma crião os filhos.
- Bemteví – Há 4 especies; e são asim chamados p<sup>lo</sup> som do seo canto<sup>168</sup>.  
 Há outra q' pronuncia “já hé dia”<sup>169</sup>.  
 Outra, q' diz “Hoje hade chover”<sup>170</sup>.  
 Outra “Bem te conheço”<sup>171</sup>.  
 Outras, q' gritão toda a noite “ó rapaz”<sup>172</sup>.

### Folio 47r

Outra q' diz “João corta páo”<sup>173</sup>.  
 Outras do tamanho de pombas domesticas, pretas com o bico encarnado, andão em bandos, há hũa q' grita “como estaes formozo” e res-

ponde a outra “sim, sim, por certo”<sup>174</sup>.

Outra q' brada “triste dia”<sup>175</sup>.

Abelhas – Se-tem descoberto 24 especies: *Jatibi*<sup>176</sup>, *Jatihi merim*<sup>177</sup>, *Mombuca*<sup>178</sup>, *Mombucasú*<sup>179</sup>, *Borá*<sup>180</sup>, *BoraGuasú*<sup>181</sup>, *Borapitingua*<sup>182</sup>, *Mandasaiá*<sup>183</sup>, *MandoriGuasú*<sup>184</sup>, *Mandori Merim*<sup>185</sup>, *Tubuna*<sup>186</sup>, *Urapuby*<sup>187</sup>, *Tuyubusú*<sup>188</sup>, *Tuyumerim*<sup>189</sup>, *Itátá*<sup>190</sup>, *Tapiaíra*<sup>191</sup>, *Aquiquira*<sup>192</sup>, *Urupua*<sup>193</sup>, q' faz caza sobre as arvores, como as de formigas. *Uraxupé*<sup>194</sup>, q' faz caza nos gr<sup>es</sup> arvoredos, como as de Cupí, *Iboeira*<sup>195</sup>, q' fas caza de bx<sup>o</sup> da terra, a maneira de hum formigueiro, *Guayaquiquira*<sup>196</sup>, q' faz tãobem caza de baixo da terra, *Bojoim*<sup>197</sup>, *Iratim*<sup>198</sup>, *Mandaguabi*<sup>199</sup>. Todas estas fazem mel doce, e medicinal: há outra especie chamada “Sanharon”<sup>200</sup>, q' não fabrica mel, e hé corsaria das outras abelhas, q' o fabricão, forma brigas, acomete as suas cazas, mata-as, e lhes rouba o mel. Há alem destas outras especies de abelhas bravas, das q<sup>es</sup> algũas fazem mel, e outras não; fazem as cazas em tôcos de páo, e fora deles; há de varias formas, e de difer<sup>es</sup> materias, como são Vespas<sup>201</sup>, Maribondos<sup>202</sup>, tapiocabas<sup>203</sup>, Mangangas<sup>204</sup>, e outras inumeraveis. Há barboletas<sup>205</sup> de diferentes especies, esmaltadas de varias cores, voão p<sup>las</sup> arvores e pelos campos, e p<sup>r</sup> toda a p<sup>te</sup>, dq' se-não pode formar hũa individual descripsão p<sup>la</sup> sua vastissima multiplicid<sup>e</sup>.

### Folio 47v

[Título quase totalmente apagado]

[IV] NOTICIA DE VARIOS PEIXES<sup>1</sup> DE MAR E DE RIOS, Q' SE TEM CONHECIDO NO BRAZIL COM A DISTINÇÃO, E CIRCUNST<sup>CAS</sup> Q' SE TEM DE CADA HUM DELES

Baleia<sup>2</sup> – Cresce athé 80 palmos de comprim<sup>to</sup>, e outros tantos de grosura: na boca aberta, estacada com hum espeque, cabe hum homem em pé com vão p<sup>a</sup> manear hum machado, com q' a vai desfazendo: a garganta he estreita: tem olhos m<sup>to</sup> g<sup>es</sup> inclinados p<sup>a</sup> baixo: parem os filhos logo de 10 palmos e em q<sup>to</sup> novos os trazem as costas, e q<sup>do</sup> crescem os vão trazendo a trás de si; o filho acompanhã a Mai athé tornar a parir, sendo hum de cada vez; tem sobre a cabeça hũa fenda q' feixa e abre, p<sup>r</sup> onde recebe e lansa a respiração, e com este movim<sup>to</sup> aspira a agua p<sup>a</sup> sima, p<sup>r</sup> onde são conhecidas dos Pescadores, q' as procurão, as vezes em dist<sup>ca</sup> de 4 leguas. As barbatanas, dq' se fabricão varias manufacturas são as gueltras; as azas são de 9 palmos em cada lado; a sua arma hé o rabo, q' levanta, e bate com tal forza q' o q' apanha, faz em pedaços: tem osos m<sup>to</sup> g<sup>os</sup> mas moles, e de pouca solidez: a carne hé de febra, como a de q<sup>l</sup>q<sup>r</sup> animal terrestre, dura e incapaz, os toicinhos chegão a grosura de 2 palmos; deles se-tira o espermacete de duas

qualid<sup>es</sup>; hũa do figado frito ao fogo, e outra de huns bolsos q' só se achão em certa especie deles, q' não necessita de fogo p<sup>a</sup> o liquidar: rende cada pescado desses 300\$ r<sup>s</sup> nos azeites, carnes, e barbatanas, ficando a metade em desp<sup>as</sup>. Crião-se estes peixes nos Mares Austráes, e Setentrionáes, naq<sup>les</sup> maiores e nestes menores: saem a correr as costas da Americaças [sic] do sul em dilig<sup>ca</sup> do calor do sol, q' lá  
lhes falta

*Folio 48r*

lhes falta.

Gibalte<sup>3</sup> – Hé especie de baleia, q' não pasa de 30 palmos; cria-se p<sup>las</sup> mesmas Costas.

Casõens<sup>4</sup> – Há de 8 especies conhecidas: *Bôto*<sup>5</sup>, *Tubarão*<sup>6</sup>, *Tintoreira*<sup>7</sup>, *Aniquim*<sup>8</sup>, *Espadarte*<sup>9</sup>, *Cornuda*<sup>10</sup>, *Viola*<sup>11</sup>, *Casão branco*<sup>12</sup>; são todos peixes de coiro, huns de lixa, e outros não; as carnes desabridas, e incapazes: os mais notaveis são os *Aniquims* q' crescem athé 20 palmos, grosos, os coiros alvos, ligeiros e valentes; apanhão hum cavallo, ou outro animal sim<sup>e</sup>, e em dois bocados o tragão, saltão nas Emb<sup>s</sup> e levão nos dentes o q' achão, atirão botes às Canoas, emq' fazem g<sup>e</sup> estrago. O Tubarão ingole tãobem de hum bocado q'q<sup>r</sup> animal. A Tintoreira tãobem hé atrevida, e cresce athé 20 palmos. Os Espadartes não pasão de 12, e tem a ponta do focinho levada, de hum oso duro de 5 palmos, com o feitio de hũa folha de espada colombrina com hũas pontas como dentes de cão em cada volta. Os Botos não pasão de 7 palmos, andão em cardumes, e são covardes; crião toicinho sobre a carne como a Baleia. O Casão br<sup>co</sup> chega a 9, e 10 palmos, são fa- ceis de se-pescarem: estes e as Cornudas são mais ca- pazes de-se-comerem. A viola hé a mais pequena, e não pasa de 3 palmos, chata como hũa taboa: São to- das estas especies de peixes viviparos, e parem per- feitam<sup>te</sup>,

Bacalhão<sup>13</sup> – Hé peixe, q' se cria nas Costas d'America Setentrio- nal, aonde se-pesca em m<sup>ta</sup> abund<sup>ca</sup>. nos mares, emq' correm as aguas p<sup>a</sup> o Sul, procurando o calôr do sol, q' lhes falta; são m<sup>to</sup> vastos os seos cardumes nese tempo, e pescão- se com anzóes.

Baleotes

*Folio 48v*

Baleote<sup>14</sup> – Não pasa de 30 palmos, cria-se e vive em todas as Costas da America Setentrional e Austral, não pa- são de 14 e 15 grao Sul, isto hé, os das Costas Orien- taes, e não os das Occidentáes: são as suas carnes saborozas, e o toicinho de m<sup>to</sup> rendim<sup>to</sup> nos azeites, q' deles se tirão; não hé especie de Baleia.

Peixe gente<sup>15</sup> – Hé peixe q' cresce athé 8 palmos, de escama miuda, e brancasenta, com barbatanas como os demais peixes,

a cabeça como de homem no feitio, sem forma de cara, mas tão som<sup>te</sup> a boca no mesmo lugar: acha-se pelas Costas Austraes, e Californias.

Peixe Anjo<sup>16</sup> – Hé assim chamado p<sup>r</sup> ter tãobem a cabeça sim<sup>e</sup> a do Homem, e o corpo como de hum casão, o seo coiro hé como lixa, de q<sup>'</sup> se-cobrem estojos, bainhas etc<sup>a</sup>: acha-se nas Costas Setentrionáes, e tãobem nas do Brazil.

Peixe porco<sup>17</sup> – Tem a cabeça e tromba como o Porco, cresce athé 7 palmos nas Costas Setentrionáes, e nas do Brazil não pasa de meio palmo.

Xaréos<sup>18</sup> – Há de 5 especies: Xareo verdad<sup>o</sup>, q<sup>'</sup> chega a 5 palmos, outros menores, Xareletoens<sup>19</sup>, Xareletes<sup>20</sup>, e Xareletinhos<sup>31</sup> são todos de bom sabôr, e principalm<sup>te</sup> as ovas. Crião-se pelas Barras dos Rios, e Enseadas da Costa d'America Austral, donde sahem em cardumes p<sup>a</sup> a Linha do mês de M<sup>co</sup> em diante, procurando o calôr do sól.

Olho de Boy piranga<sup>22</sup>, e Bacarnarte<sup>23</sup> – são parecidos, e tem diversa especie: chegão a 7 palmos; são nocivos e não tem bom gosto.

Galos<sup>24</sup> – Há de 3 especies; maiores, menores e minimos; crião-se nas Cóstas Austráes, e correm com os mais peixes.

#### Folio 49r

*Tainhas*<sup>25</sup>, *Paratiz*<sup>26</sup>, *Sororócas*<sup>27</sup>, *cruvinas*<sup>28</sup>, *Panapana*<sup>29</sup>, *Cavalas*<sup>30</sup>, *pescadas*<sup>31</sup> de 3 castas, as maiores de 7 palmos, menores, e minimas; *Sardinhas*<sup>32</sup> de 7 especies; *Manjuba*<sup>33</sup>, peixezinho vermelho do tamanho de hũa unha, em g<sup>es</sup> cardumes q<sup>'</sup> ocupão as vezes 500 braças do mar: todas estas especies crião-se nas Costas Austráes, e correm p<sup>r</sup> o Norte, q<sup>do</sup> lhes falta o sol.

Os q<sup>'</sup> se-crião p<sup>las</sup> Costas, e nelas habitão, são *tainhas* de duas castas; *Paratiz* de 3; *robalos*<sup>34</sup> de 3 especies de bom sabor.

Camboropi<sup>35</sup> – Hé desabrido, chega a 10 palmos, sem sabor, e m<sup>to</sup> nocivo.

Mero<sup>36</sup> – Chega a 12 palmos, e outros tantos de grosura; hé m<sup>to</sup> estimado, saborozo, e salutífero.

Badejos<sup>37</sup> – São m<sup>to</sup> bons athé p<sup>a</sup> doentes.

Carapebas<sup>38</sup> – Há de 3 especies e todas m<sup>to</sup> saborozas.

*Canhanhas*<sup>39</sup>, *Caicanhas*<sup>40</sup>, *Caratingas*<sup>41</sup> são todas m<sup>to</sup> boas.

Pirageréba<sup>43</sup> – Hé saborozo, porem carreg<sup>o</sup> p<sup>a</sup> doentes.

Enxada<sup>43</sup> – Hé bom athé p<sup>a</sup> doentes.

Bagres<sup>44</sup> – Há de 14 especies; saborozos, e ruins p<sup>a</sup> doentes.

Pirauna<sup>45</sup> – p<sup>r</sup> outro nome *Piraguaya* chega a 7 palmos, hé saborozo, e não serve p<sup>a</sup> doentes.

*Pargos*<sup>46</sup>, *Sargos*<sup>47</sup>, *Roncadóre*<sup>48</sup>, *Vermelhos*<sup>49</sup> – todos são sim<sup>es</sup>, saborozos, e ruíns p<sup>a</sup> doentes.

*Corocorócas*<sup>50</sup>, *Mixóles*<sup>51</sup> são bons p<sup>a</sup> doentes.

Linguado<sup>53</sup> – Há de 5 especies, e são bons p<sup>a</sup> doentes.

Araias<sup>53</sup> – Há de 5 castas: de lixa, pintada, preta, vermelha, Jamanta<sup>54</sup>: hũas ovíparas, e outras vivíparas; nocivas, e ruins no sabôr.

*Folio 49v*

Voador<sup>55</sup> – Hé peixe bom p<sup>a</sup> doentes.

Caxorrinho<sup>56</sup> – Hé nocivo, e de máo sabor.

Obarana<sup>57</sup>, Savelha<sup>58</sup>, Moreia<sup>59</sup>, peixe espada<sup>60</sup>, Agulha<sup>61</sup>; não tem estimação: a Moreia das pedras hé boa p<sup>a</sup> doentes.

Caibocú<sup>62</sup> – Hé o peixe-rei, de pouca estimação.

Moganga<sup>63</sup> – Hé peixe q' mora nas pedras, e concavid<sup>es</sup>; canta como o som de frauta, hé espinhozo, saborozo, e máo p<sup>a</sup> doentes.

Beijupirã<sup>64</sup>, Corimã<sup>65</sup>, Pacú<sup>66</sup>, Guaracemã<sup>67</sup>, Jaguarana<sup>68</sup>; são de bom sabor, e máos p<sup>a</sup> doentes.

Baiacú<sup>69</sup> – Há de 4 especies: coberto de esporõens do comprim<sup>to</sup> de hum dedo, e duros como ferro; Baiaciurã<sup>70</sup> lavrado de azul e br<sup>co</sup>; Baiacú Merim<sup>71</sup> táobem lavradinho, e huns minimos táobem pintadinhos: não se-comem são todos venenozisimos.

Cangaoá<sup>72</sup> – Hé peixe sem gordura, de pouco sabor, e bom p<sup>a</sup> doentes.

Carapicú<sup>73</sup> – Não pasa de meio palmo, bom p<sup>a</sup> doentes.

Piratinga<sup>74</sup> – Hé peixe do Rio chega a 30 palmos de comprido, e 20 de grosura; o coiro lizo, brancasento, cria toicinho de 3 dedos de grosura sobre a carne, hé saborozo, e máo p<sup>a</sup> doentes, pesca-se com anzões, e são oviparos.

Peixe Boi<sup>75</sup> – Hé do Rio: cresce athé 12 palmos, e outros tantos de grosura tem a cabeça, focinho, boca e orelhas do feitio de Boi; o coiro duro, e preto, carne aspera e saboroza: fazem-se deles g<sup>es</sup> pescas pelas Barras dos Rios Gram Pará, e dahi p<sup>a</sup> o Norte, de q' se provém os Navios q' navegão p<sup>a</sup> Europa, e táobem os levão os Olandeses, e Franceses p' negocio: parem filhos perfeitos.

*Folio 50r*

Bôros<sup>76</sup> – Achão-se em todas as vertentes do Rio Gram Pará menos mais p<sup>a</sup> o Norte; são do feitio de hum Tubarão, de 10 palmos de comprim<sup>to</sup>, hũa frésta sobre a cabeça, p' onde respirão, focinho m<sup>to</sup> comprido, hũa barbatana nas cóstas, e huns como brasos, q' feixão e abrem; são velozes na carreira, pescão-se com harpõens, crião toucinho como o de porco, as carnes são desabridas e fetidas; são viviparos.

Soborí<sup>77</sup> – Hé do Rio, sim<sup>e</sup> no feitio ao Piratinga<sup>78</sup>, o coiro lavado de branco e preto, não pasa de 15 palmos; a carne hé saboroza, e ruim p<sup>a</sup> doentes, e acha-se nas vertentes do R<sup>o</sup> de S. Fran<sup>co</sup>.

Piracambucú<sup>79</sup> – Hé do Rio; do feitio e cõr do Soborí, não pasa de 6 palmos, hé saborozo.

Piracaxeara<sup>80</sup> – Hé do Rio, quasi sim<sup>e</sup> ao Piracambucú, mas de diferente especie.

Barbado<sup>81</sup> – Hé de Rio; tem o coiro br<sup>co</sup>; não pasa de 4 palmos, hé saborozo, e ruim p<sup>a</sup> doentes.

Bagres<sup>82</sup> – No Rio se descobrem 17 especies, amarelos, brancos, gorizes<sup>83</sup>, Mandís<sup>84</sup>, lavrados, maiores e menores, todas tem a mesma forma: Juropócas<sup>85</sup>, palmitos<sup>86</sup>, jurupense<sup>87</sup>, são saborozos

e desabridos p<sup>a</sup> doentes. *Jauú*<sup>88</sup> cresce até 10 palmos, asquerozo, e m<sup>to</sup> nocivo. *Jaupeba*<sup>89</sup> hé menor, e não tão nocivo. *Pirarara*<sup>90</sup> hé especie de *Jauú* também nocivo.

*Pescadinhas*<sup>91</sup> e *Corvinas*<sup>92</sup>. Há no Rio sim<sup>es</sup> as do Már, saborozas e boas p<sup>a</sup> doentes.

Doirado<sup>93</sup> – Hé do Rio, chega a 5 palmos, hé saborozo, e bom p<sup>a</sup> doentes.

### Folio 50v

Piracamjuba<sup>94</sup> – Hé do Rio, saborozo, e bom p<sup>a</sup> doentes.

Piabanha<sup>95</sup> – Hé do Rio; côr de asafrão, saborazo, e bom p<sup>a</sup> doentes.

Pirapitanga<sup>96</sup> – Hé do Rio de 2 especies, ambas saborozas e boas p<sup>a</sup> doentes.

Pirapitinga<sup>97</sup> – Tudo como asima.

Matrinção<sup>98</sup> – O mesmo.

Pacuasú<sup>99</sup> – Hé do Rio, de 4 palmos de comprido e 2 1/2 de largo, saborozo, e ruim p<sup>a</sup> doentes.

*Pacú merim*<sup>100</sup> – e *Pacupeba*<sup>101</sup> são sim<sup>es</sup> em sabor e qualid<sup>c</sup> ao Pacúasú.

*Abotoado*<sup>102</sup> – Hé do Rio, fetido e desabrido.

Pirajaguara<sup>103</sup> – Hé de Rio, saborozo, e ruim p<sup>a</sup> doentes.

Jacundá<sup>104</sup> – Hé do Rio, de pouco sabor, e bom p<sup>a</sup> doentes.

Epiaba<sup>105</sup> e Epiabusú<sup>106</sup> – são do Rio, de bom sabor, e ruins p<sup>a</sup> doentes.

Corumatan<sup>107</sup> – Hé de Rio, boa p<sup>a</sup> doentes.

Rayas<sup>108</sup> – Achão-se no Rio de todas as castas, como as do Mar; os ferrôens q' tem no rabo são venenozos, estando vivo o peixe.

Sardinhas<sup>109</sup> – Achão-se no Rio de varias castas sim<sup>es</sup> as do Mar.

Cangáoá<sup>110</sup> – Taubarana<sup>111</sup> – Tayabucú<sup>112</sup> – Solteira<sup>113</sup> – Cumbaca<sup>114</sup> – São todos do Rio, e de bom sabôr.

Oacarí<sup>115</sup> – Hé do Rio, cascudo, coberto de esporôens p<sup>r</sup> sima, saborozo, e bom p<sup>a</sup> doentes: há deles duas especies e crescem até 2 palmos.

Piracicica<sup>116</sup> – Hé do Rio, do comprim<sup>to</sup> de 1 palmo, e 1 polegada de largura, tem o jeito de hũa ponta de espada, alvo, vive de bx<sup>o</sup> das areias.

### Folio 51r

Pirarara<sup>117</sup> – Hé do Rio, do feitio e tamanho do *Pegador*<sup>118</sup>, q' vive no Mar ferrado nas Baleias; ferra-se nos páos e fas presa dos peixinhos pequenos.

Piranha<sup>119</sup> – Hé do Rio, e parece com hũa tizoira; corta hum anzol de aso, não pasão de 1 palmo de comprido, e 1 gêmeo de largura, chatos, da grosura de 2 dedos, são saborozos e bons p<sup>a</sup> doentes: há de 4 castas; brancos, pretos, amarelasos, e vermelhos; tirão hũa posta de carne de q<sup>m</sup> se lansa ao Rio com a maior ligeireza q' se pode pensar.

Sagoa<sup>120</sup> – Hé do Rio; não pasa de 4 dedos de cumprim<sup>to</sup> e 3 de largo; hé saborozo, e máo p<sup>a</sup> doentes.

Alambari<sup>121</sup> – O mesmo.

Pequira<sup>122</sup> – Hé do Rio, não pasa do tamanho de hũa unha; há de 2 especies, chatinhos, e roliços; são saborozos, e maos p<sup>a</sup> doentes.

Sairú<sup>123</sup> – Hé do Rio, do comprim<sup>to</sup> de meio palmo: q<sup>do</sup> cria ova, esta hé do tamanho do corpo: hé bom p<sup>a</sup> doentes.

Ijujú<sup>124</sup> – Hé do rio; chega a palmo e meio, m<sup>to</sup> bom p<sup>a</sup> doentes.

Jaubira<sup>125</sup> – Hé do Rio, do tamanho de 1 palmo, tem a ponta do rabo com o feitio de hum sovelão; hé bom p<sup>a</sup> doentes.

Tramelga<sup>126</sup> – Hé do Rio, do feitio de hũa cobra, cresce athé 5 palmos, o rabo alfanjado, a cabeça redonda, a boca rasgada como cobra, hũa sernelha limitada p<sup>la</sup> p<sup>te</sup> de bx<sup>o</sup>, as costas boleadas, pardo escuro com seos lavôres mais claros, em-gorda m<sup>to</sup>, de bom cheiro e sabor: pesca-se com anzol e em terra atura vivo cinco dias: tanto n'agua como em terra, estando vivo, tocando q<sup>lq</sup> nele com a mão, ou com outra q<sup>lq</sup> coiza, e ainda não tocando, só com o ameaso, esmorece todo o lado da p<sup>te</sup> do impulso p<sup>r</sup> espaço de meyo quarto de hora. Hé saborozo, e máo p<sup>a</sup> doentes.

### Folio 51v

Taes peixes encontrão-se na America Austral em todas as vertentes q<sup>r</sup> correm p<sup>a</sup> o Norte, e em toda a America Setentrional.

Trairas<sup>127</sup> – Crião-se e morão em Lagoas e aguas emposadas: crescem athé 4 palmos, e q<sup>do</sup> seca a agoa vão p<sup>a</sup> terra procurando outra.

Morobá<sup>128</sup> – Jundiá<sup>129</sup> – Acará<sup>130</sup> – Camboatá<sup>131</sup> – Mosúm<sup>132</sup>, e outros crião-se nas Lagoas – nestas se-crião tãobem camarôens: Hũa especie de Tatú, a q<sup>r</sup> chamão *Tatuira*<sup>133</sup> do tamanho de 2 polegadas, crião ovas no exterior da barriga, e vivem enterrados na areia do Mar: São saborozos: o mesmo se encontra nos *Pulgões*<sup>134</sup> do tamanho de hum bago de monição.

Lagosta<sup>135</sup> – Chega a palmo e meio, hé cascuda, e saboroza, porem ruim p<sup>a</sup> doentes.

Lagostim<sup>136</sup> – O mesmo, mas hé mais pequeno.

Tamarú<sup>137</sup> – O mesmo; m<sup>to</sup> mais pequeno.

Orisos<sup>138</sup> – São hũas bolas do tamanho de hũa laranja, cobertos de espinhos duros e pungentes; huns pretos, outros brancasentos, azues, e vermelhos. Crião-se no Mar, são saborozos, e m<sup>to</sup> maos p<sup>a</sup> doentes.

Carangueijos<sup>139</sup>. – Há de m<sup>tas</sup> especies no Mar, e nos Rios. Os *Ganhamúz*<sup>140</sup> vivem nos matos das Costas do Mar, são azues de castas, os maiores de 1 palmo, os outros rasteiros. Todos tem a concha do tamanho de 1 prato ordin<sup>o</sup>; são desgostozos; são ovíparos, crião os seos no extremo do corpo, cria novas pernas q<sup>do</sup> lhes cahe algúa das com q<sup>r</sup> nascerão.

Polvos

### Folio 52r

Polvo<sup>141</sup> – Tem o corpo rodeado de pernas a maneira de raios, sem asa algum, escama, ou membrana de q<sup>lq</sup> dureza, a pele liza, escorregadiça, a boca na p<sup>te</sup> infima, q<sup>r</sup> hé o remate das pernas; o fel hé hum humôr negro, p<sup>r</sup> onde cahio, não se-despega; tem o seo sorvo tal forsa, q<sup>r</sup> atrahe, e sustem o mais esforcado homem, e só metendo-se os dedos dentro de hum

capelo, q' cobre a parte superior do corpo, perde as for-  
sas: hé duro, como nervo, sem gordura, nem sabor:

A Lula<sup>142</sup> hé da mesma especie, não pasa de meio  
palmo.

Há varie<sup>de</sup> de carangueijos, q' outros chamão Caracoes<sup>143</sup>,  
de inumeraveis especies e qualidades. Gerão-se no  
fundo do mar, principalm<sup>te</sup> aonde há pedras e cascalhos,  
hũas formas como hum dedo da mão<sup>144</sup> maiores, e menores  
de hũa materia como de areia juntas, e congeladas,  
e dentro hum vivente a maneira de hum gafanhoto  
de 4 azas; chegado o tempo da sua perfeição sobe  
aq<sup>la</sup> forma asima d'agua, abre-se, sae o vivente,  
e voa p<sup>a</sup> aonde sucede sobre as ondas, athé q' acha  
roxedo, em q' então pouza, e cantão como sigarras:  
o mesmo sucede nos Rios, e Lagoas, aonde tãobem os há  
azues, e verdes com 4 azas<sup>145</sup>.

Há tãobem inumeraveis especies de mariscos<sup>146</sup>, e todos  
dentro da conxa crião aljofar, tal, ou q' as ostras crião-  
se pegadas aos páos e pedras, há algúas q' cresce  
athé 4 palmos de grosura: destas cascas se-fa  
a cal, e tem aparecido minas em terra das  
q' os Indios comião, e fazião Montôens<sup>147</sup>

#### NOTAS DA SEÇÃO I (FOLIOS 26V-32R)

- 1 Vicunia – Alusão à vicunha, *Vicugna vicugna* (Molina, 1782) (Artiodactyla, Camelidae), espécie típica dos altiplanos andinos situados entre 3.500 e 5.700 m de altitude, antes encontrada desde os limites do Peru com o Equador até o norte da Argentina e Chile. Atingindo cerca de 1,75 m de comprimento, 86 cm de altura na cernelha e 65 kg de peso, a vicunha apresenta uma pelagem sedosa de suave colorido canela com a qual se preparam tecidos de lã de qualidade inigualável, cujo uso constituía privilégio real durante o período incaico. Para obter essa preciosa lã, a cada quatro ou cinco anos eram organizados os chamados “chacos”, amplas caçadas coletivas levadas a cabo por todos os habitantes de uma dada região, durante as quais mais de trinta mil pessoas se ocupavam em tanger manadas de vicunhas para grandes currais com dois ou três quilômetros de diâmetro, construídos de estacas e cordas. Ao final da tarefa, as fêmeas e crias eram libertadas, enquanto os machos eram abatidos para o Inca, que distribuía entre os participantes as lhamas, guanacos, veados e outros animais capturados. Com o domínio espanhol, os “chacos” pronto se converteram em perseguições indiscriminadas sobre as quais se recolhia um dízimo para a Igreja, declinando com a gradativa popularização das

armas de fogo. A matança atingiu tais proporções que, no princípio do século XIX, estimava-se que cerca de oitenta mil vicunhas fossem abatidas a cada ano apenas no Peru e norte do Chile, situação que levaria Simón Bolívar a promulgar dois decretos destinados a evitar a extinção da espécie, ambos com data de 5 de julho de 1825. Apesar de reafirmados cerca de um século mais tarde, tais editos não impediram que o Peru exportasse quase três toneladas de lã de vicunha para a Europa em 1926, o que representava o velo de aproximadamente 5.900 indivíduos, pois de cada exemplar se aproveitam em tomo de 500 g de lã (*apud* Cabrera & Yepes, 1940).

- 2 “Bazar” – Por vezes denominadas alexifármacos, as pretensas substâncias antidotais de origem animal abarcavam um vasto universo que incluía desde alicornes, chifres de cervos e estatocistos de crustáceos até as famosas “pedras” tantas vezes mencionadas pelos autores clássicos e de uso corrente na medicina romana. Esse elenco compreendia tanto variedades de existência apenas fabulosa quanto aquelas que efetivamente se formavam no interior dos organismos, a exemplo dos cálculos renais e vesiculares. Graças aos árabes, a lista dos alexifármacos utilizados pelos europeus seria acrescida do extraordinário “bázahr” ou “pedra bezoar”, item desconhecido de gregos e romanos, reputado como antídoto para todas

- as espécies de venenos, sendo específico contra a peste negra. Graças a sua alegada eficiência e supostos poderes, o bezoar logo suplantaria todas as outras substâncias do gênero, tornando-se objeto dos mais cobiçados pela farmacopéia ocidental. Também conhecido como “bezoar do Oriente” por ser encontrado no estômago do bezoar asiático, *Capra aegagrus* Linnaeus, 1758, a “pedra bezoar” pouco a pouco passou a ser considerada o alexifármaco por excelência, convertendo-se em verdadeiro sinônimo de contraveneno. De uma maneira geral, trata-se de um corpo liso, arredondado e duro, de colorido variável, que pode assumir uma consistência algo esponjosa, sendo composto por camadas concêntricas de alguma secreção corporal solidificada ao redor de um diminuto corpo estranho. Embora fossem vendidas a preços exorbitantes e valessem literalmente seu peso em ouro, tais concreções nada tinham de extraordinário, não passando de um dos egagrópilos formados em torno de restos de matérias não digeridas ou de uma certa quantidade de pelos que o animal engole ao lamber a própria pele (Papavero *et al.*, 1997). Sendo aparentemente muito comum no trato digestivo dos Camelidae sul-americanos, o bezoar era denominado “luáncurá” (“pedra de guanaco”) pelos araucanos, que lhe atribuíam uma série de virtudes curativas talvez em reflexo das crenças européias trazidas pelos espanhóis. Em meados do século XIX, essas “pedras de guanaco” ainda eram vendidas em numerosas farmácias da Argentina e Chile, constituindo um dos ingredientes indispensáveis para a preparação da “pítima”, uma infusão de cravo, erva-cidreira, erva mate e raspa da “pedra de guanaco”, utilizada no Chile para combater a melancolia e as enfermidades do coração (*apud* Cabrera & Yepes, 1940).
- 3 “Enaco” – Alusão ao guanaco, *Lama guanicoe* (Müller, 1776) (Artiodactyla, Camelidae), cuja antiga área de distribuição se estendia do sul do Chile e da Argentina até o norte do Peru e parte do Paraguai, caso consideremos que as “ovelhas indígenas” mencionadas na primeira metade do século XVI por Ulrich Schmidel (1599) possam ser atribuídas a essa espécie. Com cerca de 2,15 m de comprimento, 1,10 m de altura na cernelha e mais de 120 kg de peso, o guanaco revela-se bem mais corpulento que a vicunha, detalhe que talvez justifique o fato de o autor ter comparado esses dois mamíferos sul-americanos respectivamente aos cavalos (*Perissodactyla*, Equidae) e aos veados (*Artiodactyla*, Cervidae).
  - 4 “Lobo cervical” – Antigo nome português do lince-ibérico, *Lynx pardinus* (Temminck, 1827) (Carnivora, Felidae), empregado no texto para caracterizar um mamífero bastante distinto, impossível de ser identificado com precisão. Talvez por desconhecer que semelhante denominação deriva do latim “cervarius” (“aquele que ataca os cervos”), o autor terminou por cometer o equívoco de utilizá-la para designar um *Artiodactyla* propriamente dito.
  - 5 “hé animal sim<sup>e</sup> ao Cervo” – Essa passagem parece não dizer respeito a qualquer representante dos Cervidae, que se encontram mencionados adiante sob o nome genérico de “veados” ou “cervos”. Desde este ponto de vista, torna-se quase irresistível supor que o autor pretendia descrever algum dos Camelidae sul-americanos, amíúde comparados a diferentes ungulados do Velho Mundo pelos colonizadores europeus. Não obstante, vale lembrar que o “huemul” ou cervo-andino, *Hippocamelus bisulcus* (Molina, 1782) (*Artiodactyla*, Cervidae), terminou sendo descrito pelo abade Giovanni Ignazio Molina como um pequeno “caval selvagem” de cascos fendidos e desprovido de chifres, detalhe que levaria a suposição de o religioso italiano ter baseado seu relato apenas na fêmea da espécie (*teste* Molina, 1782).
  - 6 “Bogio” – No início dessa passagem, os nomes “bogio” e “macaco” foram utilizados como termos gerais passíveis de serem aplicados a qualquer primata.
  - 7 “Guariba ou Boriqúi” – A julgar pela descrição, essa passagem diz respeito ao mono ou muriqui da mata atlântica, *Brachyteles arachnoides* (É. Geoffroy Saint-Hilaire, 1806) (Primates, Atelidae), do RJ, SP e PR, que pode atingir 1,3 m de comprimento total e 13 kg de peso, sendo o maior primata contemporâneo do Novo Mundo.
  - 8 “Monos” – Demasiado breve para permitir uma identificação mais acurada, este trecho parece aludir a um primata de pelagem negra e amarelada com o aspecto geral de um mono, *Brachyteles* (*vide* nota anterior), características que se ajustam sobretudo a *Ateles belzebuth* É. Geoffroy Saint-Hilaire, 1806 (Primates, Atelidae), espécie de macaco-aranha que pode alcançar 1,3 m de comprimento total e 8 kg de peso, assinalada até o momento para a Venezuela, Colômbia, Equador, Peru e parte do Brasil amazônico, tendo sido registrado no Pará e no extremo noroeste do Amazonas.
  - 9 “Barbados” – Alusão ao guariba preto, *Alouatta caraya* (Humboldt, 1812) (Primates, Atelidae),

- cuja pelagem se apresenta negra nos machos e cor de palha nas fêmeas. Bem conhecida e de ampla distribuição, esta espécie foi assinalada do leste da Bolívia, Paraguai e norte da Argentina ao Mato Grosso, sul de Goiás, oeste de Minas Gerais, São Paulo, Paraná e Santa Catarina.
- 10 “*Cabi* (...) a q’ chamão outros Peludo” – A julgar pelos comentários de Cabrera & Yepes (1940), ambas designações diriam respeito ao macaco-prego, *Cebus apella* (Linnaeus, 1758) (Primates, Cebidae), espécie de ampla distribuição na América do Sul. Mesmo nos dias de hoje, os habitantes do interior de São Paulo e do Paraná continuam a utilizar o termo “peludo” para distinguir os indivíduos mais velhos e de pelagem hirsuta desse símio.
  - 11 “*Cahimerim* (...) q’ se chamão tãobem *Micos*” – A exemplo do que ocorre atualmente em diversas partes do Brasil, o presente manuscrito parece empregar esses nomes para distinguir os jovens de macaco-prego, *Cebus apella* (vide nota anterior).
  - 12 “*Sagui*, cor de asafrão” – Esse trecho sugere um sagui de pelagem inteiramente amarelada, breve descrição que se adequa ao mico-leão dourado, *Leontopithecus rosalia* (Linnaeus, 1766) (Primates, Cebidae, Callitrichinae), espécie restrita às florestas litorâneas do Rio de Janeiro.
  - 13 “*Saámerim*, pardinho com hũa manxa amarela na testa” – Embora muito expedita para permitir uma diagnose precisa, esta citação parece descrever um sagui de pequeno porte (Primates, Cebidae, Callitrichinae) possuidor de uma contrastante mancha na testa, referência passível de ser atribuída a várias espécies como *Callithrix jacchus* (Linnaeus, 1758) e *Callithrix penicillata* (É. Geoffroy Saint-Hilaire, 1812), que receberam o nome popular de “sagui-estrela” ou “mico-estrela” graças a tal característica.
  - 14 “Outro *Saámerim*” – Demasiado breve para permitir qualquer tentativa de identificação melhor substanciada, essa passagem contenta-se em mencionar um primata de pequeno porte e pelagem negra, descrição passível de ser associada a diferentes espécies de saguis (Cebidae, Callitrichinae) pertencentes aos gêneros *Callithrix*, *Saguinus* e *Leontopithecus*.
  - 15 “*Saátinga*” – Referência bastante truncada que talvez se refira a *Callithrix geoffroyi* (É. Geoffroy Saint Hilaire in Humboldt, 1812), espécie do Brasil oriental por vezes chamada de “caratinga” (teste Cabrera & Yepes, 1940).
  - 16 “*Saáguasú*” – Provável referência ao guigó, *Callicebus personatus* (É. Geoffroy Saint-Hilaire, 1812) (Primates, Pitheciidae), espécie do Brasil oriental registrada no sul da Bahia, Espírito Santo, Rio de Janeiro, partes adjacentes de Minas Gerais e leste de São Paulo. Ainda que não atinjam porte considerável, os guigós ou sauás (*Callicebus* spp.) são frequentemente vistos pelos habitantes do interior como macacos bastante corpulentos graças a sua pelagem densa e abundante.
  - 17 “huns Bogios vermelhos côr de fogo” – Provável referência ao guariba vermelho, *Alouatta seniculus* (Linnaeus, 1766) (Primates, Atelidae), espécie amazônica de pelagem castanho-avermelhada e ampla distribuição na América do Sul, assinalada no Brasil desde o Amapá e norte do Pará, até o Amazonas e noroeste de Rondônia.
  - 18 “Gentios Mequeos” – Supomos tratar-se de uma alusão aos macaús, macús, makús ou makuxis, indígenas da bacia amazônica que chegaram a ocupar uma ampla área entre os rios Branco e Javari (vide Almada, 1861; Baldus, 1954; Brasil, 1981).
  - 19 “Há outros (...) q’ andão e pastam de noite, e fazem taes gargalhadas q’ se ouvem ao longe” – Trata-se do jupará, *Potos flavus* (Schreber, 1774) (Carnivora, Procyonidae), carnívoro arborícola de hábitos noturnos, muitas vezes confundido com os verdadeiros primatas, semelhança que lhe valeria o nome popular de “macaco-da-meia-noite” em algumas partes do Brasil.
  - 20 “*bogios de cheiro*” – Provável referência a um dos representantes do gênero *Saimiri* (Primates, Cebidae), conhecidos vulgarmente pelo nome de “macacos-de-cheiro”, por passarem a própria urina na pelagem, o que lhes confere um odor característico.
  - 21 “Hauti” – Variante de “ai”, nome tupi de origem onomatopaica utilizado para designar as preguiças (Edentata, Bradypodidae).
  - 22 “Hũas tem a cabeça redonda como bugio, e outras focinho comprido, como cachorros” – A variedade de “cabeça redonda” e movimentos lentos deve ser a preguiça-de-bentinho *Bradypus variegatus* Schinz, 1825 (Xenarthra, Bradypodidae), muito comum nas matas litorâneas no Brasil, enquanto que aquela de “focinho comprido” e mais célere seria uma preguiça-real, *Choloepus hoffmani* Peters, 1858 (Edentata, Megalonychidae).
  - 23 “Tapes” – Grupo indígena extinto que teria habitado o leste do Rio Grande do Sul entre os séculos XVI e XVIII (apud Baldus, 1954; Brasil, 1981).

- 24 “Capivara” – Não admira que o texto tenha distinguido diferentes variedades de capivara, *Hydrochaerus hydrochaeris* (Linnaeus, 1766) (Rodentia, Caviidae, Hydrochaerinae), pois as variações de porte e colorido apresentadas por esse mamífero continuaram a suscitar dúvidas semelhantes em diversos autores contemporâneos (e.g. Santos, 1945; Stradelli, 1926). Podendo atingir mais de um metro de comprimento e ultrapassar os 60 kg de peso, a capivara constitui peça de caça das mais comuns, sendo abatida tanto pela pele quanto pela carne, da qual se extrai, através da fervura, um óleo reputado de grande valor terapêutico. Habitando alagados, áreas ribeirinhas e vários outros tipos de terrenos encharcados, as capivaras possuem ampla distribuição no Novo Mundo, o que tornaria as referências aos bandos de capivaras encontrados nas margens do rio Paraguai e na baixada de Campos, litoral norte do Estado do Rio de Janeiro, um provável reflexo de observações pessoais de Sáa.
- 25 “Pacas” – Trata-se da paca, *Cuniculus paca* (Linnaeus, 1758) (Rodentia, Caviidae, Caviinae), mamífero de ampla distribuição no Novo Mundo, que pode atingir 70 cm de comprimento e mais de 10 kg de peso, constituindo espécie cingética das mais cobiçadas graças ao excelente sabor de sua carne.
- 26 “cão gozo ordinário” – Antiga expressão portuguesa relativa aos cães mestiços não atribuíveis a qualquer raça determinada, conhecidos atualmente no Brasil pelo característico nome de “vira-latas”.
- 27 “Doninha” – Provável alusão à doninha europeia, *Mustela putorius* Linnaeus, 1758 (Carnivora, Mustelidae), espécie de ampla distribuição que pode atingir até 70 cm e comprimento e 1,4 kg de peso, muitas vezes utilizada como referência para a descrição de mamíferos do Novo Mundo.
- 28 “Cuati” – Não admira que o texto tenha distinguido diferentes variedades de quatis, *Nasua nasua* (Linnaeus, 1766) (Carnivora, Procyonidae), pois as amplas variações de porte e colorido apresentadas por esse mamífero de ampla distribuição na América do Sul levariam diversas fontes contemporâneas a se pronunciar sobre a existência de diferentes espécies em termos muito semelhantes (teste Cabrera & Yepes, 1940; Santos, 1945). Vale notar, entretanto, que o manuscrito inclui os quatiapés, quaticocos ou quatiurus, *Guerlinguetus* sp. (Rodentia, Sciuridae) entre os quatis, alternativa um tanto inusitada que talvez sugira uma mera tendência do autor em agrupar animais com nomes semelhantes. Embora grande parte das fontes consultadas derive “acutipuru” e similares do tupi “acuti” + “puru” (literalmente “cutia enfeitada”), uma relação com os quatis não deve ser descartada de imediato, pois determinadas espécies da Amazônia e Brasil central (e.g. *Urosciurus spadiceus* Olfers, 1818) ostentam um colorido castanho-avermelhado bem marcado e podem alcançar 60 cm de comprimento total e mais de 600 g de peso, sendo mais semelhantes a um quati de pequeno porte do que se poderia supor a princípio.
- 29 “Tamandó – Há de duas castas” – Acreditamos que o primeiro dos dois tamanduás (Xenarthra, Myrmecophagidae) mencionados pelo autor seja o tamanduá-bandeira, *Myrmecophaga tridactyla* Linnaeus, 1758, que atinge 2,20 m de comprimento e 39 kg de peso, ocorrendo da Guatemala ao norte da Argentina, Brasil e Uruguai. Por outro lado, a variedade “pequena e rasteira” não passaria do tamanduá-de-colete, *Tamandua tetradactyla* (Linnaeus, 1758), que possui ampla distribuição no Novo Mundo e que alcança apenas 1,10 m de comprimento e 9 kg de peso.
- 30 “Tatú asi” – Trata-se do tatu-canastra, *Priodontes maximus* (Kerr, 1792) (Xenarthra, Dasypodidae), que pode alcançar 1,6 m de comprimento e 50 kg de peso, tendo sido registrado da Colômbia e Venezuela ao Brasil, Paraguai e norte da Argentina.
- 31 “Tatúaiiba” – Variante de “tatuaiiva” (“tatu-ruim” em tupi), nome passível de ser utilizado para designar os vários representantes do gênero *Cabassous*, conhecidos pelo vulgo como tatus-rabomole (Xenarthra, Dasypodidae). A julgar pelo conteúdo dessa passagem, o autor talvez pretendesse referir-se a *Cabassous unicinctus* (Linnaeus, 1758), espécie que pode atingir 78 cm de comprimento, sendo a única longinquamente comparável ao tatu-canastra em termos de porte.
- 32 “Tatúete” – Variante de “tatuete” (“tatu-verdadeiro” em tupi), nome aplicado a diversos representantes do gênero *Dasypus* e em particular ao tatu-galinha, *Dasypus novemcinctus* Linnaeus, 1758 (Xenarthra, Dasypodidae), espécie de ampla distribuição no Novo Mundo que pode atingir 67 cm de comprimento e 6 kg de peso.
- 33 “Tatúpeba” – Nome de origem indígena (“tatu-chato” em tupi) utilizado para designar *Euphractus sexcinctus* (Linnaeus, 1758) (Xenarthra, Dasypodidae), espécie registrada das Guianas ao

- Uruguai e norte da Argentina que pode atingir 70 cm de comprimento e 6,5 kg de peso.
- 34 “*Tatu Merim* q chamão alguns *Tatubóla*” – Variante de “tatu-mirim” (“tatu-pequeno” em tupi), nome de origem indígena geralmente aplicado às espécies de pequeno porte do gênero *Dasyus* (e.g. *Dasyus hybridus* (Desmarest, 1804), *Dasyus septemcinctus* Linnaeus, 1758), que parece ter sido utilizado pelo autor para designar os representantes do gênero *Tolypeutes* (Xenarthra, Dasyopodidae), mais conhecidos como “tatus-bola” por serem capazes de se enroilhar sobre o ventre, fechando-se em uma esfera quase perfeita. Caso de fato diga respeito à fauna do sul do Mato Grosso, a presente observação deve referir-se ao matoaco, *Tolypeutes matacus* (Desmarest, 1804), espécie de apenas 35 cm de comprimento e 1 kg de peso encontrada na Argentina, Bolívia, Paraguai e partes adjacentes do Brasil. A outra espécie do gênero, *Tolypeutes trincinctus* (Linnaeus, 1758), ocorre na caatinga e no cerrado, ocupando o Nordeste do Brasil e os estados de MT (norte do estado), GO, TO e possivelmente MG.
- 35 “Rapôza da Europa” – Alusão à raposa-vermelha, *Vulpes vulpes* (Linnaeus, 1758) (Carnivora, Canidae), espécie de ampla distribuição na Europa que muitas vezes foi utilizada como referência para a descrição de mamíferos do Novo Mundo (teste Teixeira, 1995).
- 36 “gozo” – ver nota 26.
- 37 “hũas são pretas com colleira branca p<sup>lo</sup> pescoso” – Ao que parece, o autor desse texto agrupa diversos carnívoros de pequeno porte sob o nome de “irara”, termo tupi utilizado para designar essencialmente o papa-mel, *Eira barbara* (Linnaeus, 1758) (Carnivora, Mustelidae), espécie de ampla distribuição na América do Sul, que corresponde à variedade “preta com coleira branca no pescoço” mencionada no texto.
- 38 “outras rajadas, algũas fuscas entre preto e branco” – Embora demasiado sucinta para permitir uma diagnose precisa, essa citação parece referir-se a outros mustelídeos de porte comparável ao de um cachorro doméstico. Não é possível, entretanto, precisar a que espécies exatamente pretendia referir-se o autor ao mencionar que algumas variedades desses animais são “rajadas” e outras “foscas, entre o preto e branco”. Tendo em vista que a maioria dos Mustelidae brasileiros se encontra muito bem caracterizada em outras passagens do manuscrito (vide notas 34, 36 e 60), resta supor que a presente citação diga respeito aos furões do gênero *Galictis* (Carnivora, Mustelidae).
- 39 “*Jaratá táca*” – Variante de “jaritataca”, nome de origem tupi utilizado para designar o cangambá, *Conepatus* sp. (Carnivora, Mustelidae), mamífero bem conhecido por apresentar glândulas retais que secretam um líquido de intolerável odor nauseabundo, capaz de ser lançado ativamente pelo animal contra qualquer agressor.
- 40 “*Jagoacambêba*” – Esse trecho do manuscrito descreve com rara perfeição os hábitos do cachorro-vinagre, *Speothos venaticus* (Lund, 1842) (Carnivora, Canidae), espécie de ampla distribuição na América do Sul que alcança 81 cm de comprimento total e 5,6 kg de peso.
- 41 “gozo” – ver nota 26.)
- 42 “*Jagoaxinim*” – Variante de “guaxinim”, nome tupi conferido ao mão-pelada, *Procyon cancrivorus* (Cuvier, 1798) (Carnivora, Procyonidae), espécie de ampla distribuição na América do Sul que pode alcançar até 1,2 m de comprimento total e mais de 10 kg de peso.
- 43 “gozo” – ver nota 26.)
- 44 “Lobo” – Alusão ao lobo, *Canis lupus* Linnaeus, 1758 (Carnivora, Canidae), espécie de ampla distribuição na Europa que muitas vezes foi utilizada como referência para a descrição de mamíferos do Novo Mundo.
- 45 “gozo” – ver nota 26.
- 46 “huns de altura de 4 palmos (...) de hũa côr parda tirada a verdolenga” – Das três variedades de cães selvagens (Carnivora, Canidae), coletivamente denominadas por Saa de “*goairá*” (*guarás*), relacionadas nesse trecho um tanto confuso, a primeira se distinguiria por possuir “4 palmos” de altura, talhe esbelto e pelagem pardo-esverdeada, descrição passível de ser atribuída ao cachorro-do-mato, *Cerdocyon thous* (Linnaeus, 1766), mamífero de ampla distribuição na América do Sul que pode alcançar cerca de 1 m de comprimento e quase 9 kg de peso.
- 47 “Outros mais grosos (...) a côr mais tirada a vermelho” – Esse segundo relato, que versa sobre um animal corpulento e de “côr tirada a vermelho”, parece dizer respeito ao guará, *Chrysocyon brachyurus* (Illiger, 1815) (Carnivora, Canidae), que alcança 1,5 m de comprimento total e mais de 25 kg de peso, constituindo o maior representante sul-americano de toda a família.
- 48 “*Lobinhos*” – Embora seja muitas vezes conferido ao cachorro-do-mato, *Cerdocyon thous* (vide nota 46), o nome “lobinho”, aplicado à terceira e última variedade de cão selvagem descrita pelo

- autor, parece referir-se a uma outra espécie de pelagem avermelhada e porte franzino, detalhes que sugerem a raposa, *Lycalopex vetulus* (Lund, 1842) (Carnivora, Canidae). Conhecida pelos guaranis como “jaguapitanga” (literalmente “cachorro vermelho”) em virtude de seu colorido, a raposa atinge apenas 90 cm de comprimento, sendo um dos menores representantes da família existentes no Novo Mundo.
- 49 “Gambá” – A breve descrição fomecida não permite avaliar se o autor pretendia referir-se a *Didelphis marsupialis* Linnaeus, 1758 e/ou a *Didelphis albiventris* Lund, 1840 (Didelphimorphia, Didelphidae), pois ambas espécies apresentam considerável variação de pelagem, que oscila entre o preto uniforme ao grisalho ou cinza claro. Vide também Teixeira & Papavero (1999) quanto às curiosas observações acerca da reprodução dos gambás mencionadas no texto
- 50 “gozo” – ver nota 26.)
- 51 “Coelho” – Alusão ao coelho, *Oryctolagus cuniculus* (Linnaeus, 1758) (Lagomorpha, Leporidae), espécie de ampla distribuição na Europa que muitas vezes foi utilizada como referência para a descrição de mamíferos do Novo Mundo (teste Teixeira, 1995).
- 52 “Tipiti” – Variante de tapiti, nome indígena aplicado a *Silvilagus brasiliensis* (Linnaeus, 1758) (Lagomorpha, Leporidae), único representante da família existente no Brasil.
- 53 “Kui” – Provável variante de “cui”, nome guarani registrado por Ruiz de Montoya (1876) para os ouriços sul-americanos (Rodentia, Erethizontidae). Entretanto, a julgar pelos comentários de Cabrera & Yepes (1940), esta também seria uma designação comum a diversas espécies de pequenos roedores pertencentes aos gêneros *Cavia*, *Galea* e *Microcavia* (Rodentia, Caviidae). Infelizmente, a passagem em foco revela-se demasiado breve para permitir uma identificação.
- 54 “Mocó” – *Kerodon rupestris* (Wied-Neuwied, 1820) (Rodentia, Caviidae), espécie de médio porte exclusiva do Brasil oriental, tendo sido assinalada do Piauí, Ceará e Rio Grande do Norte ao interior da Bahia e norte de Minas Gerais.
- 55 “Porquinho” – Trata-se do porquinho-da-índia ou cobaia, *Cavia porcellus* (Linnaeus, 1758) (Rodentia, Caviidae), cuja pelagem pode apresentar um padrão alvinegro variegado. Domesticado no Peru por volta de 2500 a.C., este mamífero terminou por se converter em um animal de corte relativamente comum no início do século XVI, sendo mantido cativo em diversas partes do Caribe e ao longo de quase toda a América andina compreendida entre o sul da Venezuela e o centro do Chile (apud Gómara, 1552-53; Oviedo, 1526, 1535). Levado para diferentes pontos da América Central e do Sul pelos colonizadores, o porquinho-da-índia tornar-se-ia conhecido na Espanha durante a primeira metade do século XVI (teste Oviedo, *op. cit.*), passando depois para outros países europeus (Gilmore, 1950; Sauer, 1952). Presente no Brasil pelo menos desde o segundo quartel do século XVII, esses roedores domésticos seriam registrados pelos comandados do príncipe Maurício de Nassau-Siegen, que representaram exemplares de diferentes pelagens que incluíam espécimens bastante semelhantes ao indivíduo aqui mencionado (Teixeira, 1995, 1997).
- 56 “Apreiá” – Referência particularmente difícil de ser identificada, pois “apreia”, “prea” e demais variantes podem designar diversas espécies dos gêneros *Cavia* e *Galea* (Rodentia, Caviidae).
- 57 “Rato” – Alusão aos diferentes ratos europeus, *Rattus* sp. (Rodentia, Cricetidae, Murinae), que muitas vezes foram utilizados como referência para a descrição de mamíferos do Novo Mundo.
- 58 “Murganho” – Antigo nome português aplicado aos musaranhos (Insectivora, Soricidae), mamíferos estranhos à fauna brasileira, frequentemente vistos como uma variedade de rato (Rodentia) pelos habitantes do Velho Mundo (teste Rolland, 1877-83). Embora “murganho” e a variante “morganho” designem o camundongo, *Mus musculus* Linnaeus, 1758 (Rodentia, Cricetidae, Murinae) em certas partes do Brasil (teste Ihering, 1940), a descrição fomecida parece melhor se ajustar a um autêntico musaranho que a um camundongo, tanto mais que esse roedor se encontra mencionado adiante como “goabirú” (vide nota 64). Mesmo considerando que o autor desse manuscrito por vezes inclui referências a espécies exóticas, não parece impossível supor que a presente passagem, na verdade, diga respeito a um dos marsupiais pertencentes ao gênero *Monodelphis* (Didelphimorphia, Didelphidae) ou mesmo a um rato do gênero *Oxymycterus* (Rodentia, Cricetidae), cujo aspecto geral de fato recorda o de um Soricidae. Mencionada por vários autores dos séculos XVIII e XIX, a existência de autênticos musaranhos na América do Sul foi motivo de grande controvérsia (vide Cabrera & Yepes, 1940; Husson, 1978; Jentink, 1888, 1910), desfeita apenas em 1897 com a descoberta

- ta de *Cryptotis thomasi* (Merriam, 1897) (Soricomorpha, Soricidae) nos Andes da Colômbia.
- 59 “Outro cinzento (...), outro mayor (...)” – A breve descrição fomecida sequer permite avaliar se essas duas espécies de “ratos” seriam na verdade roedores ou marsupiais.
- 60 “rato-espinho” – Provável referência a um dos vários ratos-de-espinho brasileiros (Rodentia, Echimyidae), demasiado concisa para ser identificada com alguma precisão.
- 61 “Oaquica” – Variante de “guaiquica” ou “quica”, nome geral passível de ser aplicado a diferentes marsupiais de pequeno e médio porte pertencentes, por exemplo, ao gênero *Marmosa* (Didelphimorphia, Didelphidae). Naturalmente, a descrição fomecida revela-se demasiado sucinta para permitir uma diagnose.
- 62 “Doninha” – ver nota 27.
- 63 “huns Ratos (...) pardos escuros p<sup>las</sup> cóstas e p<sup>la</sup> barriga brancasentos” – Ainda que demasiado sucinta para permitir uma diagnose precisa, essa passagem parece referir-se a algum rato de grande porte ou mesmo a algum marsupial de ventre brancacento e partes superiores pardo escuras, descrição muito ampla, passível de ser atribuída a várias espécies distintas como, por exemplo, *Philander opossum* (Linnaeus, 1758) e *Metachirus nudicaudatus* (É. Geoffroy Saint-Hilaire, 1803) (Didelphimorphia, Didelphidae).
- 64 “Goabirú” – Embora normalmente designe os ratos europeus introduzidos no Brasil (*teste* Moojen, 1952), o nome “guabiru” foi utilizado pelo autor para distinguir o camundongo, *Mus musculus* Linnaeus, 1758 (Rodentia, Cricetidae, Murinae), espécie oriunda do Velho Mundo, que também chegou ao país graças à colonização portuguesa.
- 65 “São todos estes animais venenozos” – A associação dos ratos com doenças, morte e destruição encontra-se profundamente arraigada no imaginário europeu, que não hesitava em atribuir às várias partes do corpo e/ou à mordida desses animais efeitos dos mais deletérios, conforme comprovam os comentários de autores como Bartholomaeus Anglicus (1483) e Berthelet (1535).
- 66 “ratos chamados os de almiscar” – Provável referência aos ratos-almiscarados, *Ondatra obscurus* (Bangs, 1894) e *Ondatra zibethicus* (Linnaeus, 1766) (Rodentia, Cricetidae), espécies norte-americanas que devem tal denominação ao fato de apresentarem glândulas perineais capazes de produzir uma secreção cujo forte odor recorda o do almíscar.
- 67 “coelho” – ver nota 51.
- 68 “Oiriso caxeiro (...) Há de 3 castas” – Ao tecer seus comentários sobre os diferentes ouriços brasileiros (Rodentia, Erethizontidae), Sáa logra distinguir perfeitamente os representantes dos gêneros *Coendou* e *Sphiggurus*, pois enquanto aqueles apresentam maior porte e espinhos mais longos e encorpados “com anéis brancos e pretos”, estes últimos revelam-se mais franzinos e possuem espinhos menores e delgados, “amarelos com a ponta preta”. De resto, vale notar serem comuns as fábulas sobre a capacidade dos ouriços atirarem seus espinhos, que algumas vezes chegam a ser vistos como entidades providas de volição própria capazes de se enterrar cada vez mais no corpo de suas vítimas.
- 69 “Lebre” – Alusão à lebre europeia, *Lepus capensis* Linnaeus, 1758 (Lagomorpha, Leporidae), muitas vezes utilizada como referência para a descrição de mamíferos do Novo Mundo.
- 70 “Cotia (...) há de duas castas” – Demasiado sucinta para permitir uma diagnose precisa, essa citação menciona vagamente duas variedades distintas de cutias (Rodentia, Dasyproctidae), grupo de roedores que apresenta certa variação individual em termos do colorido da pelagem. A título de pura especulação, poderíamos supor que o autor desse manuscrito pretendia referir-se a *Dasyprocta azarae* Lichtenstein, 1823 ao mencionar a variedade mais escura e de menor porte, enquanto a mais encorpada e de colorido “açafroado com mescla de pardo” poderia ser *Dasyprocta aguti* (Linnaeus, 1766).
- 71 “Arminho” – Na verdade, vários são os representantes do gênero *Mustela* (Carnivora, Mustelidae) que trocam uma pelagem de verão amarronzada por outra branca invemal, processo comum em diversos mamíferos holárticos que propicia a aparição de indivíduos intermediários de colorido marchetado. Embora o autor reconheça o arminho, *Mustela erminea* Linnaeus, 1758, como um animal exótico, a vaga alusão do texto a uma espécie similar existente no Brasil revela-se particularmente curiosa, pois parece dizer respeito ao furãozinho, *Mustela africana* Desmarest, 1818, um dos mamíferos mais raros e menos conhecidos da Amazônia.
- 72 “coelho” – ver nota 51.)
- 73 “Há uns animaes (...) alvos, com duas riscas pardas” – Provável referência à cuica d’água, *Chironectes minimus* (Zimmermann, 1780) (Didelphimorphia, Didelphidae), mamífero de vistosa pelagem alvinegra, cujos hábitos aquáti-

- cos se encontram descritos com perfeição nesta passagem.
- 74 “Lontra” – Ao tecer seus comentários sobre as diferentes lontras encontradas no Brasil (Carnivora, Mustelidae), o autor menciona a existência de quatro variedades distintas que se distinguiriam sobretudo pelo tamanho, referência demasiada vaga que não permite maiores comentários. Muito embora a composição do gênero *Lutra* ainda seja objeto de diversas especulações, a maioria das fontes disponíveis reconhece a existência de apenas duas espécies em território nacional, a ariranha, *Pteronura brasiliensis* (Gmelin, 1788), que pode atingir 1,8 m de comprimento total e mais de 30 kg de peso, e a lontra comum, *Lutra longicaudis* (Olfers, 1818), que alcança apenas 1,2 m e 7 kg de peso.
- 75 “Anta” – Não surpreende que o autor tenha distinguido duas espécies de anta, *Tapirus terrestris* (Linnaeus, 1758) (Perissodactyla, Tapiridae), pois as variações de colorido apresentadas por esse mamífero de ampla distribuição na América do Sul levariam diversas fontes contemporâneas a especular sobre o assunto em termos bastante semelhantes aos adotados pelo autor desse manuscrito (teste Cabrera & Yepes, 1940; Santos, 1945). Mesmo nos dias de hoje, os sertanejos de diversas partes do Brasil são peremptórios em distinguir variedades como a “sapateira”, a “xuré”, a “gameleira”, a “batuvira” etc.
- 76 “Grambesta” – Esta menção às “Índias Orientais” indica que o autor do presente manuscrito associava a peculiar denominação portuguesa de “grambesta” (literalmente “grande animal”) ao tapir asiático, *Tapirus indicus* (Desmarest, 1819) (Perissodactyla, Tapiridae), espécie da Indochina, Malásia e Sumatra que guarda numerosas semelhanças com os representantes da família encontrados no Novo Mundo. Nesse sentido, não deixa de ser curioso observar que o equivalente espanhol “granbestia”, registrado por Azara (1802) já no final do século XVII, se manteve como nome corrente no norte da Argentina pelo menos até a década de 40, sendo aplicado à anta sul-americana, *Tapirus terrestris* (Linnaeus, 1758) (apud Cabrera & Yepes, 1940).
- 77 “Onças (...) aq’ chamão Tigres” – Geralmente o nome *tigre* é aplicado no Brasil às formas melânicas da *Panthera onca* (Linnaeus, 1758) (Carnivora, Felidae).
- 78 “Há pintadas (...) de 4 castas diversas” – Tampouco deve causar qualquer surpresa que o autor tenha distinguido quatro espécies de onças-pintadas, *Panthera onca* (Linnaeus, 1758) (Carnivora, Felidae), pois as variações de porte e colorido apresentadas por esse felino de ampla distribuição na América do Sul levariam diversas fontes contemporâneas a especular sobre o assunto em termos bastante semelhantes aos adotados pelo autor desse manuscrito (teste Cabrera & Yepes, 1940; Santos, 1945). Com efeito, mesmo nos dias de hoje, os sertanejos de diversas partes do Brasil não titubeiam em individualizar variedades como a “canguçu”, a “preta” ou “pixuna”, a “sororoca”, a “pinima” ou “malha-miúda” etc.
- 79 “Bracayá asú” – Referência à jaguatirica ou maracajá-açu, *Leopardus pardalis* (Linnaeus, 1758) (Carnivora, Felidae), espécie de ampla distribuição na América do Sul que pode alcançar 1,2 m de comprimento total e mais de 10 kg de peso.
- 80 “Sucerana” – Variante de “suçuarana”, nome tupi conferido à onça-parda, *Puma concolor* (Linnaeus, 1758) (Carnivora, Felidae), espécie de ampla distribuição no Novo Mundo que pode alcançar 2,3 m de comprimento total e mais de 54 kg de peso.
- 81 “Jagoapitanga” – A indicação de que essas “jagoapitangas” (literalmente “onça-vermelha” em tupi) atingiriam o mesmo tamanho das outras onças indica que o autor desse manuscrito supõe a existência de mais de uma espécie de suçuarana, *Puma concolor* (Linnaeus, 1758) (Carnivora, Felidae). Reflexo das variações de porte e colorido apresentadas por esse felino, essa crença se encontra profundamente arraigada entre os sertanejos de diversas partes do Brasil contemporâneo, que não hesitam em distinguir variedades como a “lombo-preto”, a “vermelha”, a “parda” etc. Vide também Santos (1945).
- 82 “Veados” – Embora semelhante designação pudesse ser aplicada a quase todos os representantes dos Cervidae (Artiodactyla), os autores dos séculos XVII e XVIII parecem ter utilizado esse nome tendo como referência sobretudo o veado-vermelho ou cervo-nobre do Velho Mundo, *Cervus elaphus* Linnaeus, 1758.
- 83 “Cervos” – Referência ao cervo, *Blastoceros dichotomus* (Illiger, 1815) (Artiodactyla, Cervidae), que pode atingir 2 m de comprimento, 1,2 m de altura na cernelha e mais de 125 kg de peso, sendo o maior representante da família existente no Brasil e o único que apresenta galhadas de porte considerável comparáveis às do verdadeiro cervo europeu, *Cervus elaphus* Linnaeus, 1758. Vide nota anterior.

- 84 “veados brancos” – A julgar pelos comentários de Carvalho (1969) e Santos (1945), este seria um termo muito utilizado no pantanal matogrossense para designar o veado-campeiro, *Ozotoceros bezoarticus* (Linnaeus, 1758) (Artiodactyla, Cervidae), que atinge apenas 1,4 m de comprimento, 75 cm de altura na cernelha e 35 kg de peso, possuindo galhadas bem menores e menos rarnificadas que aquelas da espécie anterior.
- 85 “veados pardos” – Segundo autores como Carvalho (1969) e Santos (1945), este seria um dos nomes populares do veado-mateiro *Mazama americana* (Erxleben, 1777) (Artiodactyla, Cervidae), espécie de galhadas quase retas que pode alcançar 1,3 m de comprimento, 70 cm de altura na cernelha e mais de 30 kg de peso, constituindo o maior representante do gênero encontrado no Brasil.
- 86 “outros mais escuros, altos, e pernilongos” – Demasiada breve para permitir uma diagnose conclusiva, essa descrição talvez diga respeito a uma espécie não identificada do gênero *Mazama* (Artiodactyla, Cervidae), cujos representantes frequentemente apresentam certa variação em termos de porte e colorido da pelagem.
- 87 “virá” – Referência ao veado-virá ou veado-catingueiro, *Mazama guazoubira* (Fischer, 1814) (Artiodactyla, Cervidae), assim denominado por habitar as matas ralas ou “caatingas” (Santos, 1945). Trata-se de espécie de pequeno porte e galhadas retas que alcança apenas 1 m de comprimento, 70 cm de altura na cernelha e 20 kg de peso.
- 88 “veados azuis” – Esses enigmáticos veados “azuis” de pequeno porte talvez sejam *Mazama goazoubira* (Fischer, 1814), em cuja sinonímia está *Mazama rondoni* Miranda-Ribeiro, 1919; estes veados apresentam uma pelagem de colorido sépia bastante escuro.
- 89 “Bazar” – A existência de “princípios medicinais” passíveis de serem extraídos das galhadas e dos pés dos veados pertence à tradição européia (*teste* Rolland, 1877-83), constituindo apenas uma das numerosas fábulas que cercam esses mamíferos desde tempos imemoriais. Algo semelhante ocorreria em relação aos bezoares, sendo que aqueles encontrados nos veados sul-americanos eram caracterizados como “ocidentais” na Europa, em contraposição aos “orientais” provenientes de diversos ruminantes asiáticos (*vide* nota 2). Segundo Cabrera & Yepes (1940), os caçadores brasileiros perseguiram intensamente tanto o cervo, *Blastoceros dichotomus*, quanto o

veado-campeiro, *Ozotoceros bezoarticus*, com o intuito de obter essas cobiçadas concreções gástricas, que seriam comuns ao ponto de ter induzido Linnaeus a atribuir o nome *bezoarticus* a esta última espécie.

## NOTAS DA SEÇÃO II (FOLIOS 32V-37V)

- 1 “huns lavrados de verde, e amarelo, q’ crescem até 4 palmos de comprido, e proporcionada grosura; outros de branco, e verde; outros pardos com lavôres mais claros; todos estes do mesmo tamanho; tem as carnes alvas, e saborozas” – Embora demasiado imprecisa para permitir a identificação positiva das espécies arroladas, esta passagem ao menos indica que o autor conhecia alguns dos poucos lagartos brasileiros capazes de atingir quatro palmos de comprimento, o que corresponde a pouco menos de 90 cm, se considerarmos que o “palmo” mencionado seria a antiga unidade de medida linear equivalente a 22 cm. Nesse reduzido universo, apenas o iguana, *Iguana iguana* (Linnaeus, 1758) (Squamata, Iguanidae) e os teiús, *Tupinambis* spp. (Squamata, Teiidae) alcançam tal porte e são considerados peças de caça
- 2 “poem os ovos em acto continuado, cobertos de hũa pele grossa, de pura gêma sem clara algúa” – Ao contrário das aves, vários répteis apresentam ovos de casca bastante flexível e com menos quantidade de clara, detalhes que parecem justificar a curiosa assertiva do autor.
- 3 “Recolhem-se nas suas covas no mês de M<sup>so</sup> com os seos provimen<sup>tos</sup>” – Neste trecho, a credence européia de os lagartos amealharem provisões para o inverno soma-se ao fato de que, no sul do Brasil, esses répteis realmente se ocultam durante parte do ano, voltando à atividade apenas no final da estação fria. A perda da cauda, entretanto, não possui qualquer relação com esse fenômeno sazonal, constituindo um mero caso de autotomia.
- 4 “Coró” – Demasiado breve para permitir uma diagnose, a descrição apresentada poderia tanto dizer respeito a *Ameiva ameiva* (Linnaeus, 1758) (Squamata, Teiidae) quanto a qualquer outra espécie de lagarto de colorido esverdeado e porte equivalente. Grafada como “coró”, esta mesma denominação foi registrada por Martius (1863:446) para um lagarto não identificado.
- 5 “camaleão” – Designação comum a diversas espécies de lagartos muito distintas entre si, tais

- como *Tropidurus torquatus* (Wied-Neuwied, 1820) (Squamata, Tropiduridae) e *Iguana iguana* (Linnaeus, 1758) (Squamata, Iguanidae).
- 6 “q’ tem hũa pedra na cabeça” – A crença de que lagartos e serpentes carregam uma pedra misteriosa na cabeça parece derivar da antiga lenda da “pedra da serpente” ou draconita, fabulosa gema cor de fogo de inacreditáveis poderes antidotais que, segundo a tradução medieval do século VII expressa nas *Etimologias* de Santo Isidoro de Sevilha (1993), seria extraída do cérebro de dragões vivos pelos magos. Registrada por diversos autores seiscentistas (e.g. Dellon, 1685), essa crendice ainda subsiste em diversas partes do Brasil nos dias de hoje, embora com algumas alterações (*teste* Magalhães, 1969).
- 7 “Sanambú” – Referência bastante explícita ao sinimbu, *Iguana iguana* (Linnaeus, 1758) (Squamata, Iguanidae), espécie de grande porte, comum nas vizinhanças de corpos d’água, cujo colorido pode variar do verde ao negro, segundo a idade do animal.
- 8 “Pelos Sertoens encontrão-se huns animaes...” – Sáa refere-se a um misterioso lagarto de porte médio avantajado dotado de um rabo curto e grosso, focinho protuberante e vivo colorido alvo-rubro, capaz de erguer-se e caminhar sobre as patas traseiras, investindo contra os viajantes. Além de não corresponder a nenhuma espécie conhecida, essa estranha descrição parece reunir características de diferentes espécies de lagartos do Novo Mundo, mesclando o colorido berante e a cauda do monstro-de-gila, *Heloderma* sp. (Squamata, Helodermatidae) com o focinho alongado e a habilidade de manter-se em pé do basilisco, *Basiliscus* sp. (Squamata, Iguanidae).
- 9 “Lagartixas” – Dos lagartos mencionados neste trecho, apenas os que frequentam as habitações humanas podem ser identificados, provavelmente correspondendo a representantes dos Gekkonidae (Squamata), grupo de ampla distribuição no Novo e Velho Mundos. Não seria impossível supor, portanto, que *Phylllopezus pollicaris* (Spix, 1825) fosse a espécie anegrada, enquanto que aquela de colorido branco-pardacento não passaria do comuníssimo *Hemidactylus mabouia* (Moreau de Jonnès, 1818), lagartixa que alguns autores pretendem ter sido introduzida no Brasil, vinda da África, através do tráfico negreiro.
- 10 “gêmeo” – Gêmeo: cerca de 20 cm, correspondendo à distância existente entre a extremidade do polegar e do indicador, estando ambos esticados e afastados o mais possível um do outro.
- Não obstante, vale notar que as alusões à “grosura” de lagartos e serpentes contidas neste original revelam-se bastante obscuras, geralmente correspondendo a valores muito superiores ao verdadeiro diâmetro das espécies consideradas. Não seria impossível supor, portanto, que o autor desse manuscrito utilize a expressão “grosura” para referir-se à circunferência dos répteis observados, tal vez baseando suas estimativas em peles abertas e estica
- 11 “Há outra especie de Lagartos de palmo e meio de comprido, hum gemeo de grosura...” – Curiosa descrição de um lagarto de “palmo e meio de comprido” (33 em, *vide* nota 1) e “um gêmeo de grossura” (cerca de 20 cm, *vide* nota anterior), que parece reunir características de várias espécies distintas, sem corresponder exatamente a nenhuma em particlnlar. Com efeito, a menção de um animal com as costas “brancas salpicadas de estrelas pretas” recorda *Enyalius* spp. (Squamata, Polychrotidae), ao passo que a referência às partes inferiores negras sugere o padrão observado em diversos representantes dos Tropiduridae.
- 12 “o rabo virado p<sup>a</sup> sima, coberto de hũas pontas a maneira de dentes” – Entre os vários lagartos brasileiros que possuem a cauda armada de espinhos (e.g. *Hoplocercus spinosus* Fitzinger, 1843s, *Urocentron azureum* Kaup, 1827), a descrição parece adequar-se sobretudo a *Tropidurus strobilurus* (Wiegmann, 1834) (Squamata, Tropiduridae), que muitas vezes apresenta um colorido pardacento relativamente uniforme.
- 13 “Escorpião” – Designação comum aos animais artrópodes, escorpionídeos, providos de 12 segmentos abdominais, dos quais os cinco posteriores formam com o telso uma cauda terminada em aguilhão, através do qual é inoculada a peçonha (Ferreira, s/d:558).
- 14 “Lacraia [...], *Santopeia*, ou *milepedibus*” – Lacraia. Designação comum aos artrópodes, miriápodes, com cerca de 200 espécies no Brasil.
- 15 “há outras [lacraias], q’ não pasão do tamanho de hum dedo, q’ de noite lansão de si hũa luz como fogo de inxofre; não mordem” – Se Sáa pretende realmente referir-se neste trecho a um piolho-de-cobra ou gongolo (uma “lacraia” que não morde), seria a única observação sobre a biolumiscência de um diplópode na Região Neotropical. O único gênero conhecido de diplópodes luminescentes nas Américas é *Motyxia* (Polydesmidae, Xystodesmidae), da Califórnia, com 8 espécies [*cf.* Loomis & Davenport, 1951;

- Davenport, Wootton & Cushing, 1952; Causey, 1960; Causey & Tiemann, 1969; Shelley, 1997]. Já no caso das lacraias propriamente ditas (Chilopoda), há várias espécies que apresentam bioluminescência, das famílias Geophilidae, Himantariidae e Linotaeniidae, em sua maioria do Velho Mundo (Lewis, 1981:344; Robinson, 2005:421).
- 16 “Jacarés comuns” – Considerando que parte significativa das observações deste manuscrito parecem estar baseadas na fauna de Mato Grosso, parece razoável supor que a breve descrição de um “jacaré comum” de pequeno porte diga respeito ao jacaretinga, *Caiman jacare* Daudin, 1802 (Crocodylia, Crocodylidae), espécie muito encontrada na bacia do rio Paraguai. *Vide* notas 19 e 20 sobre as duas outras variedades de jacarés mencionadas.
- 17 “Os primos crescem até 4 palmos de comprimento e 1 de grosura” – Cerca de 88 cm de comprimento e 22 cm de largura (*vide* nota 1), valores correspondentes ao porte usualmente registrado para os adultos do jacaretinga (*vide* nota anterior), que costumam alcançar entre 80 e 125 cm de comprimento, embora existam exemplares com até 250 cm (*teste* Medem, 1983).
- 18 “O almíscar hé tão perfeito na fragrancia, e virtudes como o do Moscho Aziatico” – O autor compara o almíscar extraído dos jacarés com aquele produzido pelo veado-almíscareiro, *Moschus moschiferus* Linnaeus, 1758 (Artiodactyla, Cervidae), espécie asiática da qual já dava notícia Marco Polo, em pleno século XIII (Polo, 1992).
- 19 “Jacaré *Urarabi*, e p<sup>r</sup> outro nome do papo amarelo” – Referência ao jacaré-de-papo-amarelo, *Caiman latirostris* (Daudin, 1802) (Crocodylia, Crocodylidae), espécie comum no Brasil oriental, que pode atingir 365 cm de comprimento, valor bem abaixo dos 30 palmos mencionados por Sáa, os quais correspondem a cerca de 660 cm (*vide* nota 1). Entre todos os jacarés do Brasil, apenas o jacaré-açu, *Melanosuchus niger* (Spix, 1825), alcança porte semelhante, havendo registros de exemplares com até 609 cm de comprimento (*teste* Medem, 1983). É interessante notar que as grafias *ururabý* (Fol. 33v) e *ururabi* (Fol. 34r) empregadas pelo autor anônimo são únicas na literatura zoológica que conhecemos. As vozes *arurá*, *arurau* (Vasconcellos, 1938:64), *ururau* e *ururáu* (Beaurepaire-Rohan, 1889:244) foram todas empregadas para designar o jacaré-amarelo, *Caiman latirostris* (Daudin, 1802).
- 20 “*Jacaré merim*” – Supomos tratar-se do jacuruxi, *Dracaena* sp. (Squamata, Teiidae), lagarto que apresenta um aspecto geral bastante semelhante ao dos jacarés e que pode atingir mais de 40 cm de comprimento, ultrapassando os dois palmos e meio (cerca de 33 cm; *vide* nota 1) mencionados no texto.
- 21 [Tartaruga] “As maiores, q’ estão em agua salgada, Rios, e em terra, tem 7 palmos de comprimento, 4 de largura, e 2 de altura” – Cerca de 154 cm de comprimento, 88 cm de largura e 44 cm de altura (*vide* nota 1), Contudo, as maiores espécies de tartarugas registradas no Brasil superam por larga margem estas marcas, sendo que a tartaruga-de-couro, *Dermochelis coriacea* (Linnaeus, 1766) (Testudines, Dermochelyidae), pode atingir 244 cm de comprimento e cerca de 800 kg de peso.
- 22 “Há outras dq’ se tira a sua casca p<sup>a</sup> diversas obras” – Provável referência à tartaruga-de-pente, *Caretta caretta* (Linnaeus, 1758) (Testudines, Cheloniidae), cuja carapaça chegou a ser muito utilizada na fabricação de objetos de luxo.
- 23 “Cágados q’ morão nos Rios, Lagoas, e sahem a terra; estes são maiores, outras mais pequenas” – Demasiado vaga para permitir uma diagnose; trata-se apenas de uma referência muito geral a duas das várias espécies de tartarugas de água doce existentes no Brasil.
- 24 “huns são maiores, e crescem até 3 palmos, chamados *Jaboti*, e outros não pasão de palmo de comprimento e quasi redondos com a casca transparente, como as do Mar” – Ao mencionar os “jabotis” de “até 3 palmos” (66 cm; *vide* nota 1), Sáa provavelmente pretendia referir-se à *Geochelone carbonaria* (Spix, 1824) ou à *Geochelone denticulata* (Linnaeus, 1766) (Testudines, Testudinidae), representantes de ampla distribuição no Brasil que podem chegar a pouco mais de 80 cm. Como estas seriam as duas únicas tartarugas terrestres existentes no Brasil, não é impossível supor que o relato de um pretendo jabuti “quase redondo” com “um palmo” de comprimento” (22 cm), na verdade diga respeito a uma tartaruga aquática de carapaça oval e pequeno porte como *Kinosternon scorpioides* (Linnaeus, 1766), que não ultrapassa os 27 cm e que parece ser capaz de perambular com certa frequência em terreno seco. A alusão de que esse misterioso quelônio possuiria um “casco transparente semelhante ao das tartarugas do mar” deve ser entendido sobretudo como uma comparação com a tartaruga-de-pente, *Caretta caretta* (Linnaeus, 1766) (Testudines,

- Chelonidae), cujos escudos da carapaça podem apresentar lâminas de queratina bastante translúcidas, mais ou menos individualizados.
- 25 “o *Jaboti*, q<sup>do</sup> hé velho cria no buxo hũa pedra côr de terra” – A julgar por essa passagem, o autor pretendia afirmar que as tartarugas levariam no estômago uma espécie de pedra bezoar, fato que parece ter passado completamente despercebido pela maioria dos autores que trataram do assunto (e.g. Cuba, 1491; Leonardi, 1750). [ver nota 1.2].
- 26 “O *Surucucú* hé de duas castas; *Surucucú legitimo*, e *Surucucú tingá*” – A tradição popular sempre reconheceu a existência de diversas variedades distintas de surucucu, *Lachesis muta* (Linnaeus, 1766) (Squamata, Viperidae), que podem receber nomes diferenciados como “surucucutingá”, “surucucu-pico-de-jaca” ou “surucucu-fogo”, etc. Os maiores exemplares desta espécie podem atingir 375 cm, ultrapassando por larga margem os “dez palmos” de comprimento (cerca de 220 cm) mencionados no texto.
- 27 “*Jararaca*” – Nome geral aplicado a várias espécies de serpentes peçonhentas pertencentes ao gênero *Bothrops* (Squamata, Viperidae). Conforme ocorre nos dias de hoje, o autor parece reservar semelhante designação para os exemplares de menor porte que não ultrapassam os três palmos e meio de comprimento (cerca de 77 cm; *vide* nota 1).
- 28 “*Jararacosu*” – Aplicada geralmente a *Bothrops jararacussu* Lacerda, 1884 (Squamata, Viperidae), semelhante denominação também pode ser utilizada para designar exemplares de maior porte, pertencentes à espécie *Bothrops jararaca* (Wied-Neuwied, 1824) e outras do gênero. Embora nunca alcancem “dois palmos de grossura” (cerca de 44 cm; *vide* nota 1), os maiores exemplares de *Bothrops jararacussu* podem atingir 220 cm, ultrapassando em muito os “cinco palmos” de comprimento (cerca de 100 cm) mencionados no texto.
- 29 “outra especie de *Jararaca*, vermelha côr de fogo” – A princípio, esta seria uma referência à *Bothrops brazili* Hoge, 1953 (Squamata, Viperidae), espécie da Amazônia e partes adjacentes do Brasil Central, que apresenta um colorido bastante avermelhado, sendo conhecida pelo vulgo como “jararaca-vermelha”. Não obstante, tampouco parece possível descartar a possibilidade de o autor estar se referido aos frequentes casos de eritrismo observados em *Waglerophis merremii* (Wagler, 1824) (Squamata, Colubridae), serpentes não peçonhenta muitas vezes confundida com as verdadeiras jararacas.
- 30 “*Boepeba*” – Variante de “boipeva”, nome de origem tupi apicado a diferentes representantes do gênero *Xenodon* (Squamata, Colubridae), serpentes não peçonhentas muitas vezes confundidas com a jararaca, peculiaridade que lhes valeria os nomes populares de “jararacambeva” e “jararacuçu-capitão” (*teste* Amaral, 1978). Com ampla distribuição no Brasil, essas espécies podem atingir 140 cm, ultrapassando por larga margem o comprimento de “um palmo” (cerca de 22 cm; *vide* nota 1) mencionado no texto.
- 31 “*Cascavel*” – Clara referência à cascavel, *Crotalus durissus* Linnaeus, 1758 (Squamata, Viperidae), espécie de áreas abertas que pode atingir 180 cm, ultrapassando os “dois palmos de grossura” (cerca de 44 cm; *vide* nota 1) e “sete palmos” de comprimento (cerca de 154 cm) mencionados no texto.
- 32 “*Coral*” – Ao que parece, Sáa pretendia referir-se às cobras-corais peçonhentas pertencentes ao gênero *Micrurus* (Squamata, Elapidae) e não às várias espécies inofensivas de falsas corais (Squamata, Colubridae). Embora não atinjam o porte das maiores serpentes peçonhentas brasileiras, certos representantes do gênero *Micrurus* ultrapassam por larga margem os “dois palmos de comprimento” (cerca de 44 cm; *vide* nota 1), podendo chegar aos 150 cm.
- 33 “*Caninanha*” – Nome aplicado a diferentes serpentes não peçonhentas dos gêneros *Pseustes* e *Spilotes* (Squamata, Colubridae), muito conhecidas por sua agressividade. No entanto, a descrição de uma cobra listrada de amarelo e preto com papo vermelho e “seis palmos” de comprimento (cerca de 132 cm; *vide* nota 1) e “dois palmos de grossura” (cerca de 44 cm) sugere *Pseustes sulphureus* (Wied-Neuwied, 1824), espécie de ampla distribuição no Brasil que pode ultrapassar os 250 cm.
- 34 “*Iriyó*” – Mais corretamente “quiririó”, nome que tem sido aplicado na literatura tanto a *Bothrops alternatus* Duméril, Bibron & Duméril, 1854, o “urutu”, como a *Bothrops neuwiedi* Wagler, 1924, a “jararaca-pintada” (Squamata, Viperidae).
- 35 “Cobra *Chata*” – Nome aplicado a diferentes representantes do gênero *Xenodon* (Squamata, Colubridae), serpentes não peçonhentas, mas bastante agressivas, que costumam se achatar quando irritadas. No entanto, o colorido descrito na realidade sugere *Spilotes pullatus* (Lin-

- naeus, 1758) (Squamata, Colubridae), espécie de ampla distribuição no Brasil, que também possui o mesmo hábito de se achatar quando ameaçada.
- 36 “Cobra *sipô*” – Denominação geral aplicada a diversas espécies de serpentes não peçonhentas pertencentes aos gêneros *Mastigodryas*, *Dendrophidion*, *Chironius* e *Philodryas* (Squamata, Colubridae).
- 37 “Cobras verdes” – Denominação geral aplicada a diversas espécies de serpentes não peçonhentas: pertencentes aos gêneros *Liophis*, *Chironius* e *Philodryas* (Squamata, Colubridae).
- 38 “*Giboia*” – Trata-se da jiboia, *Boa constrictor* Linnaeus, 1758 (Squamata, Boidae), que Saa descreve como capaz de atingir “cinco palmos de grossura” (cerca de 110 cm; *vide* nota 1) e “crescer até 15 palmos” (330 cm), estimativa bastante conservadora se considerarmos que essa serpente pode alcançar até 500 cm de comprimento.
- 39 “*Boyrû sangá*” – A variante “bóiroçanga” foi registrada pelo Pe. José de Anchieta ([1566]1988:124) e a variante “boiriçanga” pelos naturalistas do Brasil Holandês no século XVII (*teste* Teixeira, 1995). No entanto, a breve descrição fornecida sugere que o desconhecido autor desse manuscrito talvez pretendesse referir-se à boiru ou muçurana, *Clelia clelia* Daudin, 1803 (Squamata, Colubridae).
- 40 “*Socori*” – Trata-se da sucuri, *Eunectes murinus* (Linnaeus, 1758) (Squamata, Boidae), que autor reputa como capaz de atingir “seis palmos de grossura” (cerca de 132 cm; *vide* nota 1) e nada menos de “60 palmos” de comprimento (1.320 cm). Embora alguns autores afirmem que essa serpente pode crescer até 1.400 cm (*e.g.* Amaral, 1978), os maiores exemplares obtidos até o momento alcançaram em torno de 900 cm de comprimento e 30 cm de diâmetro.
- 41 “*Licanso*” – Variante de “licranço”, nome aplicado originalmente ao lagarto ápodo também conhecido como “cobra-de-vidro”, *Ophiodes striatus* (Spix, 1824) (Squamata, Anguidae), que teria sido utilizado para designar alguma das diversas espécies de cobras-de-duas-cabeças (Amphisbaenia, Amphisbaniidae) existentes no Brasil. Todavia, o conteúdo desta passagem indica que o autor tinha a mesma dificuldade de separar esses répteis das minhocas e minhocuçus (Annelida, Oligochaeta), observada entre vários de nossos contemporâneos.
- 42 “Há uns chamados Rãm, e p<sup>h</sup>a fraze da terra *Gia*” – Embora demasiado vaga para permitir uma diagnose precisa, esta passagem poderia ser entendida como uma alusão às espécies comestíveis de maior porte pertencentes ao gênero *Lep-todactylus* (Anura, Leptodactylidae), conhecidos como “jias” ou “jias-de-peito” em diversas partes do Brasil, que apresentam um aspecto geral relativamente semelhante ao das rãs européias.
- 43 “As outras duas são mais pequenas, hũas brancasentas, outras pintadas com manxas brancas” – Tampouco parece ser possível identificar as espécies de anuros mencionadas nessa passagem, pois várias são as espécies “brancasentas” ou “pintadas”, cujo cantar pode ser comparado a um gemido.
- 44 “*Intanha*” – Variante de “untanha”, nome geral aplicado a diferentes representantes dos gêneros *Ceratophrys* e *Proceratophrys* (Anura, Leptodactylidae), anfíbios bem conhecidos por seu comportamento agressivo e aparência assustadora, reforçada pela presença de duas excrescências acuminadas que se projetam sobre os olhos à guisa de chifres.
- 45 “segundo alguns tem hũa pedra na cabeça” – Surpreendente alusão à *bufonites*, pedra misteriosa dotada de incriveis poderes antidotais que seria encontrada na cabeça de sapos e rãs. Corrente na Europa medieval (*teste* Cuba, 1491; Leonardi, 1750), esta crença teria perdurado até os dias de hoje em certas partes do Brasil, pois os caiçaras do litoral paranaense ainda acreditam que as untanhas levam uma fabulosa “pedra preciosa” na cabeça, impossível de ser obtida graças à inacreditável ferocidade de seu guardião.
- 46 “Há infinitas espécies de sapos [...]; todos são venozos” – Demasiado vaga para permitir a identificação dos anuros mencionados, esta passagem segue a tradição brasileira de considerar os sapos, rãs e afins como animais extremamente peçonhentos, capazes de envenenar qualquer ser vivo ao menor toque. Embora fabulosa, semelhante crença encontra certo respaldo no fato de determinados anfíbios (*e.g.* *Bufo* spp., *Dendrobates* spp.) apresentarem secreções tegumentares de grande toxicidade, mesmo que não disponham de qualquer mecanismo eficiente de inoculação.
- 47 “*Isá*” – Saúva (var.: içáua, içáuba, saúba). Formigas do gênero *Atta*. O nome “saúva” designa os operários e os soldados. A fêmea alada é denominada *içá* (de yçaba, “gordura”, porque seu abdome era considerado como gordura, e por isso comestível, depois de torrado) ou *tanajura*. O macho alado é chamado *içabitu* (de içá, “formiga” e ibitu, “vento”, porque voa com as fêmeas

- para fecundá-las; var.: bitu, sabitu, savitu). Existem vários outros nomes para estas formigas, que têm um rico folclore no Brasil (cf. Lenko & Papavero, 1996:223-244).
- 48 “*Quequem*” – Quenquem, denominação comum a várias espécies de formigas do gênero *Acromyrmex* (ver Lenko & Papavero, 1996:219-220).
- 49 “*Sarasará*” – Sarassará. Formigas do gênero *Camponotus* (Lenko & Papavero, 1996:220).
- 50 “*Saquatinga*” – Variante ainda não registrada de “saracutinga”, nome das formigas do gênero *Odontomachus* (ver Lenko & Papavero, 1996:220).
- 51 “*Tocanguira*” – Variante de tocandira, termo até agora só registrada no Mato Grosso (Badariotti, 1898:120; Barbosa, 1945:65; Bossi, 1863:103). Fundamentalmente designa a formiga *Paraponera clavata* (Fabricius, 1775), que chega a 22 mm de comprimento e que, quando ferroa, causa dor intensíssima. Por extensão é aplicado também aos gêneros *Dinoponera* e *Neoponera* (ver Lenko & Papavero, 1996:245-254).
- 52 “*Outra Tocanguira*” – Representante dos gêneros *Dinoponera* ou *Neoponera*, como comentado na nota anterior.
- 53 “*Outra formiga do mesmo tamanho pintada de preto, e branco*” – É possível que o autor se refira aqui às fêmeas ápteras de himenópteros da fam. Mutillidae, conhecidos como “formigas-feiticeiras” e várias outras denominações. Se for verdade, é realmente assombrosa a capacidade de observação do autor (ver Lenko & Papavero, 1996:183-191).
- 54 “*Correioens*” – Designação comum a várias espécies de formigas da subfamília Dorylinae, famosas por organizarem expedições de muitas centenas de indivíduos, periodicamente, pondo em polvorosa todos os animais que passam por seu caminho (Lenko & Papavero, 1996:209).
- 55 “*Cupis*” – Cupins, representantes da Ordem Isoptera (cf. Lenko & Papavero, 1996:81-98).
- 56 “*casas do feitio de um forno de 5 e 6 palmos de altura, de noite brilhão como fogo, p’ terem hum gusmo transparente, com q’ amasão o barro*” – É a mais antiga referência conhecida à luminescência dos ninhos de cupins e antecede de mais de um século as observações feitas por H.H. Smith (1879) no Mato Grosso. Lenko & Papavero (1996:82-84) discutem o assunto. Nos ninhos dos cupins vivem em grandes quantidades larvas de besouros da família Elateridae (*Pyrearinus termitilluminans* Costa, 1982), que são bioluminescentes, e que à noite se iluminam, resultando o ninho dos cupins em espetáculo maravilhoso, principalmente no Parque Nacional das Emas, em Goiás. Ver trabalho de Migliaccio *et al.* (1985) sobre esses besouros. Novamente é admirável como esse autor conseguiu ver fatos tão notáveis da biologia de nossos bichos!
- 57 “*Aranhas*” – Animal artrópode aracnídeo, da ordem dos araneídeos, de cefalotórax e abdome não segmentados, unidos por pedúnculo estreito, quelíceras terminadas em ponta para inoculação de peçonha, abdome com glândulas ou fiandeiras que segregam seda, com a qual fazem as teias. As espécies, em sua maioria, são terrestres e predadoras de outros artrópodes (Ferreira, s/d:125).
- 58 “*Caranguejeira*” – Aranha de grande porte, migalomorfa, que não tece teia, se alimenta de pequenos vertebrados de sangue frio, e cujas picadas, dolorosas embora, não produzem chagas ulcerosas (Ferreira, s/d:280).
- 59 “*Cagalume*”, “*vagalume*” – Saa refere-se aqui aos coleópteros da família Elateridae (ver Lenko & Papavero, 1996:319-337). O nome designa também os representantes das famílias Lampyridae e Phengodidae.
- 60 “*Mamoan*”, “*Cucuyo*”, “*Gueros*” – Mamoan (Mamoã) ou Mamoá era o nome aplicado pelos índios aos vaga-lumes; Gabriel Soares de Souza, em seu *Tratado descritivo do Brasil em 1587* (Souza, 1971) já registrara esse termo: “Na Bahia se criam uns bichos a que os índios chamam memoás, aos quais chamam em Portugal lucernas, e outros caga lume, que andam em noites escuras, assim em Portugal como na Bahia, em cujos matos os há muito grandes; os quais entram de noite nas casas às escuras, onde parecem candeias muito claras porque alumiam uma casa toda, em tanto que às vezes acorda uma pessoa de súbito vendo a casa clara, deitando-se às escuras, do que se espanta cuidando ser outra cousa”. *Cucuyo* é nome dado pelos mesoamericanos aos Elateridae. Não conseguimos encontrar “*Gueros*”.
- 61 “*Puriacú*” – Termo não registrado nos léxicos. Seria um nome (unicamente registrado por Saa) para as larvas de Lampyridae. Cremos que esta hipótese é mais convincente. A seu favor temos o mesmo trecho escrito pelo autor no Fol. 33v: “não picam, porem os seos corpos são um veneno finisimo”; com efeito, é crença comum até hoje no Brasil que os vaga-lumes são venenosíssimos e que basta pegar um com os dedos, mesmo sem esmagá-lo, que os dedos ficam envenenados a ponto de, ao serem passados sobre os olhos, cau-

sarem cegueira. O autor trata deste bicho logo após os outros coleópteros bioluminescentes (memoan ou cucuyo, Fam. Elateridae). O puriacu seria pois designação dos Lampyridae, suas larvas e suas fêmeas larviformes.

- 62 “Gafanhotos”, etc. – O autor incluiu aqui os insetos parecidos com gafanhotos, que modernamente estão separados em várias Ordens: Mantodea (que inclui os louva-a-deus), Celifera (gafanhotos e grilos, e os bichos-pau pertencentes à Família Proscopiidae), Phasmodea (que inclui também insetos chamados de bichos-pau, que diferem dos anteriores por terem as antenas longas, o protórax curto e a cabeça pequena) e Ensifera (que inclui as chamadas Esperanças). Ver Lenko & Papavero (1996:31-60).
- 63 “Barboletas”, etc. – O autor reúne o restante dos insetos, desistindo de tratar de sua grande variedade. É interessantíssimo constatar a crença do autor na geração espontânea de certos insetos: “m<sup>tas</sup> vezes sahem estas pragas geradas das mesmas arvores, p<sup>f</sup> cauza da sêca, demaziadas aguas, ou forsa [força] da terra, e de pois de formadas destroem a mesma planta d’onde procederão”, ou “geradas de hum gusmo a modo de escumas, q<sup>’</sup> as mesmas plantas crião nas folhas”.

### NOTAS DA SEÇÃO III (FOLIOS 37V-47R)

- 1 “*Juruasú*” – Provável referência ao ajuruauçu ou papagaio-moleiro, *Amazona farinosa* (Boddaert, 1783) (Psittaciformes, Psittacidae), representante de tamanho mais avantajado que pode atingir cerca de 40 cm de comprimento.
- 2 “*Jurumerim*” – Embora possa ser aplicado a diversos psitácidas muito distintos, o nome “jurumerim” ou “ajurumirim” (literalmente “papagaio-pequeno” em tupi) parece ter sido utilizado pelo autor como contraponto a “juruasú”, o que sugere qualquer espécie do gênero *Amazona* (Psittaciformes, Psittacidae) com porte inferior ao de *Amazona farinosa*.
- 3 “*Jurueoa*” – Provável variante de “jurueca” ou “juruequa”. nomes tupis atribuídos ao papagaio-de-peito-roxo, *Amazona vinacea* (Kuhl, 1820) (Psittaciformes, Psittacidae), por autores como Martius (1863) e Goeldi (1894).
- 4 “*Corica*” – Variante de “curica”, designação de origem indígena comum a vários psitácidas medianos de cauda curta, pertencentes aos gêneros *Gypopsitta*, *Pionopsitta*, *Graydidascalus*, *Pionus* e *Amazona* (Psittaciformes, Psittacidae). Conside-

rando a sequência do texto, talvez seja uma referência a *Amazona amazonica* (Linnaeus, 1766), espécie conhecida por esse mesmo nome em várias partes do Brasil.

- 5 “*Maetaca*” – Variante de “maitaca, nome de origem indígena aplicado sobretudo aos representantes do gênero *Pionus*, que também pode ser estendido a outros psitácidas (Psittaciformes, Psittacidae) de médio porte como *Triclaria malachitacea* (Spix, 1824) e *Gypopsitta* spp. (teste Martius, 1863).
- 6 “*Maracanam*” – Variante de “maracanã”, nome de origem indígena conferido às espécies de pequeno porte do gênero *Ara*, bem como aos representantes dos gêneros *Orthopsittaca*, *Primoilius* e *Diopsittaca* (Psittaciformes, Psittacidae), além de *Aratinga leucophthalmus* (Statius Müller, 1776) (teste Pinto, 1938).
- 7 “*Maracanan oasú*” – Variante de “maracanã-açu”, nome de origem indígena aplicado sobretudo a *Ara severa* (Linnaeus, 1758) (teste Pinto, 1938).
- 8 “*Coyucoyú*” – Variante de “cuiú-cuiú”, nome atribuído geralmente a *Pionopsitta pileata* (Scopoli, 1769) (Psittaciformes, Psittacidae).
- 9 “*Teriba*” – Variante de “tiriba”, nome tupi usualmente conferido às diversas espécies do gênero *Pyrrhura* (Psittaciformes, Psittacidae).
- 10 “*Nhandaya*” – Variante de “jandaia”, nome de origem indígena atribuído essencialmente aos vários representantes do gênero *Aratinga* (Psittaciformes, Psittacidae).
- 11 “*terenteren*” – A julgar pelos comentários de diversos autores (e.g. Martius, 1863; Goeldi, 1894), “terenteren” seria mero sinônimo de “quero-quero” ou “têu-têu”, nomes geralmente atribuídos a *Vanellus chilensis* (Molina, 1782) (Charadriiformes, Charadriidae). Vale notar, entretanto, que essa designação também se aplica ao papagaio-de-peito-roxo, *Amazona vinacea* (Kuhl, 1820) (Psittaciformes, Psittacidae), o que parece fazer mais sentido nessa passagem do texto.
- 12 “*Urahy*” – Talvez uma variante de “arua-y”, nome indígena registrado por certas fontes (e.g. Montoya, 1639; Pinto, 1938) para *Aratinga leucophthalmus* (Salvadori, 1891) (Psittaciformes, Psittacidae).
- 13 “*toim*” – Variante de “tui”, nome de origem indígena comumente aplicado a diversos psitácidas (Psittaciformes, Psittacidae) de pequeno porte e cauda curta, como *Forpus xanthopterygius* (Spix, 1824) e *Brotogeris sanctithomae* (Statius Müller, 1776) (teste Pinto, 1938). No entanto, a des-

- crição fomecida mais adiante deixa claro que o autor desse manuscrito atribui essa designação à caturrita, *Myiopsitta monachus* (Boddaert, 1854), representante de maior porte e cauda alongada encontrado no oeste e sul do Brasil
- 14 “*Coyucoyú merim*” – Nome de origem indígena registrado por Martius (1863) para *Forpus passerinus* (Linnaeus, 1758) (Psittaciformes, Psittacidae).
- 15 “*Sererica*” – Ao que parece, “*sererica*” seria mera variante de “*tirica*” ou “*titirica*”, nomes de origem indígena atribuídos a *Forpus passerinus* (Linnaeus, 1758) por alguns autores (e.g. Martius, 1863; Tastevin, 1923), embora também possam ser aplicados a certos representantes do gênero *Brotogeris* (Psittaciformes, Psittacidae).
- 16 “*sabeyáica*” – Referência a *Triclaria malachitacea* (Spix, 1824) (Psittaciformes, Psittacidae), que recebeu dos tupis a designação de “*sabiatica*” (literalmente “parecido com o sabiá”) graças à sua voz aflautada e melodiosa, pouco usual para um psitácida.
- 17 “*Arara*” – Termo onomatopaico de origem indígena aplicado aos vários representantes de grande porte e rabilongos dos gêneros *Anodorhynchus* e *Ara* (Psittaciformes, Psittacidae).
- 18 “*Canindé*” – Referência à arara-canindé, *Ara ararauna* (Linnaeus, 1758) (Psittaciformes, Psittacidae), espécie de ampla distribuição no Brasil, muitas vezes citada pelos viajantes dos séculos XVII e XVIII.
- 19 “*Arara vermelha*” – Designação geral conferida a *Ara macao* (Linnaeus, 1758) e *Ara chloroptera* Gray, 1859 (Psittaciformes, Psittacidae), as duas únicas araras brasileiras que apresentam uma plumagem colorida sobretudo de escarlate.
- 20 “*Ararauna*” – Referência à arara-azul, *Anodorhynchus hyacinthinus* (Latham, 1790) (Psittaciformes, Psittacidae), espécie de ampla distribuição no Brasil, que muitas vezes recebeu o nome de “*arara-preta*” (“*ararauna*” em tupi) graças à sua escura plumagem azul-cobalto.
- 21 “*Ararinha*” – Conferido usualmente a *Cyanopsitta spixii* (Wagler, 1832) e aos representantes rabilongos e de pequeno porte dos gêneros *Ara*, *Orthopsittaca*, *Primolius* e *Diopsittaca*, conhecidos pelo vulgo como “*maracanãs*” (Psittaciformes, Psittacidae), essa denominação terminaria sendo aplicada, por extensão, a vários outros psitácidas muito diversos como *Pyrrhura picta* (Stadius Müller, 1776) (teste Pinto, 1938) e *Amazona amazonica* (Linnaeus, 1776) (teste Ihering & Ihering, 1907; Pinto, *op. cit.*).
- 22 “Fazem os seus ninhos em buracos das árvores, ou cazas de cupi” – Caso não encontrem árvores adequadas, certos psitácidas, como *Aratinga aurea* (Gmelin, 1789), *Aratinga cactorum* (Kuhl, 1820) e *Brotogeris versicolorus* (Stadius Müller, 1776) (Psittaciformes, Psittacidae) de fato podem escavar seus ninhos em casas de cupim, hábito bastante comum entre as populações dessas aves que habitam o cerrado e a caatinga (Negret & Teixeira, 1983).
- 23 “e formão hum ninho sobre o mais alto dos arvoredos do tamanho de hũa caza” – Descrição bastante precisa do ninho da caturrita, *Myiopsitta monachus* (Boddaert, 1854) (Psittaciformes, Psittacidae), único representante brasileiro que edifica grandes estruturas de matéria vegetal ao invés de nidificar em ocós.
- 24 “*Pomba trocal*” – Provável alusão a *Patagioenas speciosa* (Gmelin, 1789) (Columbiformes, Columbidae), espécie de ampla distribuição no Brasil. No entanto, vale lembrar que o nome “*trocac*” ou “*trocac*” também pode ser conferido a *Patagioenas picazuro* (Temminck, 1813) (teste Goeldi, 1894).
- 25 “*Pucasuete*” – Provável referência à asa-branca, *Patagioenas speciosa* (Gmelin, 1789), o maior representante dos colúmbidas brasileiros (Columbiformes, Columbidae). Na verdade, o nome tupi “*picasuete*” ter-se-ia vulgarizado sob a forma da tradução portuguesa de “*pomba-verdadeira*”, termo bastante vago atribuído tanto aos representantes do gênero *Leptotila*, quanto a *Patagioenas cayennensis* (Bonnaterre, 1792) e *Patagioenas speciosa* (Gmelin, 1789) (teste Martius, 1863; Goeldi, 1894).
- 26 “*Pucasuroba*” – Segundo autores como Martius (1863) e Ihering & Ihering (1907), esta seria a designação tupi da pomba-galega, *Patagioenas cayennensis* (Bonnaterre, 1792) (Columbiformes, Columbidae).
- 27 “*Pucasuira*” – Na medida em que seja considerada uma contração de “*picaçu-guira*”, o termo em questão poderia ser entendido como mero sinônimo de “*picaçu*”, nome tupi da pomba-amargosa, *Patagioenas plumbea* (Vieillot, 1818) (Columbiformes, Columbidae).
- 28 “*Juriti*” – Nome geral conferido sobretudo aos representantes do gênero *Leptotila* (Columbiformes, Columbidae), que pode ser aplicado, por extensão, a outros colúmbidas de médio porte e hábitos terrícolas como as pariris, *Geotrygon* spp.
- 29 “*Pucuby*” – Variante de “*picuí*” (literalmente “*pombinha*”), nome tupi passível de ser aplicado

- a qualquer colúmbida de pequeno porte (Columbiformes, Columbidae). Semelhante designação foi atribuída a *Columbina picui* (Temminck, 1813) por autores como Montoya (1639) e Martius (1863).
- 30 “*Juritipiranga* aq’ chamamos Rôlas” – Conferido originalmente à pomba-de-coleira, *Streptopelia turtur* (Linnaeus, 1758) (Columbiformes, Columbidae), o nome português “rola” foi utilizado para designar diferentes colúmbidas de médio porte existentes no Novo Mundo, inclusive aqueles pertencentes aos gêneros *Claravis*, *Geotrygon* e *Uropelia*. A julgar pelo colorido das espécies existentes no Brasil, parece razoável supor que a designação de “juritipiranga” (literalmente “jurití-vermelha” em tupi) tenha sido aplicada a *Geotrygon montana* (Linnaeus, 1758) (teste Ihering & Ihering, 1907; Pinto, 1938), embora autores como Sick (1985) prefiram atribuí-la a *Geotrygon violacea* (Temminck, 1810).
- 31 “*Picuipeba*” – Autores como Martius (1863), Goeldi (1894) e Ihering & Ihering (1907) são unânimes em relacionar esse nome tupi à rola-azul, *Claravis pretiosa* (Ferrari-Perez, 1886) (Columbiformes, Columbidae).
- 32 “*Picuipe merim*” – Termo tupi bastante abrangente, passível de ser conferido a qualquer colúmbida brasileiro de menor porte pertencente aos gêneros *Columbina* e *Uropelia* (Columbiformes, Columbidae).
- 33 “*Guira* (...) chamadas rôlas brancas” – Causa certa estranheza que um colúmbida identificado pelo autor como “rôla-branca” receba o nome de “guira”, nome tupi referente a qualquer ave. A julgar pela indicação do colorido, talvez essa passagem diga respeito a *Columbina passerina* (Linnaeus, 1758) (Columbiformes, Columbidae), espécie de plumagem predominantemente cinza clara.
- 34 “*Pareri*” – Designação geral aplicada a colúmbidas de médio porte pertencentes aos gêneros *Geotrygon* e *Zenaida* (Columbiformes, Columbidae). Como o autor desse manuscrito reserva o nome de “jurití-vermelha” para *Geotrygon montana* (Linnaeus, 1758), parece razoável supor que sua “pareri” de plumagem pedrês na verdade seja a avoante, *Zenaida auriculata* (Des Murs, 1847), espécie de ampla distribuição na América do Sul também chamada de “bairari” ou “mbairari” (teste Martius, 1863; Ihering & Ihering, 1907; Pinto, 1938).
- 35 “Perdiz (...) da Europa” – Trata-se da perdiz européia, *Perdix perdix* (Linnaeus, 1758) (Galliformes, Phasianidae), ave cinegética que serviu de referência aos portugueses para nomear os tinâmidas (Tinamiformes, Tinamidae) do Novo Mundo.
- 36 “Codornizes” – Alusão bastante vaga a alguns dos tinâmidas campestres existentes no Brasil (Tinamiformes, Tinamidae), elenco que compreende a perdiz, *Rhynchotus rufescens* (Temminck, 1815), o inhambu-carapé, *Taoniscus nanus* (Temminck, 1815) e as codornas ou codornizes, *Nothura* spp.
- 37 “*Inambú*” – Designação tupi de qualquer tinâmida (Tinamiformes, Tinamidae), que terminou sendo utilizada pelos colonizadores portugueses para designar sobretudo as várias espécies do gênero *Crypturellus*.
- 38 “*Inambuasi*” – Nome tupi alusivo a qualquer tinâmida (Tinamiformes, Tinamidae) visto como de maior porte, empregado para designar espécies tão diversas entre si como *Tinamus tao* Temminck, 1815, *Tinamus major* (Gmelin, 1789), *Crypturellus undulatus* (Temminck, 1815) e *Crypturellus obsoletus* (Temminck, 1815) (teste Pinto, 1938).
- 39 “*Macuco*” – Provável referência a *Tinamus solitarius* (Vieillot, 1819) (Tinamiformes, Tinamidae), uma das espécies cinegéticas mais afamadas do Brasil.
- 40 “*Jaó*” – Nome onomatopaico atribuído a determinados representantes do gênero *Crypturellus* tais como *Crypturellus undulatus* (Temminck, 1815) e *Crypturellus noctivagus* (Wied, 1820) (Tinamiformes, Tinamidae).
- 41 “ovos, todos eles roxos, e só o Macuco os poem alvos” – A casca dos ovos dos tinâmidas porte (Tinamiformes, Tinamidae) possui um brilhante aspecto de porcelana bastante característico, possuindo sempre um colorido conspícuo que pode variar do rosa ao chocolate. Ao contrário do que afirma Sáa, os ovos do macuco, *Tinamus solitarius* (Vieillot, 1819), são de um belo verde-turquesa.
- 42 “*Jacutinga*” – *Pipile jacutinga* (Spix, 1825) (Galliformes, Cracidae), uma das peças de caça mais cobiçadas da avifauna brasileira.
- 43 “*Jacuasú*” – Termo indígena um tanto vago relativo às espécies de maior porte do gênero *Penelope* (Galliformes, Cracidae), sendo em geral aplicado a *Penelope obscura* Temminck, 1815 do Brasil oriental e *Penelope jacquacu* Spix, 1825 da Amazônia.
- 44 “*Jacúpema*” – Provável referência a *Penelope supercilialis* Temminck, 1815 (Galliformes, Cra-

- cidae), ave cinegética de ampla distribuição no Brasil.
- 45 “*Jacúcaca*” – Nome tupi atribuído tanto a *Penelope superciliaris* Temminck, 1815 quanto a *Penelope jacucaca* Spix, 1825 (Galliformes, Cracidae).
- 46 “q’ veste de preto, e br<sup>co</sup>, topete formozo com seos coraeszinhas, como o Perú, e cartilagem de bx<sup>o</sup> do bico” – Clara alusão à barbeta dos jacus e jacutingas, estrutura tegumentar que nada possui de tecido cartilaginoso.
- 47 “tem huma guéla grossa com algúas voltas p<sup>lo</sup> exterior do corpo, q’ encaminha a moéla p<sup>la</sup> p<sup>te</sup> do oveiro p<sup>r</sup> onde recolhe o mantim<sup>to</sup> q’ comem” – Ao que parece, o autor pretende descrever as modificações observadas na traqueia de vários Cracidae, que podem apresentar uma alça conspícua que se dobra sobre a superfície dos músculos peitorais antes de penetrar na cavidade torácica.
- 48 “Araquan” – Nome indígena, aparentemente de origem onomatopaica, empregado para designar as diferentes espécies do gênero *Ortalis* (Galliformes, Cracidae), das quais muitas apresentam a plumagem parda ou avermelhada.
- 49 “Uraponga (maxo alvo e a fêmea verde)” – Variante de “araponga”, nome tupi de *Procnias nudicollis* (Vieillot, 1817) (Passeriformes, Cotingidae), pássaro bem conhecido por sua potente vocalização.
- 50 “Uraponga (os maxos pretos, e as fêmeas pardas)” – Passagem bastante obscura, em virtude da breve descrição fomecida, na qual o autor parece comparar as arapongas do Novo Mundo (Passeriformes, Cotingidae) a um segundo pássaro canoro procedente do Mediterrâneo, quiçá o melro, *Turdus merula* Linnaeus, 1758 (Passeriformes, Turdidae).
- 51 “Pavão” – Descrição um tanto incorreta do pavó, *Pyroderus scutatus* (Shaw, 1792) (Passeriformes, Cotingidae), pássaro que atinge apenas 46 cm de comprimento e apresenta uma plumagem negra com a garganta coberta de penas vermelhas.
- 52 “Tigui” – Segundo Martius (1863), “tegui”, “theú” e “toin-toin” seriam nomes aplicados a *Hylopezus ochroleucus* (Wied, 1831) (Passeriformes, Grallariidae), pássaro terrícola que de fato apresenta o peito branco pintalgado de marrom e negro, embora não ultrapasse os 13 cm de comprimento. Entretanto, a descrição fomecida sugere uma ave distinta de porte muito maior, que não pode ser identificada com precisão.
- 53 “Sorocohá” – Referência a uma das quatro espécies brasileiras do gênero *Trogon* (Trogoniformes, Trogonidae) que apresentam as partes inferiores amareladas.
- 54 “*Anum legitimo*” – Trata-se do anu-preto, *Crotophaga ani* Linnaeus, 1751 (Cuculiformes, Cuculidae), uma das aves mais comuns do Brasil.
- 55 “*Anum Guasú*” – Referência ao anu-coroca, *Crotophaga major* Gmelin, 1788 (Cuculiformes, Cuculidae), representante de grande porte que pode ultrapassar os 45 cm de comprimento.
- 56 “fazem ninho em bandos tãobem, e nele poem todos juntos os ovos, chócão e sustentão os filhos em comum; tem as carnes pretas, e saudáveis” – Embora assinalado com notável precisão os ninhos coletivos construídos pelos anus brasileiros (Cuculiformes, Cuculidae), a passagem em questão causa surpresa por caracterizar a fétida carne dessas aves como “saudável”. O *Cozinheiro nacional* (Anôn., [1889]2008:281) declara: “O anu-preto é uma ave do Brasil que só se nutre de carrapatos e, por isso, a sua carne tem uma catanga tão forte, que não é apetecida por ninguém; os camponeses, porém, asseveram que a sua carne tem a propriedade de curar a asma, a aífilis inveterada e as verrugas”.
- 57 “a maneira de huns sacos tecidos de cabelos de páo” – Ao mencionar os “cabelos-de-páu”, o autor provavelmente pretendia referir-se às hastilhas da “barba-de-velho”, *Tillandsia usneoides* Linnaeus, 1762 (Bromeliaceae), material muito utilizado pelos ictéridas na construção de seus ninhos suspensos (Huber, 1902; Sick, 1957).
- 58 “*Japúasú* preto com o rabo amarelo” – Provável referência ao João-congo, *Psarocolius decumanus* (Pallas, 1769) (Passeriformes, Icteridae).
- 59 “Outros sinzentos com o rabo amarélo, bico e péz vermelhos” – Trecho bastante obscuro, pois na avifauna brasileira não existe qualquer espécie aparentada a um ictérida (Passeriformes, Icteridae) cuja plumagem seja cinzenta e que tenha o bico e pés vermelhos. Embora a denominação de “japu-encarnado” seja aplicada a *Psarocolius bifasciatus yaracares* (Lafesnaye & d’Orbigny, 1838) (teste Pinto, 1944), cumpre destacar que essa espécie amazônica de grande porte se apresenta colorida de verde e castanho e possui os pés pretos.
- 60 “*Japú merim*” – A passagem sugere que o autor pretendia referir-se ao corrupião, *Icterus icterus* (Linnaeus, 1758), um dos membros dos ictéridas ao qual o nome “japu” (“pequeno japu” em tupi) podia ser conferido (teste Teixeira, 1995, 1998).
- 61 “*Japúiras*” – Embora esse nome indígena seja geralmente aplicado ao João-congo, *Psarocolius*

- decumanus* (Pallas, 1769), o conteúdo da passagem sugere um outro ictérida (Passeriformes, Icteridae) de canto mais melodioso, quicá o guaxe, *Cacicus cela* (Linnaeus, 1758) (Passeriformes, Icteridae), que também apresenta uma plumagem colorida de amarelo e preto.
- 62 “Picapáo” – Demasiado vaga para permitir uma identificação positiva, trata-se de referência bastante geral relativa às diversas espécies de pica-paus existentes no Brasil (Piciformes, Picidae).
- 63 “fazem hum gr<sup>de</sup> estrondo” – Na verdade, essa passagem parece dizer respeito ao chamado “tamborilar”, ruído muito intenso destinado a demarcar um território ou atrair a atenção de um parceiro que os pica-paus produzem batendo o bico sobre troncos ociosos, madeira seca etc.
- 64 “Alecto” – Corrente entre os naturalistas da Antiguidade, a palavra “alecto” (forma latinizada do grego ἀλεκτο) era utilizada para designar o galo doméstico, *Gallus gallus* Linnaeus, 1758 (Galliformes, Phasianidae), e outras aves aparentadas. Malgrado essa mesma expressão tenha sido empregada, pelo menos até meados do século XX, para nomear certos pássaros exóticos como os tecelões africanos (Passeriformes, Ploceidae), não parece impossível supor que o desconhecido autor desse manuscrito pretendesse referir-se aos faisões (Galliformes, Phasianidae) das Índias Orientais.
- 65 “Urú – Por outro nome *Capoeira*” – Alusão bastante geral às diferentes espécies do gênero *Odontophorus* (Galliformes, Phasianidae), aves florestais e terrícolas muito apreciadas como peças de caça.
- 66 “Sorobá” – Provavelmente trata-se do mesmo “suruá” ou “surubá” mencionado vagamente por Tastevin (1923) como um “passarinho”. Contudo, o breve relato fornecido descreve uma espécie de certo tamanho, pernilonga e de hábitos terrícolas que terminaria sendo arrolada junto aos mutuns e urus, detalhe que sugere uma ave de vago aspecto galináceo aos olhos do autor. Não parece impossível supor, portanto, que esse texto diga respeito a um dos papa-formigas de maior porte pertencentes aos gêneros *Grallaria* (Passeriformes, Grallariidae) ou *Chamaeza* (Passeriformes, Formicariidae), que possuem os tarsos longos e hábitos terrícolas, vivem nas brenhas e apresentam um aspecto tal que lhes valeu os nomes populares de “galo-do-mato” ou “pinto-do-mato”.
- 67 “Motúm [...] hum de q’ a femea hé pedrêz, salpicada de br<sup>co</sup> e preto, e o macho todo preto com huns penachos na cabeça” – Trata-se do mutum-pinima, *Crax fasciolata* Spix, 1825 (Galliformes, Cracidae), espécie muito frequente na Amazônia e Brasil central.
- 68 “*Motum de Crista*” – Referência ao mutum-cavalo, *Mitu tuberosa* (Spix, 1815) (Galliformes, Cracidae), ave cinegética encontrada na Amazônia e partes adjacentes do Brasil central.
- 69 “*Tocano sú*” – Variante de “tucanoçu”, nome de origem indígena conferido a *Ramphastos toco* Statius Müller, 1776 (Piciformes, Ramphastidae), o maior representante de todos os ranfástidas existentes no Brasil.
- 70 “Outros menores, pretos com hũa faixa encarnada p<sup>lo</sup> peito” – Muito vaga para permitir uma identificação conclusiva, essa passagem parece dizer respeito a um dos araçaris pertencentes ao gênero *Pteroglossus* (Piciformes, Ramphastidae), os quais amiúde apresentam o peito atravessado por uma ou mais faixas vermelhas.
- 71 “Outros q’ tem a faixa amarela” – Impossível de ser identificada com segurança, essa menção talvez se refira a um tucano de peito amarelo, padrão assinalado em espécies como *Ramphastos vitellinus* Lichtenstein, 1823 (Piciformes, Ramphastidae).
- 72 “*Arusabi*” – Araçari; nome tupi conferido aos ranfástidas de pequeno porte pertencentes aos gêneros *Aulacorhynchus*, *Pteroglossus* e *Selenidera* (Piciformes, Ramphastidae).
- 73 “O golpe dos quaes hé como o de hum cutélo” – Os tucanos sempre inspiraram comentários bastante inusitados por parte dos cronistas, que insistiam em tratar o desproporcionado bico dessas aves como uma estrutura pesada ou uma arma temível, afirmações que em nada correspondam à realidade.
- 74 “*Ave doirada*” – Clara referência às aves-da-paráiso (Passeriformes, Paradisaeidae), que se tornariam conhecidas no Ocidente sobretudo através de despojos preparados pelos habitantes das “Índias”, que escalpelavam cuidadosamente suas presas e modelavam as peles, já sem qualquer vestígio de carne, ossos e pés, sobre um cilindro de madeira, secando-as na fumaça. Graças a tais espécimens, os europeus terminaram por acreditar que esses pássaros tampouco possuíam carne e ossos quando vivos, devendo ser originários do próprio paraíso terrestre. Segundo as lendas, essas fabulosas aves ápodes passariam toda a vida a voar sem jamais tocar no solo, vivendo apenas do néctar da “árvore das especiarias” e incubando sua ninhada em uma concavidade situada no

- dorso dos machos. Como os malaios utilizavam essas “aves-da-paráiso” não apenas como ornamento mas como talismã, logo surgiu o acréscimo da “ave divina que protegia os guerreiros na batalha”. Por sinal, “manucodiata” parece derivar do malaio “bolom diauata”, ou seja, “ave divina” (*apud* Pigafetta, 1800; Wendt, 1956).
- 75 “Andorinhas” – Demasiado sucinta para permitir uma identificação positiva, essa passagem talvez se refira às andorinhas do gênero *Progne* (Passeriformes, Hirundinidae), que costumam frequentar as habitações humanas.
- 76 “outras (...) q’ nunca chegam as Cazas” – Essa vaga referência tanto poderia ser atribuída a verdadeiras andorinhas (Passeriformes, Hirundinidae), quanto a andorinhões (Apodiformes, Apodidae).
- 77 “outras branquinhas (...) q’ morão nas pedras, e barrancos dos mesmos Rios, e do Mar” – Trecho muito vago, passível de ser atribuído inclusive às andorinhas dos gêneros *Tachycineta* e *Atticora* (Passeriformes, Hirundinidae), que vivem amiúde nas proximidades da água, chegando mesmo a ser encontradas à beira-mar.
- 78 “sem mais péz do q’ hũa garrita pegada a Carne” – Alusão aos andorinhões do gênero *Streptoprocne* (Apodiformes, Apodidae), que o autor associa às andorinhas (Passeriformes, Hirundinidae), cometendo equívoco muito comum entre os cronistas dos séculos XVII e XVIII.
- 79 “Sarça” – Passagem um tanto obscura que parece dizer respeito não a uma verdadeira andorinha (Passeriformes, Hirundinidae), mas ao birro, *Hirundinea ferruginea* (Gmelin, 1788) (Passeriformes, Tyrannidae), pássaro de plumagem castanho-avermelhada que habita os telhados e os rochedos.
- 80 “Corvos (...) os q’ andão em bandos” – Ao que parece, essa seria uma breve referência ao urubupreto, *Coragyps atratus* (Bechstein, 1793) (Cathartiformes, Cathartidae), o mais comum de todos os urubus brasileiros.
- 81 “Urubu, q’ se-diz Corvo dos grandes” – Trata-se do urubu-de-cabeça-vermelha, *Cathartes aura* Linnaeus, 1758 (Cathartiformes, Cathartidae).
- 82 “Corvo branco” – Alusão ao urubu-rei, *Sarcoramphus papa* (Linnaeus, 1758) (Cathartiformes, Cathartidae), espécie de plumagem alvinegra de ampla distribuição no Brasil.
- 83 “Gralha” – Muito superficiais, os comentários do autor poderiam ser atribuídos tanto às verdadeiras gralhas (Passeriformes, Corvidae), quanto às aves de rapina do gênero *Daptrius* (Falconiformes, Falconidae), que vivem em bando e promovem grande gritaria, recebendo o nome de “gralhão” no norte do país.
- 84 “Ema” – Trata-se da *Rhea americana* (Linnaeus, 1758) (Struthioniformes, Rheidae).
- 85 “Sariema” – Trata-se da seriema, *Cariama cristata* (Linnaeus, 1766) (Gruiformes, Cariamidae).
- 86 “Apacari” – Variante de “japacanim”, nome tupi conferido às diferentes espécies de aves de rapina pertencentes aos gêneros *Spizaetus* (Falconiformes, Accipitridae).
- 87 “Andabé” – Variante de “indaié”, nome tupi aplicado sobretudo ao gavião-papa-pinto, *Rupornis magnirostris* (Gmelin, 1789) (Falconiformes, Accipitridae).
- 88 “Grogotori” – Autores como Martius (1863), Goeldi (1894) e Pinto (1938) atribuem o nome “grogotori” ou suas variantes a rapineiras de médio porte como o pinhé, *Milvago chimachima* (Vieillot, 1816), e o gralhão, *Daptrius ater* Vieillot, 1816 (Falconiformes, Falconidae). No entanto, a descrição fornecida sugere uma ave muito maior semelhante a uma águia provida de penacho, imagem que se ajusta razoavelmente bem à hárpia, *Harpia harpyja* (Linnaeus, 1758) (Falconiformes, Accipitridae), a maior das aves de rapina brasileiras.
- 89 “Zebele” – Essa breve referência não permite qualquer tentativa de identificação, pois o nome “zabelê” e suas variantes sempre foram relacionados exclusivamente ao jaó, *Crypturellus noctivagus* (Wied, 1820) (Tinamiformes, Tinamidae), tinâmida que não guarda qualquer semelhança com uma ave de rapina.
- 90 “cricri” – Um dos vários nomes conferidos ao quiriquiri, *Falco sparverius* Linnaeus, 1758 (Falconiformes, Falconidae), uma das menores aves de rapina brasileiras.
- 91 “Tapema” – Variante de “itapema”, um dos nomes aplicados ao gavião-tesoura, *Elanoides forficatus* (Linnaeus, 1758) (Falconiformes, Accipitridae).
- 92 “Apoby” – Nome também registrado por Martius (1863), para uma ave não identificada, aplicado por Saa a uma rapineira que tampouco pode ser reconhecida.
- 93 “Macabán” – Um dos diversos nomes conferidos ao acauã, *Herpetotheres cachinnans* (Linnaeus, 1758) (Falconiformes, Falconidae).
- 94 “Azor” – Conforme mencionado acima, o “cricri” de plumagem manchada deve ser o quiriquiri, *Falco sparverius* Linnaeus, 1758 (Falconiformes, Falconidae), ao passo que a segunda espécie

- de costas pretas talvez seja um representante do gênero *Accipiter* (Falconiformes, Accipitridae), comparável ao açor do Velho Mundo, *Accipiter gentilis* (Linnaeus, 1758).
- 95 “*Caboré*” – Provável referência a *Glaucidium brasilianum* (Gmelin, 1788) (Strigiformes, Strigidae).
- 96 “Gavião do mesmo tamanho da Andorinha” – Referência um tanto truncada ao chamado urubuzinho, *Chelidoptera tenebrosa* (Pallas, 1782), um Bucconidae (Galbuliformes) de plumagem negra com o uropígio branco frequentemente confundida com uma rapineira.
- 97 “Outro do tamanho de hum picaflor” – Ao que parece, esta seria mais uma versão fantasiosa das notáveis habilidades venatórias do cauré, *Falco rufigularis* Daudin, 1800 (Falconiformes, Falconidae), o menor dos falcões brasileiros.
- 98 “Caracará [...] quatro espécies” – Citado por Martius (1863) como “caracará-oçu”, o “caracará asú” mencionado no presente manuscrito deve ser o *Caracara plancus* (Miller, 1777) (Falconiformes, Falconidae). Contudo, o breve relato fornecido pelo autor para as outras três espécies não permite uma identificação.
- 99 “esta ave os passarinhos pequenos a depenão viva, p<sup>a</sup> de suas pennas formarem os seos ninhos” – Passagem bastante estranha, talvez baseada em uma interpretação equivocada dos ataques em massa que os pássaros de pequeno porte lançam contra as aves de rapina.
- 100 “Coruja” – As sucintas descrições fornecidas pelo autor não permitem a identificação efetiva da maioria das “corujas” mencionadas nesse manuscrito, categoria bastante abrangente que compreende tanto a suindara, *Tyto alba* (Scopoli, 1769) (Strigiformes, Tytonidae), quanto as corujas propriamente ditas (Strigiformes, Strigidae), bem como os bacuraus e afins (Caprimulgiformes).
- 101 “*Jacurú tú*” – Embora autores como Martius (1863) atribuam o nome tupi “jacurutu” ao mocho-orelhudo, *Bubo virginianus* (Gmelin, 1788), o texto em questão na verdade sugere um outro representante desse grupo (Strigiformes, Strigidae) conhecido como “murucututu”, designação onomatopaica que reflete com perfeição as vocalizações de *Pulsatrix perspicillata* (Latham, 1790) e *Pulsatrix koenigswaldiana* (Bertoni & Bertoni, 1901) (Strigiformes, Strigidae). A julgar pela comparação feita entre essa coruja e o cuco europeu, *Cuculus canorus* Linnaeus, 1758 (Cuculiformes, Cuculidae), Sáa nunca chegou a por os olhos em um jacurutu.
- 102 “*Rotáo*” – Malgrado os óbvios exageros, parece claro que Sáa pretendia descrever um urutau de grande porte, possivelmente *Nyctibius grandis* (Gmelin, 1788) (Caprimulgiformes, Nyctibiidae).
- 103 “Bacuráo” – O breve relato fornecido pelo autor não permite a identificação efetiva dos quatro bacuraus mencionados nesse manuscrito, termo bastante abrangente que compreende todos os caprimúlgidas. No entanto, cumpre lembrar que os nomes “bacurau” e “curiango” parecem ter origem onomatopaica, refletindo duas vocalizações distintas de *Nyctidromus albicollis* (Gmelin, 1789) (Caprimulgiformes, Caprimulgidae).
- 104 “Saci” – Referência a *Tapera naevia* (Linnaeus, 1766) (Cuculiformes, Cuculidae).
- 105 “Morcego” – Caracterizados como mamíferos desde a Antiguidade, os morcegos amiúde foram colocados junto às aves nos textos dos séculos XVII e XVIII, compoendo a categoria mais ampla dos “voláteis”. Infelizmente, o relato fornecido não permite a identificação das quatro primeiras espécies arroladas nesse manuscrito, embora a quinta provavelmente seja o morcego-vampiro, *Desmodus rotundus* (É. Geoffroy Saint-Hilaire, 1810) (Chiroptera, Phyllostomidae), espécie que dispensa maiores comentários.
- 106 “Garça” – O breve relato fornecido pelo autor não permite a identificação efetiva das quatro espécies distintas de garças mencionadas, sendo este um termo bastante geral que pode ser estendido a quase todos os ardeidas (Ciconiiformes, Ardeidae). Não parece impossível supor, entretanto, que a maior espécie arrolada corresponda à garça-branca-grande, *Ardea alba egretta* (Gmelin, 1789).
- 107 “*Martelengues*” – Não conseguimos encontrar semelhante termo em nenhuma outra fonte. Embora o consumo de carniça tenha sido ocasionalmente registrado para representantes como o jaburu, *Jabiru mycteria* (Lichtenstein, 1819) (Ciconiiformes, Ciconiidae), tal hábito não parece ser corrente entre as garças do Novo Mundo, detalhe que torna possível a suposição de estarmos diante de uma referência demasiado imprecisa a espécies do Velho Mundo como os marabus, *Leptotilus* sp. (Ciconiiformes, Ciconiidae), bem conhecidas por se reunirem em bandos ao redor dos cadáveres.
- 108 “Há outras da cabeça azul” – Demasiado vaga para permitir uma identificação, essa passagem poderia ser atribuída a qualquer garça ou sóc

- que possuísse parte da cabeça anegrada ou azulada em contraste com o resto da plumagem, elenco bastante amplo que poderia incluir tanto espécies como a garça-real, *Pilherodius pileatus* (Boddaert, 1783) e o taquiri, *Nycticorax nycticorax* (Linnaeus, 1758), quanto o arapapá, *Cochlearius cochlearius* (Linnaeus, 1766) (Ciconiiformes, Ardeidae).
- 109 “Bogoari” – Trata-se do maguari, *Ardea cocoi* Linnaeus, 1766 (Ciconiiformes, Ardeidae).
- 110 “Bigoá” – Breve referência à fêmea do biguatinga, *Anhinga anhinga* (Linnaeus, 1766) e aos bandos de biguás, *Phalacrocorax brasilianus* (Gmelin, 1789) (Pelecaniformes, Phalacrocoracidae).
- 111 “Tuyuyu” – Provável alusão ao jaburu, *Jabiru mycteria* (Lichtenstein, 1819) (Ciconiiformes, Ciconiidae).
- 112 “Jaburu” – Talvez uma segunda alusão ao jaburu, *Jabiru mycteria* (Lichtenstein, 1819) (Ciconiiformes, Ciconiidae).
- 113 “[rati]p[o]ca” – Provável referência ao cabeça-seca, *Mycteria americana* Linnaeus, 1758 (Ciconiiformes, Ciconiidae).
- 114 “Taboyayá” – Referência ao tabuiaiaí, nome matogrossense para *Ciconia maguari* (Gmelin, 1789) (Ciconiiformes, Ciconiidae).
- 115 “Guiraperitica” – Talvez uma referência à maria-faceira, *Syrigma sibilatrix* (Temminck, 1824) (Ciconiiformes, Ardeidae).
- 116 “Nhumá” – Trata-se da anhumá, *Anhima cornuta* (Linnaeus, 1766) (Anseriformes, Anhimidae).
- 117 “Taan” – Referência à tachã, *Chauna torquata* (Oken, 1816) (Anseriformes, Anhimidae).
- 118 “Térotéro” – Sem dúvida alguma uma alusão ao quero-quero, *Vanellus chilensis* (Molina, 1782) (Charadriiformes, Charadriidae).
- 119 “Ocarão” – Referência ao carão, *Aramus guarauana* (Linnaeus, 1766) (Gruiformes, Aramidae).
- 120 “Patos” – Alusão ao pato-do-mato, *Cairina moschata* (Linnaeus, 1758) (Anseriformes, Anatidae).
- 121 “Marrecas” – Sem fornecer maiores detalhes, o texto contenta-se em listar o nome de vários anátidas distintos (Anseriformes, Anatidae), mencionando a ariré ou irerê, *Dendrocygna viduata* (Linnaeus, 1766), a marreca-pedrez ou carijó, *Anas versicolor* Vieillot, 1816, a marreca-parda, *Anas flavirostris* Vieillot, 1816, a queixo-branco, *Anas bahamensis* Linnaeus, 1758 e o marrecão ou ganso, *Neochen jubata* (Spix, 1825). A exemplo de vários outros naturalistas da época, o autor alinha entre os patos umas certas “picaparas”, nome atribuído tanto aos mergulhões (Podicipediformes, Podicipedidae), quanto aos ipequis (Gruiformes, Heliornithidae).
- 122 “Curucaca” – Referência à curucaca, *Theristicus caudatus* (Boddaert, 1783) (Ciconiiformes, Threskiornithidae), espécie neotropical comparada pelo autor às cegonhas do Velho Mundo, *Ciconia ciconia* (Linnaeus, 1758) (Ciconiiformes, Ciconiidae).
- 123 “Ave catinguenta” – Trata-se da cigana ou catingueira, *Opisthocomus hoazin* (Statius Müller, 1776) (Galliformes, Opisthocomidae).
- 124 “Matuiras” – As diversas variantes de “maçarico” e “batuíra” constituem meras designações gerais passíveis de ser aplicadas a quase todos os representantes dos Charadriidae e Scolopacidae (Charadriiformes).
- 125 “Alcyon [...] Alcyoneos” – Segundo a mitologia, Zeus e Hera transformaram Alcione, filha de Éolo, em uma ave cujo ninho era sempre destruído pela fúria das ondas à beira-mar. Compadecido com esse sofrimento constante, Zeus determinou que os ventos amainassem no período compreendido entre os sete dias anteriores e os sete dias posteriores ao solstício de inverno do hemisfério norte, efeméride observada por volta do dia 21 de dezembro, o que permitiria ao alcione criar seus filhotes. Nesse período, conhecido como os “dias do alcione”, o mar permaneceria calmo e sem tempestades, não representando qualquer perigo para os navegantes. Ao contrário da maioria dos autores do século XVII (e.g. Kircher, 1675), esse texto não associa o alcione aos martins-pescadores (Coraciiformes, Alcedinidae), mas sim aos maçaricos (Charadriiformes, Charadriidae e Scolopacidae).
- 126 “Alma de Mestrel” – De acordo com essa passagem, o autor considera as almas-de-mestre, aves oceânicas pertencentes aos gêneros *Oceanites* e *Oceanodroma* (Procellariiformes, Hydrobatidae), como uma variedade de maçarico de pequeno porte.
- 127 “Ave peixe” – Passagem bastante fantasiosa que parece refletir as lendas sobre monstros desse tipo existentes na América Central, México e partes adjacentes da América do Norte. Relatos nesse sentido perduraram pelo menos até o final do século XIX, tendo levado às mais inverossímeis interpretações, tendo sido atribuídos até mesmo a pterossauros sobreviventes pelos amantes da criptozoologia (teste Gamer, 1995).
- 128 “Curúcurú” – Provável alusão ao corocoró, *Mesembrinibis cayennensis* (Gmelin, 1789) (Ciconiiformes, Threskiornithidae).

- 129 “Sabacó” – Variante de “savacu”, nome aplicado ao taquiri, *Nycticorax nycticorax* (Linnaeus, 1758) (Ciconiiformes, Ardeidae), que Saa estende a um segundo socó não identificado.
- 130 “Socó [...] *Socóguacu* e *Socó Merim*” – De origem tupi, o nome “socó” revela-se demasiado abrangente para permitir qualquer tentativa de identificação, sendo aplicado a diversos Ardeidae (Ciconiiformes). Não obstante, autores como Pinto (1938) registraram os nomes de “socó-grande” e “socó-mirim” respectivamente para *Ardea cocoi* Linnaeus, 1766 e *Butorides striatus* (Linnaeus, 1758).
- 131 “Martim pescador” – Alusão bastante geral aos martins-pescadores (Coraciiformes, Alcedinidae), grupo representado no Brasil por cinco espécies pertencentes aos gêneros *Megaceryle* e *Chloroceryle*.
- 132 “Saracura” – Provável alusão à saracura-três-potes, *Aramides cajanea* (Statius Müller, 1776) (Gruiformes, Rallidae).
- 133 “q’ tem crista encarnada na cabeça, e são azuladas” – Além de uma referência demasiado vaga a certas saracuras de menor porte, essa passagem também parece fazer menção ao frango-d’aguazul, *Porphyryla martinica* (Linnaeus, 1766) (Gruiformes, Rallidae).
- 134 “*Saracurusú*” – Variante de “saracuraçu”, nome de origem tupi registrado por Ihering & Ihering (1907) para *Aramides ypecaha* (Vieillot, 1829) (Gruiformes, Rallidae), a maior de todas as saracuras brasileiras. No entanto, a descrição fornecida sugere uma ave bastante distinta, talvez o tapicuru, *Phimosus infuscatus* (Lichtenstein, 1823) (Ciconiiformes, Threskiornithidae).
- 135 “Colheiroiro” – Alusão ao colheiroiro, *Platalea ajaja* (Linnaeus, 1758) (Ciconiiformes, Threskiornithidae).
- 136 “especie de patos (...) com um bico tal, q’ nele lhe cabe todo o corpo” – Desprezado o óbvio exagero do autor, essa passagem talvez pretenda mencionar o arapapá, *Cochlearius cochlearius* (Linnaeus, 1766) (Ciconiiformes, Ardeidae), ave aquática detentora de um bico bastante avantajado.
- 137 “Guará” – Trata-se do *Eudocimus ruber* (Linnaeus, 1758) (Ciconiiformes, Threskiornithidae).
- 138 “*Gaevótas*” – Embora devesse restringir-se apenas às gaivotas, notadamente aquelas pertencentes aos gêneros *Larus* e *Chroicocephalus* (Charadriiformes, Laridae), este termo terminou por adquirir uma conotação bastante geral no Brasil, sendo aplicado a qualquer ave marinha.
- 139 “*Trinta Reis*” – Termo geral conferido aos representantes dos gêneros *Sterna*, *Thalasseus*, *Chlidonias*, *Gelochelidon*, *Phaetusa*, *Sternula* e *Onychoprion* (Charadriiformes, Sternidae).
- 140 “*Talha Mar*” – Um dos nomes do corta-água, *Rynchops nigra* Linnaeus, 1758 (Charadriiformes, Rynchopidae).
- 141 “*Margulhão*” – Segundo Pinto (1938), este seria um dos nomes atribuídos ao atobá, *Sula leucogaster* (Boddaert, 1783) (Pelecaniformes, Sulidae).
- 142 “*Al Catraz*” – Designação portuguesa um tanto vaga, passível de ser atribuída a várias aves marinhas tão distintas entre si quanto os albatrozes (Procellariiformes, Diomedidae) e os atobás (Pelecaniformes, Sulidae). Entretanto, a julgar por passagens anteriores, Saa assim nomeava as fragatas ou carapirás (Pelecaniformes, Fregatidae).
- 143 “*Sabedúna*” – Trata-se do sabiáuna, *Turdus flavipes* (Vieillot, 1818) (Passeriformes, Turdidae), que terminou sendo comparado ao melro europeu, *Turdus merula* Linnaeus, 1758.
- 144 “Do Mediterraneo e Costas Occidentaes são pardos, como vermelhasos” – Nesta passagem bastante confusa, Saa parece referir-se aos sabiás de plumagem pardacenta que seriam encontrados tanto nas “costas ocidentais” quanto no interior do país (“mediterrâneos”), caracterização bastante geral passível de ser atribuída a qualquer uma das espécies brasileiras do gênero *Turdus* (Passeriformes, Turdidae) que apresentam a plumagem acastanhada.
- 145 “*Sabed branco*” – Nome geralmente conferido a *Turdus leucomelas* Vieillot, 1818 (Passeriformes, Turdidae), espécie de ampla distribuição no Brasil.
- 146 “*Sabed vermelho*” – Provável alusão ao sabiá-laranjeira, *Turdus rufiventris* Vieillot, 1818 (Passeriformes, Turdidae).
- 147 “Melro” – Trata-se do inhapim, *Icterus cayanensis* (Linnaeus, 1766) (Passeriformes, Icteridae).
- 148 “Nhonhorum” – Passagem muito apagada no original, que parece dizer respeito a uma segunda espécie não identificada de pássaro-preto (Passeriformes, Icteridae).
- 149 Gaturamo” – A julgar pelas poucas informações disponíveis, o “filó” seria o gaturamo-filó ou bonito-do-campo, *Chlorophonia cyanea* (Thunberg, 1802) (Passeriformes, Thraupidae), enquanto que os quatro outros nomes mencionados diriam respeito aos gaturamos do gênero *Euphonia* (Passeriformes, Thraupidae), cujos machos apresentam a plumagem negra com a frente e as partes inferiores coloridas de amarelo.

- 150 “Sanhasú” – Referência bastante genérica que envolveria sobretudo as várias espécies do gênero *Thraupis* (Passeriformes, Thraupidae). Não obstante, as passagens referentes aos exemplares rajados conhecidos como “pegas” parecem dizer respeito ao pintasilgo-da-mata-virgem, *Cissopis leveriana* (Gmelin, 1788).
- 151 “Esturninhos de Europa” – Referência ao estorninho europeu, *Sturnus vulgaris* Linnaeus, 1758, representante dos Sturnidae que guarda uma vaga semelhança com os pássaros-pretos do Novo Mundo (Passeriformes, Icteridae) por apresentar uma plumagem escura e um bico afilado.
- 152 “Outros mais pequenos, não formão tão g<sup>des</sup> bandos” – Nessa passagem muito sucinta sobre os pássaros pretos do Novo Mundo (Passeriformes, Icteridae), Sáa pretende descrever tanto as espécies de grande porte como a iraúna, *Scaphidura oryzivora* (Gmelin, 1788), quanto as de tamanho mediano como a graúna, *Gnorimopsar chopi* (Vieillot, 1819).
- 153 “virabostas” – Provável referência ao chopim, *Molothrus bonariensis* (Gmelin, 1789) (Passeriformes, Icteridae).
- 154 “Prexixe” – Descrição bastante superficial que se ajusta sobretudo às lavadeiras, *Fluvicola* sp. (Passeriformes, Tyrannidae). Como o porte desses pássaros, entretanto, mal se compara ao das menores rolinhas, tampouco parece impossível cogitar que essa passagem represente uma descrição bastante truncada de um outro tirânida de maior tamanho, talvez um representante do gênero *Xolmis*.
- 155 “Bailadeira” – Ainda que bastante vaga, essa breve descrição ajusta-se de forma satisfatória ao aspecto e comportamento apresentado pelos machos de certas espécies do gênero *Knipolegus* (Passeriformes, Tyrannidae) durante a reprodução.
- 156 “Mariquitas” – Segundo autores como Ihering & Ihering (1907) e Pinto (1944), essa designação pode ser atribuída tanto a *Coereba flaveola* Linnaeus, 1758 (Passeriformes, Coerebidae) quanto a *Parula pitayumi* (Vieillot, 1817) (Passeriformes, Parulidae), pássaros de pequeno porte que apresentam as partes inferiores amareladas.
- 157 “Perixões” – A julgar pela breve descrição fomecida, essa passagem pretende referir-se às razias promovidas pelos membros do gênero *Sporophila* (Passeriformes, Emberizidae) que apresentam a plumagem acastanhada ou parda, elenco que compreende tanto as fêmeas e os imaturos de quase todas as espécies, quanto os machos de certos representantes.
- 158 “Bicudo” – Neste caso trata-se do curió, *Oryzoborus angolensis* (Linnaeus, 1766) (Passeriformes, Emberizidae).
- 159 “Coleira” – Designação geral conferida a diversos representantes do gênero *Sporophila* (Passeriformes, Emberizidae), dizendo respeito sobretudo às espécies cujos machos ostentam uma contrastante faixa anegrada no peito.
- 160 “Avinhado” – Um dos nomes do curió, *Oryzoborus angolensis* (Linnaeus, 1766) (Passeriformes, Emberizidae), que o autor parece utilizar para referir-se a um outro pássaro mais aparentado às coleiras.
- 161 “Canarios” – Vaga alusão a algum representante do gênero *Sicalis* (Passeriformes, Emberizidae).
- 162 “Pintasilvos” – Semelhante designação sugere *Carduelis magellanicus* (Vieillot, 1805) (Passeriformes, Fringillidae), embora esse pássaro não apresente uma plumagem listrada na acepção da palavra.
- 163 “Tié [...] macho encarnado e a fêmea mais branca” – Trata-se provavelmente do tié-sangue, *Ramphocelus bresilius* (Linnaeus, 1766) (Passeriformes, Thraupidae).
- 164 “Tié [...] de outra hé o macho preto, e a fêmea parda” – Possível referência a uma das espécies do gênero *Tachyphonus* (Passeriformes, Thraupidae).
- 165 “Tié [...] e de outra são ambos verdes com hũa crista na cabeça” – Talvez uma referência a *Eucometis penicillata* (Spix, 1825) (Passeriformes, Thraupidae).
- 166 “Sahí” – Termo geral passível de ser aplicado a diversos pássaros de pequeno porte e plumagem colorida pertencentes aos Thraupidae (Passeriformes).
- 167 “Picaflôr” – Dessa referência bastante geral a várias espécies de beija-flores (Apodiformes, Trochilidae), parece possível identificar apenas *Florisuga fusca* (Vieillot, 1817), único representante a apresentar a plumagem negra.
- 168 “Bemteví – Há 4 especies” – Sob o nome de “bemteví”, o autor parece de fato reunir aquelas aves cujas vocalizações originaram onomatopeias muito características. Malgrado devesse dizer respeito apenas a *Pitangus sulphuratus* (Linnaeus, 1766) (Passeriformes, Tyrannidae), semelhante designação terminou sendo aplicada, por extensão, a outras espécies aparentadas como *Megarhynchus pitangua* (Linnaeus, 1766), *Myiodynastes maculatus* (Statius Müller, 1776) e

- Myiozetetes similis* (Spix, 1825), que apresentam vozes muito diversas.
- 169 “já hé dia” – Referência demasiado vaga que provavelmente equivale ao atual “maria-é-dia”, nome aplicado tanto a certos tirânidas (Passeriformes, Emberizidae) como *Xolmis cinerea* (Vieillot, 1816) e *Elaenia flavogaster* (Thunberg, 1822), quanto ao tico-tico, *Zonotrichia capensis* (Statius Müller, 1776) (Passeriformes, Emberizidae).
- 170 “Hoje hade chover” – Trata-se provavelmente do mesma “mãe-da-chuva” ou “amanaci”, ave registrada por Stradelli (1926) que não logramos identificar até o momento.
- 171 “Bem te conheço” – Provável referência ao bem-te-vi, *Pitangus sulphuratus* (Linnaeus, 1766) (Passeriformes, Tyrannidae).
- 172 “ó rapaz” – Vocalização típica do narcejão, *Gallinago undulata* (Boddaert, 1783) (Charadriiformes, Scolopacidae).
- 173 “João corta páo” – Vocalização típica do *Caprimulgus rufus* (Boddaert, 1783) (Caprimulgiformes, Caprimulgidae).
- 174 “como estaes formozo” e responde a outra “sim, sim, por certo” – Descrição bastante acurada das cantorias coletivas promovidas pelos bico-de-brasa, *Monasa* spp. (Piciformes, Bucconidae).
- 175 “triste dia” – Referência bastante vaga que poderia ser tentativamente atribuída à triste-pia, *Dolichonyx oryzivora* (Linnaeus, 1758) (Passeriformes, Icteridae), ou talvez ao triste-vida ou triste-sina, dois dos vários nomes onomatopáicos conferidos ao bem-te-vi, *Pitangus sulphuratus* (Linnaeus, 1766) (Passeriformes, Tyrannidae).
- 176 “Abelhas” – Saa trata de numerosos Meliponini (Apidae, Hymenoptera), muitos dos quais com nomes até agora não registrados nos Léxicos. Inicia sua lista com a *Jatibí* – Jataí; é a *Tetragonista angustula* (Latreille, 1811).
- 177 “*Jatibi merim*” – Mirim é denominação geral das espécies de Meliponini do gênero *Plebeia*. Em alguns lugares significa qualquer espécie pequena.
- 178 “Mombuca” – Provavelmente *Geotrigona mombuca* (Smith, 1863), mas esta denominação é dada a várias outras espécies.
- 179 “*Mombucasú*” – Não identificada. Martius (1863:461) registrou “mambucá açu”.
- 180 “Borá” – Também chamada vorá. Possivelmente *Tetragona clavipes* (Fabricius, 1804).
- 181 “*BoraGuasú*” – Não identificada. Martius (1863:440) grafou *bora-guaçu*.
- 182 “*Borapitinguá*” – Não identificada. Martius (1863:440) registrou *bora-pitinga*.
- 183 “*Mandasaaia*” – Nome normalmente associado a *Melipona quadrifasciata anthidioides* Lepeletier, 1836.
- 184 “*MandoriGuasú*” – Talvez seja *Melipona (Eomelipona) marginata* Lepeletier, 1836.
- 185 “*Mandori Merim*” – Não identificada.
- 186 “Tubuna” – *Scaptotrigona bipunctata* (Lepeletier, 1836), de MG, SP, RS, *Scaptotrigona postica* (Latreille, 1807), de MG e SP, e *Scaptotrigona tubiba* (Smith, 1863), da BA, MG., ES, RJ, SP.
- 187 “*Urapuby*” – Não identificada. Martius (1863:486) registrou *yra-puy, ara-puy*.
- 188 “*Tuyubusú*” – Termo só encontrado em Saa; espécie não identificada.
- 189 “*Tuyumerim*” – Provavelmente *Nannotrigona testaceicornis* (Lepeletier, 1836).
- 190 “*Itatá*” – Martius (1863:454) registrou *itatá*. Talvez seja um erro por *irata*; Nogueira (1880:176) consignou: “*Irata = eiratá* – mel caustico ou que queima, mel foggo; e tambem nome de uma abelha; vê *tatáeir*”; se for o caso, trata-se da *Oxytrigona tataira* (Smith, 1863).
- 191 “*Tapiaira*” – Variante de *tapieira* (de *tapi'i* + *eir*, “mel de tapir”). *Nannotrigona testaceicornis* (Lepeletier, 1836).
- 192 “*Aquiquira*” – Não identificada. [Ver nota 196].
- 193 “*Urupuá*” – Talvez a *irapuá*, *Trigona ruficrus* (Latreille, 1804).
- 194 “*Uraxupé*” – Guaxupé – *Trigona spinipes* (Fabricius, 1793), *Trigona hyalinata* (Lepeletier, 1836) e/ou *Trigona fuscipennis* Friese, 1900.
- 195 “*Iboyeira*, q' fas каза de bxº da terra” – Martius (1863:486) registrou *yboic-yra*. Será a *Geotrigona subterranea* (Friese, 1901)?
- 196 “*Guayaquiquira*” – Não identificada. Martius (1863:449) registrou “Guaiquiqueira, Guaiquiquira, corruptum a *cuacú ira*, mel abscondens, apis mel edule parans”.
- 197 “*Bojoim*” – Benjoí, benjuim, bijuí, bijuri, bojuí. O mesmo que tubuna (ver nota 186).
- 198 “*Iratim*” – *Lestrimelitta limao* (Smith, 1863).
- 199 “*Mandaguahi*” – Mandaguari: *Scaptotrigona postica* (Latreille, 1807).
- 200 “Sanharon” – Sanharão ou Sanharó. Ihering (1940) diz que é *Trigona silvestriana* Vachal, 1908 e acrescenta: “É abelha notoriamente agressiva, que nidifica em troncos ocios; o mel não presta, porque ‘o sanharão é sujo’, isto é, freqüenta também matéria orgânica em decomposição”.
- 201 “*Vespas*” – Nome comum a cinco famílias da Subordem Aculeata dos Hymenoptera, mas principalmente da Família Vespidae. Ver Lenko & Papavero (1996:147-170).

- 202 “Maribondos” – Maribondo ou Marimbondo, vocábulo de origem Bunda (Mbunda). Sinônimo de Vespa.
- 203 “tapiocabas” – Tapiucaba: *Polybia (Cylindroeca) dimidiata* (Olivier, 1791), inseto himenóptero da fam. Vespidae.
- 204 “Mangangas” – Mamangaba, mangangá. Certas abelhonas dos gêneros *Bombus*, *Xylocopa*, *Euglossa*, *Centris* etc. Ver Lenko & Papavero (1996:255-260).
- 205 “barboletas” – o autor volta a falar das borboletas, desta vez restringindo o termo aos Lepidoptera.

#### NOTAS DA SEÇÃO IV (FOLIOS 47V-52R)

- 1 “Peixes” – Por “Peixes” entenda-se aqui os animais aquáticos, pois são incluídos pelo autor nesta classe desde baleias até insetos, sejam marinhos ou de água doce. Esta seção é mais corretamente chamada de “animais aquáticos” nos MSS da Biblioteca Pública do Porto e do IHGB (ver Introdução).
- 2 “Baleia” – Sobre as baleias e a história de sua pesca no Brasil colonial consulte-se o magnífico trabalho de Ellis (1969).
- 3 “Gibalte” – Jubarte, *Megaptera novaeangliae* (Borowski, 1781), baleia que atinge até 16 m de comprimento, mais bojuda, com enormes nadadeiras, mais lenta que os demais representantes da família dos balenopterídeos e mais feia (Ellis, 1969:111).
- 4 “Casôens” – Cação ou Tubarão. Designação comum a todos os representantes da Classe Chondrichthyes, Subclasse Elasmobranchii, Superordem Selachimorpha, com fendas branquiais laterais e corpo pisciforme. Para o Sudeste do Brasil, Figueiredo (1977) assinalou 42 espécies dentro de 13 famílias.
- 5 “Bôto” – Designação comum aos mamíferos cetáceos das famílias Platanistidae e Delphinidae, marinhos e de água doce. São conhecidas atualmente seis espécies, na costa atlântica do Brasil, e três espécies fluviais, na Bacia Amazônica (Ferreira, s/d:222). É inexplicável a inclusão destes mamíferos entre os tubarões, pelo autor do manuscrito!
- 6 “Tubarão” – O autor deve querer referir-se a alguma espécie particular, é impossível de precisar. O termo é sinônimo de Cação (ver nota 4 acima).
- 7 “Tintoreira” – Tintureira. Segundo Figueiredo (1977:17) é o *Galeocerdo cuvier* (Péron & Lesueur, 1822 (Carcharhiniformes, Carcharhinidae).
- 8 “Aniquim” – Anequim. Ferreira (s/d:35) atribui este nome ao tubarão *Carcharodon carcharias* (Linnaeus, 1758) (concordando com Ihering, 1953:142) (Carcharhiniformes, Lamnidae).
- 9 “Espadarte” – O autor do manuscrito quer referir-se, sob esta denominação, ao “peixe-sera”, um elasmobrânquio da família Pristidae e do gênero *Pristis*, com duas espécies na costa brasileira.
- 10 “Cornuda” – É tubarão do gênero *Sphyrna* (Lamniformes, Família Sphyrnidae). Figueiredo (1977:24-27) assinalou 6 espécies para o Sudeste do Brasil.
- 11 “Viola” – Raia-viola. Erradamente incluída entre os cações pelo autor do manuscrito. Figueiredo (1977:29-30) atribui este nome a *Rhinobatos percellens* (Walbaum, 1792) e *Rhinobatos horkei* Müller & Henle, 1841, raiiformes da família Rhinobatidae.
- 12 “Casão branco” – O autor certamente se refere com este nome a *Carcharias taurus* Rafinesque, 1810, atualmente conhecida por caçoa, pertence à família Odontaspidae (Lamniformes).
- 13 “Bacalhão” – Nome primariamente atribuído ao *Gadus morrhua* Linnaeus, 1758 (Gadiformes, Gadidae), o bacalhau do hemisfério norte. Talvez Sáa pensasse que a espécie migra para o sul por causa do calor porque o nome “bacalhau” é usado no Brasil para várias espécie de peixes diferentes: para as abróteas (espécies do gênero *Urophycis*, Gadiformes, Urophycidae), para espécies do gênero *Equetus* e para a pescada-cambucu, *Cynoscion virescens* (Cuvier, 1830) (todos estes da família Sciaenidae, Perciformes) para o gênero *Astroscoptes* (Perciformes, Uranoscopidae), além do *Porichthys porosissimus* (Cuvier, 1829) (Batrachoidiformes, Batrachoididae). Isto, é óvio, é mera hipótese, o texto não sendo tão claro.
- 14 “Baleote” – Cetáceo da família Balenopteridae, *Balaenoptera acutorostrata* (Lacépède, 1804).
- 15 “Peixe gente” – Não conseguimos atinar a que se referia Sáa sob este nome.
- 16 “Peixe Anjo” – Seria o Cação-anjo? Figueiredo (1977:28) identifica-o como denominação das espécies do gênero *Squatina* (Squatiniiformes, Squatinidae).
- 17 “Peixe-porco” – Peixe-porco, no Brasil, é nome aplicado aos representantes do gênero *Balistes* (Balistidae, Tetraodontiformes). Em certas obras antingas é o nome dado também ao *Stephanolepis hispidus* (Linnaeus, 1758) (Tetraodontiformes, Monacanthidae) do Atlântico, desde a América

- do Norte até o Rio de Janeiro. É duvidoso que o autor do manuscrito esteja se referindo a esta espécie; muito provavelmente tinha sob os olhos uma espécie de *Balistes*.
- 18 “Xaréos” – Designação comum a várias espécies do gênero *Caranx*, que ocorrem no Atlântico; ver chave para as espécies desse gênero do Sudeste do Brasil em Menezes & Figueiredo (1980:3-6) São espécies migradoras. “Xareo verdadeo” – xaréu-verdadeiro, *Caranx hippos* (Linnaeus, 1758) (Carangidae, Perciformes).
- 19 “Xareletoens” – Alguma espécie do gênero *Caranx* (ver nota anterior).
- 20 “Xareletes” – Xarelete (dim. de xaréu). Para Menezes & Figueiredo (1980:5) é o *Caranx latus* Spix, 1832). Para Ferreira (s/d:1492), é o *Caranx crysos* (Mitchill, 1815), do Atlântico, desde a América do Norte. e toda a costa sul-americana.
- 21 “Xareletinhos” – Alguma espécie do gênero *Caranx* (ver nota 18 acima).
- 22 “Olho de Boy piranga” – Olho-de-boi. De acordo com Menezes & Figueiredo (1980:12-13), é um outro carangídeo, *Seriola dumerili* (Risso, 1810) (Perciformes, Carangidae). Ferreira (s/d:1004) diz que é *Seriola lalandi* Valenciennes, 1833, do Atlântico, das Antilhas ao Uruguai. Menezes & Figueiredo (1980:13) atribuem a esta última espécie o nome de Olhete.
- 23 “Bacarnarte” – Trata-se do *olhete-bacamarte*, *Seriola rivoliana* Valenciennes, 1833 (cf. Ihering, 1936:344, 1940:549, 1968:487), peixe perciforme da fam. Carangidae, circuntropical; no Atlântico ocidental distribui-se de Massachusetts à Argentina.
- 24 “Galos – Há de 3 especies” – Conhecem-se atualmente 4 espécies de peixes-galo (Perciformes, Carangidae): *Alectis ciliaris* (Bloch, 1787), *Selene brownii* (Cuvier, 1816), *Selene setapinnis* (Mitchill, 1815) e *Selene vomer* (Linnaeus, 1758). O nome foi também aplicado na literatura para *Zenopsis conchifera* (Lowe, 1852) (Zeiformes, Zeidae).
- 25 “Tainhas” – Denominação comum de *Mugil liza* Valenciennes, 1836 (Mugilidae, Perciformes).
- 26 “Paratiz” – Parati. Denominação das várias espécies do gênero *Mugil* (Mugilidae, Mugiliformes). Menezes & Figueiredo (1985:21) apresentam uma chave para identificação das espécies do sudeste do Brasil.
- 27 “Sororócas” – Sororoca. Nome aplicado atualmente às seguintes espécies: *Scomberomorus brasiliensis* Collette, Russo & Zavala-Camin, 1978, *Scomberomorus maculatus* (Mitchill, 1815) e *Scomberomorus regalis* (Bloch, 1793) (Perciformes, Scombridae).
- 28 “cruvinas” – Corvina (do esp. corvina). *Microgogonias furnieri* (Desmarest, 1823) (Sciaenidae, Perciformes).
- 29 “Panapana” – Panapaná era o nome dado à cornuda ou tubarão-martelo (*Sphyrna* spp.) [ver nota 10 acima] pelos antigos naturalistas (cf. Thevet, 1557; Teixeira, 1997:208 (em relação ao emprego deste nome no Thierbuch de Z. Wagener)). É incompreensível sua inclusão dentro deste grupo de peixes.
- 30 “Cavalas” – Talvez a cavala-verdadeira, *Scomberomorus cavalla* (Cuvier, 1829) (Perciformes, Scombridae), do Atlântico, desde a América do Norte até Angra dos Reis.
- 31 “pescadas” – Designação comum a várias espécies de peixes da família Sciaenidae (Perciformes), especialmente as do gênero *Cynoscion*, e também *Macrodon ancylodon* (Bloch & Schneider, 1801).
- 32 “Sardinhas” – Designação comum a várias espécies de peixes da Clupeidae (Clupeiformes).
- 33 “Manjuba” – Designação comum a várias espécies de Engraulidae (Clupeiformes). Figueiredo & Menezes (1978), dão chaves para a identificação das espécies do sudeste brasileiro.
- 34 “robalos” – Nome comum a várias espécies do gênero *Centropomus* (Centropomidae, Perciformes).
- 35 “Camboropi” – Camurupim (do tupi *camuru’pi*, por nasalização) ou tarpão. *Megalops atlanticus* (Valenciennes, 1847) (Megalopidae, Elopiformes).
- 36 “Mero” – Provavelmente *Epinephelus itajara* (Lichtenstein, 1822) (Serranidae, Perciformes).
- 37 “Badejos” – Designação comum a peixes de várias espécies de Serranidae (Perciformes), que vivem em pequenos cardumes e são muito apreciados na caça submarina, especialmente o gênero *Mycteroperca*, com seis espécies na costa brasileira (Ferreira, s/d:174).
- 38 “Carapebas” – *Diapterus rhombeus* (Cuvier, 1829) e *Diapterus auratus* Ranzani, 1842 (Gerreidae, Perciformes).
- 39 “Canhanbas” – *Archosargus rhomboidalis* (Linnaeus, 1758) (Sparidae, Perciformes), do Atlântico.
- 40 “Caicanhas” – *Genyatremus luteus* (Bloch, 1790) (Haemulidae, Perciformes).
- 41 “Caratingas” – *Eugerres brasilianus* (Cuvier, 1830) (Gerreidae, Perciformes).
- 42 “Pirageréba” – Muito provavelmente é a “prejereba”, *Lobotes surinamensis* (Bloch, 1790) (Lobotidae, Perciformes).

- 43 “Enxada” – Designação comum às seguintes espécies: *Chaetodipterus faber* (Broussonet, 1782) (Ephippidae, Perciformes), *Holacanthus ciliaris* (Linnaeus, 1758), *Holacanthus tricolor* (Bloch, 1795), *Pomacanthus arcuatus* (Linnaeus, 1758) e *Pomacanthus paru* (Bloch, 1787) (Perciformes, Pomacanthidae).
- 44 “Bagres” – Designação comum a várias espécies de peixes das Famílias Ariidae e Pimelodidae (Ordem Siluriformes. Como o autor do manuscrito está enumerando os peixes marinhos, nesta passagem deve estar se referindo somente aos Ariidae, família que “compreende os bagres, peixes de couro, marinhos e de água salobra. Algumas formas entram em água doce.
- 45 “Pirauna – p<sup>r</sup> outro nome *Piraguaya*” – Mira-guaia ou piraúna, *Pogonias cromis* (Linnaeus, 1758) (Sciaenidae, Perciformes).
- 46 “Pargos” – Talvez *Pagrus pagrus* (Sparidae, Perciformes). O nome, entretanto, é dado também a *Diplodus argenteus* (Valenciennes, 1830) (Perciformes, Sparidae) e a várias espécies de *Lutjanus* (Perciformes, Lutjanidae).
- 47 “Sargos” – Designação comum a diversos representantes de perciformes das famílias Sparidae (*Archosargus*, *Diplodus*) e Haemulidae (*Anisotremus*, *Boridia*) e em particular à sardinha-laje, *Opisthonema oglinum* (Lesuer, 1898) (Clupeidae, Clupeiformes).
- 48 “Roncadôres” – Designação comum a certos perciformes marinhos das fams. Haemulidae e Sciaenidae; em particular *Conodon nobilis* (Linnaeus, 1758) (Haemulidae, Perciformes).
- 49 “Vermelhos” – Designação comum a várias espécies de peixes da família Lutjanidae (Perciformes), especialmente dos gêneros *Lutjanus* e *Rhomboplites*.
- 50 “Corocorócas” – Vocábulo onomatopáico imitante do ronco do peixe. Designação comum a várias espécies do gênero *Haemulon* (Haemulidae, Perciformes), do Atlântico.
- 51 “Mixóles” – Michole: *Diplectrum formosum* (Linnaeus, 1758) e *Diplectrum radiale* (Quoy & Gaimard, 1834) (Serranidae, Perciformes).
- 52 “Linguado” – Designação comum a várias espécies de Pleuronectiformes, caracterizados pela forma oval e achatada do corpo, com uma única nadadeira dorsal, a nadadeira ventral confluyente e a caudal arredondada no ápice, e com os dois olhos e as duas narinas situadas de um só lado da cabeça. Vivem pousados no fundo do mar ou de rios sobre o flanco esquerdo. São coloridos na face superior e sem coloração na inferior; sua carne é boa, bastante procurada nos mercados; alimenta-se de peixes e crustáceos” (Ferreira, s/d:847).
- 53 “Araias” – Arraias ou Raias. Designação comum aos representantes da Classe Chondrichthyes, Ordem Rajiformes, que inclui as Famílias Pristidae, Rhinobatidae, Torpedinidae, Rajidae, Dasyatidae, Potamotrygonidae, Myliobatidae e Mobulidae, de corpo achatado, boca e fendas branquiais situadas na face ventral, nadadeiras peitorais muito desenvolvidas, em forma de asas. Há raias marinhas e de água doce. Repousam sempre no fundo, nadando de maneira graciosa. A cauda é longa, afilada, provida de um, dois, ou mais ferrões peçonhentos, dotados de farpas recurvadas, o que dificulta a sua retirada da carne onde penetram. As espécies marinhas do Sudeste do Brasil foram estudadas por Figueiredo (1977:29-43).
- 54 “Jamanta” – Nome comum a duas espécies de Rajiformes da família Mobulidae no Brasil, *Manta birostris* (Walbaum, 1792) e *Mobula hypostoma* (Bancroft, 1831) (Figueiredo, 1977:42-43).
- 55 “Voador” – Designação comum a vários representantes da família Exocoetidae (Beloniformes). Nadam aos bandos, à procura do alimento, constituído por crustáceos e pequenos peixes. Costumam realizar voos planados de até 100 m de extensão. “Na realidade”, comentam Figueiredo & Menezes (1978:55), “não se trata de um vôo típico; sem movimentar as nadadeiras peitorais abertas, planam simplesmente com a ajuda do vento. A propulsão é conseguida graças à velocidade obtida ainda na água ao movimentar rapidamente o lobo inferior da nadadeira caudal, muito desenvolvido. Nadadeiras pélvicas de algumas espécies, também muito desenvolvidas, agem em conjunto com as peitorais; nestas, o vôo é de certa forma controlado. Em outras, as pélvicas são pouco desenvolvidas e apenas as peitorais atuam enquanto planam; o vôo é menos controlado”. As espécies do Sudeste brasileiro são caracterizadas por Figueiredo & Menezes, (1978:58-62).
- 56 “Caxorrinho” – Cachorrinho ou Cumbaca (*ver* nota 114 abaixo).
- 57 “Obarana” – Quase certamente *Elops saurus* Linnaeus, 1766 (Elopidae, Elopiformes). Chamam-se também obaranas ou ubaranas, mas mais precisamente obarana-focinho-de-rato, as espécies (raras em nossas costas) *Albula vulpes* (Linnaeus, 1758) e *Albula nemoptera* (Fowler, 1911) (Albulidae, Albuliformes).

- 58 “Savelha” – *Brevoortia pectinata* (Jenyns, 1842) e *Brevoortia aurea* (Spix & Agassiz, 1829) (Clupeidae, Clupeiformes).
- 59 “Moreia” – Nome comum a várias espécies de Anguilliformes. As famílias incluídas nesse grupo com representantes no Sudeste brasileiro são: Xenocongridae, Muraenidae, Muraenesocidae, Congridae e Ophichthidae, a segunda das quais inclui as moreias propriamente ditas. Figueiredo & Menezes (1978:7-20) tratam das espécies do Sudeste do Brasil.
- 60 “peixe espada” – *Trichiurus lepturus* Linnaeus, 1758 (Trichiuridae, Perciformes), do Atlântico, desde a Virgínia até a Argentina.
- 61 “Agulha” – Peixe-agulha. Nome aplicado a peixes de duas famílias distintas da ordem Beloniformes: Hemiramphidae (gêneros *Hemiramphus* e *Hyporhamphus*, também chamados panaguaiú, mais aparentados aos peixes-voadores) (cf. Figueiredo & Menezes, 1978:56-58) e Belonidae (com os gêneros *Ablennes*, *Strongylura* e *Tylosurus*) (cf. Figueiredo & Menezes, 1978:62-65).
- 62 “Caibocú – Hé o peixe rei” – O autor deve referir-se a representantes do gênero *Atherinella*, família Atherinopsidae (Atheriniformes), comuns na região.
- 63 “Moganga” – É muito provavelmente o mangangá, peixe do gênero *Scorpaena* (Scorpaenidae, Scorpaeniformes) do Atlântico. Vive em águas litorâneas de pouca profundidade, geralmente associado a fundos de pedra e coral. É peixe sabidamente peçonhento, razão do nome *Scorpaena* (escorpião), bem como do nome popular mangangá [mamangava] (Ferreira, s/d:884). E. Santos (1962:196) assim se refere à espécie *Scorpaena brasiliensis* Cuvier, 1829: “Peixe feioso de corpo sub-claviforme de 60 cm de comprimento com depressão no alto da cabeça, sendo esta fortemente armada de espinhos. Boca ampla. Opérculos e pré-opérculos armados de espinhos. Nadadeiras entalhadas com a parte espinhosa de contorno algo parabólico, peitorais um tanto grandes, com acúleos. A anal com acúleos moderados. Caudal sub-truncada. A cor é parda com manchas pretas, três máculas maiores nos flancos. O abdome é alvadio-amarelado. A axila é branca, maculada de negro. É peixe de fundo, onde repousa na areia, muito disfarçadamente, em busca de presas que apanha de surpresa, graças ao seu mimetismo cromático, pois entre as plantas marinhas do fundo notavelmente se oculta. É sabidamente um peixe peçonhento (...). A gente nossa, por sua vez, batizou-o de mangangá, que é um apídeo do gênero *Xylocopa*, cuja picada é extremamente venenosa”. Saa menciona o curioso fato de que este peixe “canta como o som de fruta; mais uma vez sua acuidade de observação é confirmada, pois diz E. Santos (l.c.): “Jaime Silvado [?] diz que dão tal nome ao peixe pela faculdade que ele tem de ‘produzir um ronco especial que lembra o zumbido do mangangá’”.
- 64 “Beijupirá” – *Rachycentron canadum* (Linnaeus, 1758), única espécie da família Rachycentridae (Perciformes).
- 65 “Corimá” – Curimá: *Mugil liza* Valenciennes, 1836 (Mugiliformes, Mugilidae), espécie de tainha da costa do Brasil.
- 66 “Pacú” – Pacu. Espécies dos gêneros *Metynniss* e *Mylossoma* (Characidae, Characiformes).
- 67 “Guaracema” – O mesmo que xaréu (ver nota 18 acima).
- 68 “Jaguarana” – Não identificada.
- 69 “Baiaçú” – Designação popular de espécies de peixes da Ordem Tetraodontiformes, com corpo revestido de escamas, espinhos ósseos ou placas ósseas; vivem no mar ou em água doce. Podem inflar a barriga quando fora da água, ou para boiar e fugir à perseguição dos inimigos; alimentam-se de moluscos, crustáceos e algas, e sua carne é considerada venenosa (Ferreira, s/d:175).
- 70 “Baiaçuará” – Baiacuará ou baiacuarara, *Lagocephalus laevigatus* (Linnaeus, 1758) (Tetraodontidae, Tetraodontiformes), do Atlântico, desde a Flórida até Montevidéu.
- 71 “Baiaçú Merim” – Baiacu-mirim, nome aplicado às espécies do gênero *Sphoeroides* (Tetraodontiformes, Tetraodontidae).
- 72 “Cangaoá” – Canguá. Nome comum a várias espécies dos gêneros *Stellifer*, *Ophioscion* e *Bairdiella* (Sciaenidae, Perciformes), do Atlântico (Ferreira, s/d:270).
- 73 “Carapicú” – Carapicu: Designação comum a várias espécies do gênero *Eucinostomus* (Perciformes, Gerreidae).

[Aqui Saa termina a enumeração das espécies marinhas, passando a tratar das de água doce]

- 74 “Piratinga” – O mesmo que piraíba, *Brachyplatystoma filamentosum* (Lichtenstein, 1819) (Pimelodidae, Siluriformes), dos rios Amazonas e Parnaíba.
- 75 “Peixe Boi” – *Trichechus inunguis* (Natterer, 1833) (Sirenia, Trichechidae), das bacias do Orenoco e do Amazonas.

- 76 “Bôtos” – Na Amazônia vivem: (i) o boto-branco, *Inia geoffrensis* (Blainville, 1817) (Platanistidae), do alto Orenoco e da bacia amazônica; (ii) o boto-preto ou tucuxi, *Sotalia fluviatilis* (Gervais & De Ville, 1853) (Delphinidae), da bacia amazônica.
- 77 “Sobori” – Provavelmente o surubim, designação comum aos peixes dos gêneros *Platystomatichthys*, *Pseudoplatystoma* [Ver nota 79 abaixo] e *Sorubim* (Pimelodidae, Siluriformes).
- 78 “Piratinga” – Ver nota 74 acima.
- 79 “Piracambucú” – Piracambucu, *Pseudoplatystoma fasciatum* (Linnaeus, 1766) (Pimelodidae, Siluriformes), distribuído por todo o Brasil.
- 80 “Piracaxeara” – Piracajara, piracajara ou surubim-pintado, *Pseudoplatystoma corruscans* (Spix & Agassiz, 1829) (Pimelodidae, Siluriformes), com larga distribuição no Brasil.
- 81 “Barbado” – *Pinirampus pinirampu* (Spix & Agassiz, 1829) (Pimelodidae, Siluriformes), da bacia amazônica e do rio Paraguai.
- 82 “Bagres” – Ver nota 44 acima. Nome comum a vários peixes da família Pimelodidae (que inclui os peixes tratados nas notas 77-80). É um grupo muito variado.
- 83 “gorizes” – Seria o plural de *gori* ou *guri*. Sinônimo de bagre.
- 84 “Mandis” – Designação comum a várias espécies de Siluriformes, especialmente da família Pimelodidae. Praticamente sinônimo de Bagre (ver nota 82 acima).
- 85 “Jurupocas” – Jurupoca, *Hemisorubim platyrhynchus* (Valenciennes, 1840) (Pimelodidae, Siluriformes), de ampla distribuição no Brasil.
- 86 “palmitos” – Palmito, *Auchenipterus nigripinnis* (Boulenger, 1895) (Auchenipteridae, Siluriformes), dos rios do Mato Grosso e Paraguai.
- 87 “jurupense” – Jurupensém: designação comum à jurupoca (ver nota acima), a *Hypophthalmus edentatus* Spix & Agassiz, 1827 (Siluriformes, Hypophthalmidae), mais conhecido como mpará, e a *Sorubim lima* (Bloch & Schneider, 1801). Magalhães (1931:242) comenta: “Sob a denominação de Jurupensén, é conhecido em Goyaz, um pseudo-sorubim, que chega a alcançar 60 cm, côr castanha e barriga branca. A cabeça, chata, ocupa um terço do comprimento do corpo. Há gravura muito boa, no livro de Spix (Sorubim infraocularis). Este peixe, em algumas localidades, recebe o nome de Sorubim-lima, por ter a maxilla superior muito avançada e por apresentar a face inferior da mesma asperosidade igual á d’aquelle instrumento”. A espécie de Spix é hoje um sinônimo junior de *Sorubim lima*.
- 88 “Jauú” – *Zungaro jahu* (Ihering, 1898) (Pimelodidae, Siluriformes), da bacia dos rios Paraná-Paraguai.
- 89 “Jáupeba” – Martius (1863:459) já registrara esse nome (*Jáu-peba*), para uma espécie não identificada do Rio Tietê, em São Paulo.
- 90 “Pirarara” – *Phractocephalus hemiliopterus* (Bloch & Schneider, 1801) (Pimelodidae, Siluriformes), da Amazônia.
- 91 “Pescadinhas” – Como pescada, em geral (e pescada-amarela, pescada-do-reino, pescada-preta, pescada-branca) são conhecidas as espécies dos gêneros *Cynoscion* e *Plagioscion* (Sciaenidae).
- 92 “Corvinas” – Também representantes da família Sciaenidae, gêneros *Pachyurus* e *Plagioscion*.
- 93 “Doirado” – Dourado, *Salminus brasiliensis* (Cuvier, 1816) (Characidae, Characiformes), das bacias do Paraná, Paraguai e Uruguai.
- 94 “Piracamjuba” – Piracanjuba. Designação comum a algumas espécies do gênero *Brycon* (Characidae, Characiformes), especialmente *Brycon nattereri* Günther, 1864, do rio Paraná.
- 95 “Piabanha” – Provavelmente *Brycon carophagus* (Spix & Agassiz, 1829) (Characidae, Characiformes).
- 96 “Pirapitanga” – Saa só menciona o nome, sem especificações. Pode referir-se a muitas espécies diferentes.
- 97 “Pirapitinga” – Ver nota anterior.
- 98 “Matrinxão” – Matrinxã. Provavelmente *Brycon hilarii* (Valenciennes, 1850), da bacia do rio Paraguai (Characidae, Characiformes).
- 99 “Pacuasú” – *Piaractus brachypomus* (Cuvier, 1817) (Characidae, Characiformes), da bacia amazônica. Martius (1863:466) grafou *pacu-guaçu*.
- 100 “Pacú merim” – Provavelmente *Mylossoma duriventris* (Cuvier, 1817) (Characidae, Characiformes) das bacias do Orenoco, Amazonas e Paraguai-Paraná.
- 101 “Pacupeba” – Designação comum a diversas espécies dos gêneros *Metynnis*, *Myleus* e *Mylossoma* (Characidae, Characiformes).
- 102 “Abotoado” – Designação comum às espécies *Doras murica* (Natterer, 1855), *Platydoras armatulus* (Valenciennes, 1840) e *Pterodoras granulosus* (Valenciennes, 1821) (Siluriformes, Doradidae). É mais provável que Saa quisesse referir-se a esta última.
- 103 “Pirajaguara” – É o tucuxi. Ver nota 76 acima.
- 104 “Jacundá” – Designação comum a várias espécies do gênero *Crenicichla* (Cichlidae, Perciformes).
- 105 “Epiaba” – Piaba. Designação comum a várias espécies de peixes fluviais da família Characidae

- (Characiformes), especialmente dos gêneros *Leporinus* e *Schizodon*.
- 106 “Epiabusú” – Piabuçu. Designação comum, em certas regiões do Brasil, às espécies de piabas (*ver* nota anterior) de porte avantajado (Ferreira, s/d:1090).
- 107 “Corumatan” – Curumatá, Curumatá ou Curumatão. Designação comum a diversas espécies de peixes do Amazonas e do rio São Francisco, da família Curimatidae (Characiformes)
- 108 “Rayas” – Designação comum a várias espécies de raias de água-doce, da família Potamotrygonidae (Chondrichthyes, Rajiformes), pertencentes aos gêneros *Paratrygon*, *Plesiotrygon* e *Potamotrygon*.
- 109 “Sardinhas” – Designação comum a várias espécies de água doce das famílias Characidae e Clupeidae. Impossível precisar a quais delas queria reportar-se Saa.
- 110 “Cangáoá” – Os cangauás ou canguás são representantes da família Scianidae e marinhos (*ver* nota 72 acima). O autor está tratando aqui só de peixes de água doce. Muito provavelmente queira referir-se ao cangatá, mais conhecido como gurijuba, *Aspistor luniscutis* (Valenciennes, 1840) (Siluriformes, Ariidae).
- 111 “Taubarana” – *Salminus hilarii* Valenciennes, 1850 (Characidae, Characiformes).
- 112 “Tayabucú” – Peixe-cachorro e taibucu. Designação comum a várias espécies de peixes do gênero *Acestrorhynchus* (Acestrorhynchidae, Characiformes). Mas talvez Saa pretendesse referir-se a *Rhaphiodon vulpinus* Spix & Agassiz, 1829 (Cynodontidae, Characiformes), das bacias do Prata e Amazonas, com dois grandes dentes com 33 cm de comprimento, inseridos na mandíbula e perfurando a maxila, e coloração cinza-prateada; alimenta-se de outros peixes (Ferreira, s/d:1067).
- 113 “Solteira” – Impossível precisar a qual peixe o autor pretendia identificar com esse nome, comum a muitas e diversas espécies.
- 114 “Cumbaca” – Designação comum a várias espécies de peixes da família Auchenipteridae (Siluriformes).
- 115 “Oacari” – Uacari ou cascudo. Designação comum aos peixes da família Loricariidae (Siluriformes), da qual há abundantes gêneros e espécies em nosso país.
- 116 “Piracicica” – Não identificado. Martius (1863:469) registrou Pira-cicica (tal como nosso autor anônimo), Pira-mucica e Pira-picyca. Encontramos grafado “Piracicica” no poema “Peixes brasileiros” de Bastos Tigre, citado por Magalhães (1931:254-255).
- 117 “Pirarara” – *Ver* nota 90 acima.
- 118 “Pegador” – Rêmore. Designação comum a várias espécies de peixes marinhos da família Eche-neidae (Perciformes).
- 119 “Piranha” – Designação comum a vários peixes da família Characidae (Serrasalminae).
- 120 “Sagoa” – Martius (1863:472) registrou este nome como *sagóa*, sem identificá-lo, como um peixe procedente de São Paulo. Trata-se de *Genyatremus luteus* (Bloch, 1790 (Haemulidae, Perciformes), mais conhecido como caicanha, sendo um dos sinônimos saguá (Ihering, 1940:695).
- 121 “Alambari” – Lambari. Designação comum a numerosas espécies de Characidae da subfamília Tetragonopterinae.
- 122 “Pequira” – Piquira. Designação comum às espécies de lambaris (*ver* nota anterior) de porte pequeno, ou de certos peixes pequenos, entre 3 e 5 cm de comprimento (Ferreira, s/d:1100).
- 123 “Sairú” – Seria o Saguiru? Denominação comum a várias espécies de peixes da família Curimatidae (Curimatinae) (Characiformes).
- 124 “Ijujú” – Muito provavelmente o jeju, *Hoplerethrinus unitaeniatatus* (Spix & Agassiz, 1829) (Erythrinidae, Characiformes), dos rios Amazonas, Paraguai e São Francisco.
- 125 “Jaubira” – Não identificado. O nome mais semelhante que encontramos foi Taubira ou Taupira, registrado por Martius (1863:481).
- 126 “Tramelga” – Poraquê, *Electrophorus electricus* (Linnaeus, 1758) (Gymnotiformes, Electrophoridae), da Amazônia. “Tramelga”, termo curiosamente empregado pelo autor anônimo, é o nome lusitano da raia elétrica.
- 127 “Trairas” – *Hoplias malabaricus* (Bloch, 1794) (Erythrinidae, Characiformes), distribuído por todo o Brasil.
- 128 “Morobá” – Diz Magalhães (1931:244): “Morobá. Sob esta denominação, é conhecido, no Estado do Rio de Janeiro, o Jejú (*Erythrinus unitaeniatatus*, de Spix)”. *Ver* nota 124.
- 129 “Jundiá” – Designação genérica dos bagres (*ver* nota 82) em geral.
- 130 “Acará” – Designação comum a muitas espécies peixes da Família Cichlidae (Perciformes).
- 131 “Camboatá” – Designação comum a várias espécies da família Callichthyidae (Siluriformes),.
- 132 “Mosúm” – Muçum, *Synbranchus marmoratus* Bloch, 1795 (Synbranchidae, Synbranchiformes), da América do Sul cisandina.

- 133 “*Tatuíra*” – O autor do manuscrito deveria ter feito um parágrafo nesta altura, separando as duas espécies de crustáceos de que irá tratar em seguida, havendo terminado a descrição dos peixes propriamente ditos. Tatuíra ou tatuí é designação comum aos crustáceos decápodos, anomuros, da família Hippidae, especialmente *Emerita brasiliensis* Schmitt, 1935.
- 134 “*Pulgões*” – Saltão-da-praia. Animal artrópode, crustáceo, anfípode, especialmente os do gênero *Talitrus*.
- 135 “Lagosta” – Designação comum aos crustáceos decápodos, macruros, da família Palinuridae.
- 136 “Lagostim” – Designação comum às espécies de crustáceos decápodos, macruros, da família Scyllaridae, gênero *Scyllarides*, parecidos com a lagosta, mas facilmente reconhecíveis pela ausência de longas antenas.
- 137 “Tamarú” – Forma apocopada de tamarutaca ou tamburutaca. Designação comum às espécies de crustáceos estomatópodes.
- 138 “Orisos” – Ouriço-do-mar. Animal equinodermo, equinoide, com esqueleto ou carapaça rija, globular, discoide, ou cordiforme, com espinhos móveis em sua superfície, e pés ambulacrários, longos e com ventosas (Ferreira, s/d:1019).
- 139 “Carangueijos” – Caranguejo. Designação comum às espécies de crustáceos decápodos, braquiúros, de pernas terminadas em unhas pontuadas. São todos caranguejos, salvo aqueles cujas últimas pernas terminam em nadadeiras (sirís). Terrestres ou aquáticos, marinhos ou de água doce, vivem na maioria em tocas, que eles mesmos escavam; alimentam-se de toda sorte de detritos orgânicos, e são utilizados na alimentação humana (Ferreira, s/d:280). Uma esplêndida monografia sobre os caranguejos e sirís do litoral brasileiro foi publicada por Melo (1926). Os caranguejos de água doce a que se refere Saa pertencem à família Trichodactylidae.
- 140 “*Ganhamúz*” – Guaiamu. Espécie de crustáceo decápode, braquiúro, da família Gecarcinidae, *Cardisoma ganhami* Latreille, 1828.
- 141 “Polvo” – Designação comum aos moluscos cefalópodes, octópodes, caracterizados por terem oito tentáculos circundando a abertura bucal córnea, com o feitio de bico de papagaio, e corpo formado por um saco ovoides desprovido de concha. Usam-se como alimento (Ferreira, s/d:1119).
- 142 “Lula” – Designação comum aos moluscos cefalópodes decápodes.
- 143 “Caracoes” – Na realidade, o autor do manuscrito quer referir-se aos Caramujos. designação comum aos moluscos gastrópodes, aquáticos, pulmonados ou providos de brânquias, marinhos ou de água doce. Têm a concha forte e grossa (Ferreira, s/d:280). A expressão caracol aplica-se mais particularmente, no Brasil, aos moluscos gastrópodos terrestres ou aquáticos, pequenos, de concha fina. Em Portugal e nos tempos antigos no Brasil usavam-se as duas palavras como sinônimas.
- 144 “hũas formas como hum dedo da mão” – Este trecho do manuscrito é extremamente confuso: mistura grupos zoológicos diversos. O trecho que diz “hũas formas como hum dedo da mão maiores. e menores de hũa materia como de areia juntas. e congeladas, e dentro hum vivente a maneira de hum gafanhoto de 4 azas” parece referir-se aos casulos fabricados pelas larvas de insetos da Ordem Trichoptera, família Hydropsychidae, que elaboram seus casulos com grãos de areia aglutinados por uma substância adesiva; se isto é correto, temos que admirar a curiosidade e o poder de observação do autor do manuscrito, que chegou a ver tais larvas. desconhecidas para a imensa maioria das pessoas. Entretanto, essas larvas vivem em água doce, e não, como está no manuscrito, “no fundo do mar, principalmente aonde há pedras e cascalhos”. Uma possível explicação é que a pontuação desse trecho está errada. O correto deveria ser: “q’ outros chamão Caracoes, de inumeras especies e qualidades. Gerão-se no fundo do mar, principalm<sup>te</sup> aonde há pedras e cascalhos”. Deveria haver então um outro parágrafo independente, tal como: “[Há] hũas formas como hum dedo da mão...”. Outro problema é a sequência dessa passagem: até o ponto em que o autor diz: “chegado o tempo da sua perfeição sobe aq<sup>a</sup> forma asima d’agua, abre-se, sae o vivente”, está tudo bem; o resto é pura sandice: “ e voa p<sup>a</sup> aonde sucede [?] sobre as ondas, athé q’ acha roxedo, em q’ então pouza, e cantão como sigarras”. Não conseguimos atinar com o sentido dessas sentenças. Tem-se a impressão de que este trecho foi copiado por alguma outra pessoa, que causou essa confusão.
- 145 “o mesmo sucede nos Rios, e Lagoas, aonde tão-bem os há azues, e verdes com 4 azas” – Aqui o autor parece referir-se às libélulas, insetos da ordem Odonata, de corpo estreito, com dois pares de asas membranosas muito transparentes, e com larvas carnívoras e voracíssimas, que se desenvolvem nas águas correntes, nas estagnadas, ou mesmo no interior de plantas bromeliáceas. É essa parte do texto que nos faz crer que o au-

tor tenha querido tratar, no trecho anterior, das larvas de Trichoptera.

- 146 “mariscos” – Provavelmente o autor queria usar este termo no sentido restrito de moluscos bivalvos (“conchas”).
- 147 “tem aparecido minas em terra das q’ os Índios comiã, e fazião Montõens” – Interessantíssima referência aos sambaquis, designação dada a antiqüíssimos depósitos, situados ora na costa, ora, em lagoas ou rios do litoral, e formados de montões de conchas, restos de cozinha e de esqueletos amontoados por tribos selvagens que habitaram o litoral americano em época pré-histórica.

## RESUMO

*Joseph Barbosa de Sáa (? – 1775), mais conhecido por seus escritos sobre a história do Mato Grosso, completou em 1769 um volumoso e erudito livro intitulado “Dialogos geograficos, chronologicos, politicos, e naturaes”, que nunca foi publicado na íntegra. Uma cópia do século XVIII encontra-se depositada na Biblioteca Pública do Porto, em Portugal, e uma cópia desse manuscrito, feita no século XIX, acha-se no Instituto Histórico e Geográfico Brasileiro, no Rio de Janeiro. Dez capítulos desse livro tratam dos produtos naturais do Brasil (mais de 1.000 produtos, quase a metade sendo animais), observados por Sáa nas costas to Rio de Janeiro, em São Paulo, sul de Goiás e especialmente no Mato Grosso, sendo a primeira monografia sobre a história natural deste último estado. Um outro manuscrito, do século XVIII, contendo apenas esses dez capítulos, existe na Biblioteca Nacional do Rio de Janeiro (MS 9.2.7), e suas seções sobre animais são aqui transcritas e comentadas.*

**PALAVRAS-CHAVE:** Joseph Barboza de Sáa; 1769; Dialogos; MS 9.2.7 (Biblioteca Nacional, Rio de Janeiro); Animais; Brasil; Mato Grosso.

## REFERÊNCIAS

- ALMADA, M. DE G.L. DE. 1861. Descrição relativa ao rio Branco e seu território. Anno de 1787. *Revista trimensal do Instituto historico, geographico e ethnographico do Brasil*, Rio de Janeiro, 24:617-683.
- AMARAL, A. DO. 1978. *Serpentes do Brasil*. Edições Melhoramentos & Editora da Universidade de São Paulo, São Paulo.
- ANCHIETA, PE. J. DE. 1988. *Cartas, informações, fragmentos históricos e sermões*. Editora Itatiaia & Editora da Universidade de São Paulo, Belo Horizonte.
- ANON. [1889] 2008. *Cozinheiro nacional ou coleção das melhores receitas das cozinhas brasileira e européias para a preparação de sopas, molhos, carnes, caça, peixes, crustáceos, ovos, leite, legumes, pudins, pastéis, doces de massa e conservas para sobremesa. Acompanhado das regras de servir à mesa e de trinchar. Ornado com numerosas estampas finas*. Prefácio de Carlos Alberto Dória. Revisão de Geraldo Gerson de Souza e Maria Cristina Marques. Ateliê Editora & Editora Senac, São Paulo.
- AZARA, F. DE. 1802. *Apuntamientos para la historia natural de los cuadrúpedos del Paragüay y Rio de La Plata* (2 vols.). Imprenta de la Viuda de Ibarra, Madrid.
- BADARIOTTI, N. 1898. *Exploração do norte de Matto Grosso, região do Alto Paraguay e Planalto dos Parecis. Apontamentos de Historia Natural, Ethnographia. Geographia, e impressões*. São Paulo.
- BALDUS, H. 1954. *Bibliografia crítica da etnologia brasileira*. Editora São Nicolau, São Paulo.
- BARBOSA, N.B.H. 1945. Exploração e levantamento dos rios Anari e Machadinho. *Publicações. Conselho Nacional de Proteção aos Índios*, 48:1-92. [1ª ed. 1917].
- BARTHOLOMAEUS ANGLICUS, 1483. *Incipit tituli libror et capitulorum venerabilis Bartholomei Anglici de Proprietatibus Rerum*. Anthonium Koburger, Nuremberge.
- BEAUREPAIRE-ROHAN, VISCONDE DE, 1889. *Diccionario de vocabulos brasileiros*. Imprensa Nacional, Rio de Janeiro.
- BERTHELET, T. 1535. *Bartholomeus de Proprietatibus Rerum*. Thomas Berthelet, London.
- BIBLIOTHECA NACIONAL DO RIO DE JANEIRO, 1881a. Catalogo da Exposição de Historia do Brasil. *Anais da Biblioteca Nacional*, Rio de Janeiro, 9:3-991.
- BIBLIOTHECA NACIONAL DO RIO DE JANEIRO, 1881b. Catalogo da Exposição de Historia do Brasil. *Anais da Biblioteca Nacional*, Rio de Janeiro, 9:993-1612 + i-iv.
- BIBLIOTHECA NACIONAL DO RIO DE JANEIRO, 1883. Supplemento ao Catalogo da Exposição de Historia do Brasil. *Annaes da Bibliotheca Nacional do Rio de Janeiro*, 9:1615-1758.
- BOSSI, B. 1863. *Viagem pintoresca por los rios Paraná, Paraguay, San Lorenzo, Cuyabá y el Arino, tributario del grande Amazonas, con la descripcion de la Provincia de Mato Grosso, bajo su aspecto físico, geográfico, mineralógico y sus producciones naturales*. Libreria Parisiense, Paris.
- BRASIL, FUNDAÇÃO INSTITUTO BRASILEIRO DE GEOGRAFIA E ESTATÍSTICA. 1981. *Mapa Etno-histórico de Curt Nimuendajá*. Fundação Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística & Fundação Nacional Pró-Memória, Rio de Janeiro.
- CABRERA, A. & YEPES, L. 1940. *Mamíferos sud-americanos, vida, costumbres y descripción*. Compañía Argentina de Editores, Buenos Aires.
- CARVALHO, C.T. 1969. *Dicionário dos mamíferos do Brasil*. Fundação Parque Zoológico de São Paulo, São Paulo.
- CAUSEY, N.B. & TIEMANN, D.L. 1969. A revision of the bioluminescent millipedes of the genus *Motyxia* (Xystodesmidae, Polydesmida). *Proceedings of the American Philosophical Society*, 113(1):14-33.
- CAUSEY, N.B. 1960. A third luminous millipede, *Motyxia tiemanni*, n. sp. (Xystodesmidae: Polydesmida). *Wasmann Journal of Biology*, 18:131-135.
- CUBA, J. VON. 1491. [H] *Ortus sanitatis. De herbis et plantis, de animalibus et reptilibus. de avibus et volatibus, de piscibus et natatilibus, de lapidibus & in terre venis nascentibus, de urinis et earū speciebus. Tabula medicinalis cum directorio generali per omnes tractatus*. Jacobus Meydenbach, Mogontia [= Mainz].
- DAVENPORT, D.; WOOTTON, D.M. & CUSHING, J.E. 1952. The biology of the Sierra luminous millipede, *Luminodesmus sequoia* Loomis and Davenport. *Biological Bulletin*, 102:100-110.
- DELLON, G. 1685. *Relation d'un voyage des Indes Orientales*. Claude Barbin, Paris.
- ELLIS, M. 1969. *A baleia no Brasil colonial*. Edições Melhoramentos & Editora da Universidade de São Paulo, São Paulo.
- FERREIRA, A.B. DE H. [s.d.]. *Novo dicionário da língua portuguesa*. 1ª edição, 2ª reimpressão. Editora Nova Fronteira, São Paulo.

- FIGUEIREDO, J.L. & MENEZES, N.A. 1978. *Manual de peixes marinhos do Sudeste do Brasil. II. Teleostei (1)*. Museu de Zoologia, Universidade de São Paulo, São Paulo.
- FIGUEIREDO, J.L. 1977. *Manual de peixes marinhos do Sudeste do Brasil. I. Introdução. Cações, raías e quimeras*. Museu de Zoologia, Universidade de São Paulo, São Paulo.
- GAMER, B.S. 1995. Monster! A survey of the North American monster scene. Hancock House Publishers, Blaine.
- GILMORE, R.M. 1950. Fauna and ethnozoology of South America. In: Steward, J.W. (Ed.), *Handbook of South American Indians*. Smithsonian Institution, Washington DC, v. 6, p. 345-464.
- GOELDI, E.A. 1894. *As aves do Brasil*. Livraria Clássica Alves & Cia., Rio de Janeiro.
- GÓMARA, F.L. DE. 1552-53. *Primeira e segunda parte de la historia general de las Indias, con todo el descubrimiento y cosas notables que han acaescido dende que se ganaron asta el año de 1551, con la conquista de Mexico y de la Nueva Espana*. Augustin Millan, Saragoça.
- HUBER, J. 1902. Sobre os materiaes do ninho do japú, *Ostinops decumanus*. *Boletim do Museu Paraense*, Belém, 3:1-15.
- HUSSON, A.M. 1978. *The mammals of Suriname*. E.J. Brill, Leiden.
- IHERING, H. VON & IHERING, R. VON. 1907. *As aves do Brazil*. Typographia do Diario Oficial, São Paulo.
- IHERING, R. VON. 1936. Dicionário dos animais do Brasil. *Boletim de Agricultura*, São Paulo, 37:294-410.
- IHERING, R. VON. 1940. *Dicionário dos animais do Brasil*. Secretaria da Agricultura, Indústria e Comércio do Estado de São Paulo, Diretoria de Publicidade Agrícola, São Paulo.
- IHERING, R. VON. 1953. *Da vida dos nossos animais*. 3ª edição. Rotermond & Co., São Leopoldo, 320 p., 629 figs.
- IHERING, R. VON. 1968. *Dicionário dos animais do Brasil*. Universidade de Brasília, Brasília, DF.
- ISIDORO DE SEVILHA, STO. 1993. *Etimologías. Tradução de J.O. Reta & M.A.N. Vasquero*. Biblioteca de Autores Cristianos, Madrid, v.1.
- JENTINK, F.A. 1888. *Catalogue systématique des Mammifères (Rongeurs, Insectivores, Cheiropteres, Édentés et Marsupiaux)*. E.J. Brill, Leiden. (Muséum d'Histoire Naturelle des Pays-Bas, 12).
- JENTINK, F.A. 1910. Description of a shrew from Suriname. *Notes from the Leyden Museum*, 32(2/3):167-168.
- KIRCHER, A. 1675. *Arca Noë in tres libros digesta*. Joannem Janssonium, Amstelodami.
- LENKO, K. & PAPAVERO, N. 1996. *Insetos no Folclore*. 2ª edição. Editora Plêiade & Fundação de Amparo à Pesquisa do Estado de São Paulo, São Paulo.
- LEONARDI, C. 1750. *The mirror of stones: In which the nature, generation, properties, virtues and various species of more than 200 different jewels, precious and rare stones, are distinctly described. Also certain and infallible rules to know the good from the real from the counterfeitis. Extracted from the works of Aristotle, Pliny, Isidorus. Dionysius Alexandrinus, Albertus Magnus & H. Freeman*, London.
- LEWIS, J.G.E. 1981. *The biology of centipedes*. Cambridge University Press, Cambridge.
- LOOMIS, H.F. & DAVENPORT, D. 1951. A luminescent new xystodesmid milipede from California. *Journal of the Washington Academy of Sciences*, 42:270-272.
- MAGALHÃES, A.C. DE. 1931. Nomenclatura popular de peixes fluviais. In: *Monographia brasileira de peixes fluviais*. Graphicars, Romiti, Lanzara & Zanin, São Paulo, p. 231-255.
- MAGALHÃES, L. 1969. A cobra e o folclore sertanejo. *Revista do Instituto do Ceará*, Fortaleza, 87:113-123.
- MARTIUS, K.F.P. VON. 1863. Dicionario, Wörterbuch, Tupi-Portuguez-Deutsch, p. 31-97 & Nomina animalium in lingua tupi, adjecta synonyma e multis linguis praesertim Brasiliae. Thiernamen in der Tupisprachen, mit Synonymen aus anderen Sprachen und Dialekten, besonders Brasilien, p. 428-486. In: *Glossaria linguarum brasiliensium. Glossarios de diversas linguas e dialectos, que fallão os indios no Imperio do Brasil. Wörterammlung brasilianischen Sprachen*. Kunge & Sohn, Erlangen. (Beiträge zur Ethnographie und Sprachenkunde Brasiliens).
- MEDEM, F. 1983. Los Crocodylia de Sur America. Universidad Nacional de Colombia, Bogotá, 2 v.
- MELO, A.F.A. 1926. *O papel como elemento de identificação*. Biblioteca Nacional, Lisboa.
- MENEZES, N.A. & FIGUEIREDO, J.L. 1980. *Manual de peixes marinhos do Sudeste do Brasil. IV. Teleostei (3)*. Museu de Zoologia, Universidade de São Paulo, São Paulo.
- MENEZES, N.A. & FIGUEIREDO, J.L. 1985. *Manual de peixes marinhos do Sudeste do Brasil. V. Teleostei (4)*. Museu de Zoologia, Universidade de São Paulo, São Paulo.
- MESQUITA, J.[B.]. 1978. Joseph Barbosa de Sá. In: *Gentes e coisas de antanho*. Prefeitura Municipal de Cuiabá, Secretaria Municipal de Cultura e Turismo, Cuiabá. (Cadernos cuiabanos, Secção História, 2), p. 140-141.
- MESQUITA, J.B. 1927. Descrição dos bens do licenciado José Barbosa de Sá, transcrita fielmente do inventário de bens perante o Juiz de Órfãos de Cuiabá no ano de 1776. *Revista do Instituto histórico e geográfico do Mato Grosso*, Cuiabá, 17-18:45-47.
- MIGLIACCIO, M.I.; BECHARA, E. & COSTA, C. 1985. Cupinzeiros luminescentes. *Ciência Hoje*, Rio de Janeiro 3(16):92-93, figs.
- MOLINA, G.L. 1782. *Saggio sulla storia naturale del Chili*. Stamperia S. Tommaso d'Aquino, Bologna.
- MONTOYA, A.R. DE. 1639. *Tesoro de la Lengva Gvarani. Compuesto por el Padre Antonio Ruiz, de la Compañia de Jesus, Dedicado a la Soberana Virgen Maria*. Iuan Sanchez, Madrid.
- MONTOYA, PE. A.R. DE. 1876. *Arte, vocabulario, tesoro y catecismo de la lengua guarani por Antonio Ruiz de Montoya publicado nuevamente sin alteracion alguna por Julio Platzmann. Tesoro de la lengua guarani*. B.G. Teubner, Leipzig, Tomo tercero.
- MOOJEN, J. 1952. *Os roedores do Brasil*. Instituto Nacional do Livro, Ministério da Educação e Saúde, Rio de Janeiro.
- NEGRET, A. & TEIXEIRA, D.M. 1983. O uso de termiteiros para a nidificação de algumas aves do Planalto Central. In: Sociedade Brasileira de Zoologia, *Congresso Brasileiro de Zoologia 10, Belo Horizonte, 1983*. Universidade Federal de Minas Gerais, Belo Horizonte. *Resumos*, p. 348-349.
- NOGUEIRA, B.C.A. 1880. Vocabulario das palavras guaranis usadas pelo tradutor da "Conquista Espiritual" do Padre A Ruiz de Montoya. *Anaes da Bibliotheca Nacional do Rio de Janeiro*, 7:1-603 + ix.
- OVIDEO, G.F. DE. 1526. *Relacion sumaria de la Natural Historia de las Indias*. Remón de Petras, Toledo.
- OVIDEO, G.F. DE. 1535. *Historia General y Natural de las Indias, Islas y Tierra-Firme*. Juan Cromberger, Sevilla.
- PAPAVERO, N.; FIGUEIREDO, J.L.; TEIXEIRA D.M. & PUJOL-LUZ, J.R. 1999. Do Rio de Janeiro a Cuiabá: Notícias sobre os produtos naturais do Brasil, por um autor anônimo do século XVIII. 8. Capítulo 9: "Notícia de varios peixes de mar e de rios, q' se tem conhecido no Brazil, com a distincção, e circunsc<sup>ção</sup> q' se tem de cada hum deles". *Historia naturalis*, Seropédica, 2:187-218.
- PAPAVERO, N.; TEIXEIRA, D.M. & PUJOL-LUZ, J.R. 1999a. Do Rio de Janeiro a Cuiabá: Notícias sobre os produtos naturais do Brasil, por um autor anônimo do século XVIII. 1. Introdução e capítulo I: "Notícia das flores mais notaveis e conhecidas q' há no Brazil, com a denominação de outras muitas q' há nos matos, campos e serrados". *Historia naturalis*, Seropédica, 2:1-19.
- PAPAVERO, N.; TEIXEIRA, D.M. & PUJOL-LUZ, J.R. 1999b. Do Rio de Janeiro a Cuiabá: Notícias sobre os produtos naturais do

- Brasil, por um autor anônimo do século XVIII. 2. Capítulo II: "Notícia de alguns frutos mais notáveis q' se conhecem no Brasil, com a distinção das suas diferentes denominaçoens". *Historia naturalis*, Seropédica, 2:21-54.
- PAPAVERO, N.; TEIXEIRA, D.M. & PUJOL-LUZ, J.R. 1999c. Do Rio de Janeiro a Cuiabá: Notícias sobre os produtos naturais do Brasil, por um autor anônimo do século XVIII. 3. Capítulo III: "Notícia de varios aromas, q' se conhecem no Brasil". *Historia naturalis*, Seropédica, 2:55-69.
- PAPAVERO, N.; TEIXEIRA, D.M. & PUJOL-LUZ, J.R. 1999d. Do Rio de Janeiro a Cuiabá: Notícias sobre os produtos naturais do Brasil, por um autor anônimo do século XVIII. 4. Capítulo IV: [Sem título. Minerais e metais] e Capítulo V "Notícia de varias pedras preciosas, e sin<sup>as</sup> raridades, q' há no Brasil, com a distinção, e circum<sup>as</sup> de cada hũa delas". *Historia naturalis*, Seropédica, 2:71-110.
- PAPAVERO, N.; TEIXEIRA, D.M. & PUJOL-LUZ, J.R. 1999e. Do Rio de Janeiro a Cuiabá: Notícias sobre os produtos naturais do Brasil, por um autor anônimo do século XVIII. 9. Capítulo X: "Notícia de varias plantas, madeiras e páos q' se conhecem no Brasil, com a distinção, e circumstancias q' pertencem a cada hũa das suas classes". *Historia naturalis*, Seropédica, 2:219-250.
- PAPAVERO, N.; TEIXEIRA, D.M. & PUJOL-LUZ, J.R. 1999f. Do Rio de Janeiro a Cuiabá: Notícias sobre os produtos naturais do Brasil, por um autor anônimo do século XVIII. 10. Índice dos produtos naturais citados no manuscrito e índices dos nomes científicos botânicos e zoológicos citados nas notas. *Historia naturalis*, Seropédica, 2:261-283.
- PAPAVERO, N.; TEIXEIRA, D.M. & RAMOS, M.C. 1997. *A "Protogea" de G.W. Leibniz (1749): Uma teoria sobre a evolução da Terra e a origem dos fósseis*. Editora Pleiade & Fundação de Amparo à Pesquisa do Estado de São Paulo (FAPESP), São Paulo.
- PIGAFETTA, A. 1800. *Primo viaggio intorno al globo terraqueo ossia ragguaglio della navigazioni alie Indie Orientali per la via d'Occidente fatta dal cavaliere Antonio Pigafetta, patrizio vicentino, sulla squadra del Capo Magaglianes negli anni 1519-1522. Ora publicato per la prima volta, tratto da un codice MS della Bibliotheca Ambrosiana di Milano e corredato di note da Carlo Amoretti, dottore del Collegio Ambrosiano, con un transunto del trattato di navigazione dello stesso autore*. Stamperia di Guiseppe Galeazi, Milano.
- PINTO, O.M. DE O. 1938. Catálogo das aves do Brasil e lista dos exemplares que as representam no Museu Paulista 1ª parte. Aves não Passeriformes e Passeriformes não Oscines, excluída a Fam[ília] Tyrannoidea. *Revista do Museu Paulista*, São Paulo, 22:1-566.
- PINTO, O.M. DE O. 1944. *Catálogo das aves do Brasil e lista dos exemplares existentes na coleção do DepGltamento de Zoologia. 2ª parte. Ordem Passeriformes (continuação): Superfamília Tyrannoidea e Subordem Passeres*. Departamento de Zoologia, Secretaria de Agricultura, Industria e Commercio do Estado de São Paulo, São Paulo.
- POLO, M. 1992. *The Travels of Marco Polo. Translated by H. Yule and H. Cordier*. Dover Publications, New York.
- ROBINSON, W.H. 2005. *Handbook of urban insects and arachnids*. Cambridge University Press, Cambridge.
- ROLLAND, E. 1877-83. *Faune populaire de la France*. Maisonneneuve & Cie Libraries-Éditeurs, Paris, 6 v.
- SÁ, J.B. DE. 1904. Relação das povoaçoens do Cuyabá e Mato Grosso de seos principios thé os presentes tempos. *Annais da Bibliotheca Nacional*, Rio de Janeiro, 13:5-58.
- SÁ, J.B. DE. 1975. *Relação das povoaçoens do Cuyaba e Mato Grosso de seos principios thé os presentes tempos*. Universidade Federal do Mato Grosso & Secretaria de Educação e Cultura, Cuiabá. (Coleção Ouro ou Mel, 12).
- [SÁ, J.B. DE]. 1919a. Chronicas do Cuyabá (dos Annaes do Senado da Camara). *Revista do Instituto Historico do Matto Grosso*, Cuiabá, 1:49-69.
- [SÁ, J.B. DE]. 1919b. Chronicas do Cuyabá (dos Annaes do Senado da Camara). *Revista do Instituto Historico do Matto Grosso*, Cuiabá, 2:145-151.
- [SÁ, J.B. DE]. 1920a. Chronicas do Cuyabá (dos Annaes do Senado da Camara). *Revista do Instituto Historico do Matto Grosso*, Cuiabá, 3:69-76.
- [SÁ, J.B. DE]. 1920b. Chronicas do Cuyabá (dos Annaes do Senado da Camara). *Revista do Instituto Historico do Matto Grosso*, Cuiabá, 4:31.
- [SÁ, J.B. DE]. 1922. Chronicas do Cuyabá (dos Annaes do Senado da Camara). *Revista do Instituto Historico do Matto Grosso*, Cuiabá, 5-6:110-119.
- [SÁ, J.B. DE]. 1923a. Chronicas do Cuyabá (dos Annaes do Senado da Camara). *Revista do Instituto Historico do Matto Grosso*, Cuiabá, 7:105-112.
- [SÁ, J.B. DE]. 1923b. Chronicas do Cuyabá (dos Annaes do Senado da Camara). *Revista do Instituto Historico do Matto Grosso*, Cuiabá, 8:125-126.
- [SÁ, J.B. DE]. 1923c. Chronicas do Cuyabá (dos Annaes do Senado da Camara). *Revista do Instituto Historico do Matto Grosso*, Cuiabá, 9-10:137-146.
- [SÁ, J.B. DE]. 1924. Chronicas do Cuyabá (dos Annaes do Senado da Camara). *Revista do Instituto Historico do Matto Grosso*, Cuiabá, 11-12:123-128.
- [SÁ, J.B. DE]. 1925a. Chronicas do Cuyabá (dos Annaes do Senado da Camara). *Revista do Instituto Historico do Matto Grosso*, Cuiabá, 13:146-149.
- [SÁ, J.B. DE]. 1925b. Chronicas do Cuyabá (dos Annaes do Senado da Camara). *Revista do Instituto Historico do Matto Grosso*, Cuiabá, 14:86-118.
- [SÁ, J.B. DE]. 1926. Chronicas do Cuyabá (dos Annaes do Senado da Camara). *Revista do Instituto Historico do Matto Grosso*, Cuiabá, 16:159-160.
- [SÁ, J.B. DE]. 1927. Chronicas do Cuyabá (dos Annaes do Senado da Camara). *Revista do Instituto Historico do Matto Grosso*, Cuiabá, 17-18:93-97.
- [SÁ, J.B. DE]. 1928. Chronicas do Cuyabá (dos Annaes do Senado da Camara). *Revista do Instituto Historico do Matto Grosso*, Cuiabá, 19-20:154-155.
- [SÁ, J.B. DE]. 1934. Chronicas do Cuyabá (dos Annaes do Senado da Camara). *Revista do Instituto Historico do Matto Grosso*, Cuiabá, 31-32:181-188.
- [SÁ, J.B. DE]. 1935. Chronicas do Cuyabá (dos Annaes do Senado da Camara). *Revista do Instituto Historico do Matto Grosso*, Cuiabá, 33-34:215-219.
- [SÁ, J.B. DE]. 1937. Chronicas do Cuyabá (dos Annaes do Senado da Camara). *Revista do Instituto Historico do Matto Grosso*, Cuiabá, 35-36:199-201.
- SANTOS, E. 1945. *Entre o gambá e o macaco*. Editora F. Briguiet & Cia, Rio de Janeiro.
- SANTOS, E. 1962. *Peixes de água doce. Vida e costumes dos peixes do Brasil*. F. Briguiet, Rio de Janeiro, 278 p., 129 figs.
- SAUER, C.O.S. 1952. *Agricultural origins and dispersals*. American Geographical Society, New York.
- SCHMIDEL, D. 1599. *Vera historia Admirandae Cviusdam navigationis, quam Huldericus Schmidel, Straubingensis, ab Anno 1534 usque ad annum 1554 in Americam vel nouum Mundum, iuxta Brasiliam & Rio della Plata, confecit. Quid per hosce annos 19 sunstinerit, quam varias & quam mirandas regiones ac homines viderit. Ab ipso Schimidelio Germanice descripta: Nunc vero, emendatis & correctis Vrbium, Regionum & Fluminum nomibus, Adiecta etiam tabula Geographica, figuris & aliis notationibus quibusdam in hanc formam reducta*. Impensis Levini Hulsij, Noribergae.

- SHELLEY, R.M. 1997. A re-evaluation of the millipede genus *Moryxia* Chamberlin, with a re-diagnosis of the tribe Xystocheirini and remarks on the bioluminescence (Polydesmida: Xystodesmidae). *Insecta Mundi*, Gainesville, 11(3-4):331-350.
- SICK, H. 1957. Rosshaarpilze als Nestbau-Material brasilianischer Vögel. *Journal für Ornithologie*, 98(4):421-431.
- SICK, H. 1985. *Ornitologia brasileira*: Uma introdução. Editora Universidade de Brasília, Brasília, 2 v.
- SMITH, H.H. 1879. *Brazil: The Amazons and the Coast*. Charles Scribner's Sons, New York.
- SOUZA, G.S. DE. 1971. *Tratado descritivo do Brasil em 1587. Edição castigada pelo estudo e exame de muitos códices manuscritos existentes no Brasil, em Portugal, Espanha e França, e acrescentada de alguns comentários por Francisco Adolfo de Varnhagen*. 4ª ed. Companhia Editora Nacional & Editora da Universidade de São Paulo, São Paulo.
- STRADELLI, E. 1926. Vocabularios da lingua geral portuguese-nheêngatu e nheêngatu-portugues, precedidos de um esboço da Grammatica nheênga-umbuê-sauá miri e seguidos de contos em lingua geral nheêngatu poranduba. *Revista do Instituto historico e geographico brasileiro*, Rio de Janeiro, 104(158):5-768.
- TASTEVIN, C. 1923. Nome de plantas e animais em língua tupy. *Revista do Museu Paulista*, São Paulo, 13:687-763.
- TEIXEIRA, D.M. & PAPAVERO, N. 1999. The problem of marsupial reproduction: a brief historical review. *Historia naturalis*, Seropédica, 2:263-277, 2 figs.
- TEIXEIRA, D.M. (ORG.). 1995. *Brasil holandês*: Miscellanea Cleyeri, Libri Principis & Theatmm rerum naturalium Brasiliae. Editora Index, Rio de Janeiro & Lisboa, 5 v.
- TEIXEIRA, D.M. (ORG.). 1997. *Brasil holandês*: Documentos da biblioteca universitária de Leiden, o "Thierbuch" e a "Autobiografia" de Zacharias Wagener e os quadros do "Weinbergsschloßchen" de Hoflössnitz. Editora Index, Rio de Janeiro & Lisboa. 3 v.
- TEIXEIRA, D.M. 1998. *Brasil holandês: "Coleção Niedenthal", "Animaux et Oiseaux" & "Naturalien-Buch" de Jacob Wilhelm Griebe*. Editora Index, Rio de Janeiro & Lisboa. 3 v.
- TEIXEIRA, D.M.; LORINI, M.L.; PAPAVERO, N. & PUJOL-LUZ, J.R. 1999. Do Rio de Janeiro a Cuiabá: Notícias sobre os produtos naturais do Brasil, por um autor anônimo do século XVIII. 5. Capítulo VI: "Notícia de varios animais quadrupedes q' há no Brasil, com a distinção e circumst<sup>cas</sup> de cada hum deles". *Historia naturalis*, Seropédica 2:111-134.
- TEIXEIRA, D.M.; PAPAVERO, N. & PUJOL-LUZ, J.R. 1999a. Do Rio de Janeiro a Cuiabá: Notícias sobre os produtos naturais do Brasil, por um autor anônimo do século XVIII. 6. Capítulo VII: "Notícia de varios bichos e insectos q' se conhecem no Brasil, com a distinção e circumst<sup>cas</sup> q' se poderão descobrir a este respeito". *Historia naturalis*, Seropédica, 2:135-153.
- TEIXEIRA, D.M.; PAPAVERO, N. & PUJOL-LUZ, J.R. 1999b. Do Rio de Janeiro a Cuiabá: Notícias sobre os produtos naturais do Brasil, por um autor anônimo do século XVIII. 7. Capítulo VIII: "Notícia das aves, q' se conhecem no Brazil, com a distinção, e circumst<sup>cas</sup> de cada húa delas". *Historia naturalis*, Seropédica, 2:155-186.
- THEVET, A. 1557. *Les singularitez de la France Antarctique, avtrement nommée Amerique: & de plusieurs Terres & Isles decouvertes de nostre temps*. Chez les Heritiers de Maurice de la Porte, Paris.
- VASCONCELLOS, A. 1938. *Vocabulário de ictiologia e pesca*. Liga Naval Brasileira, Recife.
- WENDT, H. 1956. *Auf Noahs Spuren. Die Entdeckung der Tiere.g*. Grote Verlag, Hamm.

Recebido em: 17.06.2009

Aceito em: 25.09.2009

Impresso em: ##.##.####

## ÍNDICE DOS NOMES DE ANIMAIS BRASILEIROS CITADOS POR BARBOZA DE SÁA

(Grafia original mantida; o primeiro número refere-se ao fólho em que se encontra o vocábulo; o segundo, entre colchetes, à seção e nota respectiva)

- Abelhas – 47r [III, 176-200]  
 Abotoado – 51v [IV, 102]  
 Acará – 51v [IV, 130]  
 Agulha – 40v [IV, 61]  
 Alambari – 51r [IV, 121]  
 Alcatraz – 45r [III, 162]  
 Alecto – 30v [III, 64]  
 Alma-de-mestre – 44r [III, 126]  
 Andahé – 41v [III, 87]  
 Andorinhas – 40v [III, 75-79]  
 Andorinha [branquinha com os encontros pretos] – 40v [III, 77]  
 Andorinha [q' nunca chega as Casas] – 40v [III, 76]  
 Andorinha [q' vive nas montanhas, penhascos, e telhados das cazas] – 40v [III, 75]  
 Andorinha [toda preta com hũa coleira branca] – 40v [III, 78]  
 Andorinha [vermelhasa] – 40v [III, 79]  
 Animas do tamanho de um gato pequeno, alvos, com duas riscas pardas – 30v [I, 73]  
 Aniquim – 48r [IV, 8]  
 Anta – 31v [I, 75-76]  
 Anum – 39r [III, 54-56]  
 Anum-Guasú – 30r [III, 55]  
 Anum-legitimo – 30r [III, 54]  
 Apacari – 41v [III, 86]  
 Apode – 40r [III, 74]  
 Apohy – 41v [III, 92]  
 Apreiá – 29v [I, 56]  
 Aquiquire – 47r [III, 192]  
 Araia [de lixa] – 49r [IV, 83]  
 Araia [pintada] – 49r [IV, 83]  
 Araia [preta] – 49r [IV, 83]  
 Araia [vermelha] – 40r [IV, 83]  
 Araias – 40r [IV, 53]  
 Aranhas – 36v [II, 57-58]  
 Araquan – 38v [III, 48]  
 Arara – 37v [III, 17], 38r  
 Ararauna – 37v [III, 20]  
 Arara-vermelha – 37v [III, 19]  
 Ararinha – 37v [III, 21]  
 Arisanha – 31r [I, 74]  
 Ariré – 44r [III, 121]  
 Arminho – 30v [I, 71]  
 Arusahí – 40r [III, 72]  
 Ave-catinguenta – 44r [III, 123]  
 Ave-peixe – 44v [III, 127]  
 Aves-de-rapina – 41v [III, 86-97]  
 Ave-trus – 41r [III, 84]  
 Avezinhas-menores – 45v  
 Avinhado – 46r [III, 160]  
 Ayayá – 43v  
 Bacalháo – 48r [IV, 13]  
 Bacamarte – 48v [IV, 23]  
 Bacuráo – 40r [III, 103]  
 Badejos – 49r [IV, 37]  
 Bagre [amarelo] – 50r [IV, 82]  
 Bagre [branco] – 50r [IV, 82]  
 Bagres [d'agua doce] – 50r [IV, 82]  
 Bagres [marinhos] – 49r [IV, 44]  
 Baiacú – 49v [IV, 69-71]  
 Baiacúará – 49v [IV, 70]  
 Baiacú-Merim – 49v [IV, 71]  
 Bailadeira – 46v [III, 155]  
 Baleia – 47v [IV, 2]  
 Baleote – 48v [IV, 14]  
 Baratas – 37r  
 Barbado<sup>1</sup> – 27r [I, 9]  
 Barbado<sup>2</sup> – 50r [IV, 81]  
 Barboleta – 47r [III, 205]  
 Barboletas – 37r [II, 63]  
 Beijupirá – 49v [IV, 64]  
 Bem-te-conheço – 46v [III, 171]  
 Bemteví – 46v [III, 168]  
 Bicudo – 46r [III, 158]  
 Bigoá – 43r [III, 110]  
 Bizoiro – 37r  
 Boepeba – 34v [II, 30]  
 Bogio – 27r [I, 6]  
 Bogio-de-cheiro – 27r [I, 20]  
 Bogios-vermelhos-côr-de-fogo – 27r [I, 17]  
 Bogoarí – 43r [III, 109]  
 Bojoim – 47r [III, 197]  
 Borá – 47r [III, 180]  
 BoráGuasú – 47r [III, 181]  
 Borapitinguá – 47r [III, 182]  
 Boriqui – 27r [I, 7]  
 Boto – 48r  
 Bôto [marinho] – 48r [IV, 5]  
 Bôto [de água doce] – 50r [IV, 76]  
 Boyrú-sanga – 35r [II, 39]  
 Bracayá-asú = 31v [VI, 79]  
 Caboré – 41v [III, 95]  
 Cachorro-d'agua – 31r [I, 74]  
 Cágados – 34r [II, 23]  
 Cagalume – 36v [II, 59]

- Cahí – 27r [I, 10]  
 Cahimerim – 27r [I, 11]  
 Caibocú – 49v [IV, 62]  
 Caicanha – 49r [IV, 40]  
 Camaleão – 32v [II, 5-6]  
 Camarôens – 51v  
 Camboatá – 51v [IV, 131]  
 Camboropí – 49r [IV, 35]  
 Canario – 46v [III, 161]  
 Cangáoá [de água doce] – 50 v [IV, 110]  
 Cangaoá [marinho] – 40v [IV, 72]  
 Canhanha – 40r [IV, 39]  
 Canininha – 35r [II, 33]  
 Canindé – 37v [III, 18]  
 Capivara – 27v [I, 24]  
 Capoeira – 37v [II, 65]  
 Caracará – 42r [III, 98]  
 Caracará [fusco, rajado de preto, e sinzento] – 42r [III, 99]  
 Caracará [preto pelas costas, o peito branco] – 42r [III, 99]  
 Caracará [todo preto azevichado] – 42r [III, 99]  
 Caracará-asú – 42r [III, 98]  
 Caracoes – 52r [IV, 143]  
 Carangueijo [de mar] – 51v [IX, 139]  
 Carangueijo [de rios] – 51v [IV, 139]  
 Carangueijos – 51v [IV, 139], 52r  
 Caranguejeira – 36v [II, 58]  
 Caranha – 49r [IV, 39]  
 Carapebas – 49r [IV, 38]  
 Carapicú – 49v [IV, 73]  
 Caratingas – 49r [IV, 41]  
 Carreiras [formigas] – 36r [I, 47, 48]  
 Casão-branco – 48r [IV, 12]  
 Casôens – 48r [IV, 4-12]  
 Cascavel – 34v [II, 31]  
 Cavalas – 49r [IV, 30]  
 Caxorrinho – 49v [IV, 56]  
 Cervo – 25r, 31v  
 Cobra – 34v [II, 26-41]  
 Cobra-chata – 34v [II, 35]  
 Cobra-sipó – 35r [I, 36]  
 Cobra-verde – 35r [II, 37]  
 Codorniz – 38r [III, 36]  
 Coelho – 29v [I, 51-56]  
 Coleira – 46r [III, 159]  
 Colheiro – 45r [III, 135]  
 Colheiro [... com um bico tal, q' nele lhe cabe todo o corpo] – 45r [III, 136]  
 Como-estás-formozo – 47r [II, 174]  
 Coral [cobra] – 34v [II, 32]  
 Corica – 37v [III, 4]  
 Corimá – 49v [IV, 65]  
 Cornuda – 48r [IV, 10]  
 Coró – 32v [I, 4]  
 Corocorócas – 49r [IV, 50]  
 Correçoens – 36r [II, 54]  
 Coruja – 42r [III, 100]  
 Corumatan – 50v [IV, 107]  
 Corvinas [de rio] – 50r [IV, 92]  
 Corvos – 40v [III, 80-82]  
 Corvo-branco – 40v [III, 82]  
 Corvos [os q' andão em bandos] – 40v [III, 80]  
 Cotia – 30r [I, 69, 70]  
 CoyoCoyú – 37v [III, 8]  
 CoyoCoyú-merim – 37v [III, 14]  
 Cricri – 41v [III, 90]  
 Cruvinas – 49r [IV, 28]  
 Cuatí – 27v [I, 26-28]  
 Cuatiepé – 28r  
 Cuati-epé – 27v [I, 27]  
 Cuati-ete – 28r  
 Cuati-eté – 27v [I, 27]  
 Cuati-Merim – 28r  
 Cuati-merim – 27v [I, 27]  
 Cuati-mondeo – 27v  
 Cuati-mondéo – 27v [I, 26]  
 Cumbaca – 50v [IV, 114]  
 Cupi – 36r [II, 55, 56]  
 Curiangú – 42v [III, 103]  
 Curucaca – 44r [III, 122]  
 Curúcurú – 44v [III, 128]  
 Doirado – 50r [IV, 93]  
 Ema – 41r [III, 84]  
 Enxada – 49r [IV, 43]  
 Epiaba – 50v [IV, 105]  
 Epiabosú – 50v [IV, 106]  
 Escorpião – 33v [II, 13]  
 Espadarte – 48r [IV, 9]  
 Filó – 45v [III, 149]  
 Filomeno – 45v [III, 143]  
 Formiga-pintada-de-preto-e-branco – 36r [II, 53]  
 Formigas – 35r [II, 47-56]  
 Formigas-ruivas – 36r [II, 49, 50]  
 Gaevóta – 45r [III, 138]  
 Gafanhotos – 37r [II, 62]  
 Galos [peixe] – 48v [IV, 24]  
 Gambá – 29v [I, 49]  
 Ganhamúz – 51v [IV, 140]  
 Garça – 43r [III, 106]  
 Garça [de cabeça zul] – 43r [III, 108]  
 Gaturamo – 45v [III, 149]  
 Gaturamo-de-coleira – 45v  
 Gavião [do mesmo tamanho da Andorinha] – 41v [III, 96]

- Gavião [outro do tamanho de um picafôr] – 41v [III, 97]  
 Gaviões – 41v [III, 96, 97]  
 Gia – 35v [II, 42]  
 Gibalte – 48r [IV, 3]  
 Giboia – 35r [II, 38]  
 Goabirú – 30r [I, 64]  
 Goairá – 29r [I, 48]  
 Gorizes – 50r [IV, 83]  
 Gralha – 40v [III, 83]  
 Grambesta – 31r [I, 76]  
 Gratanhauma – 45v [III, 149]  
 Grogotori – 41v [III, 88]  
 Guará [ave] – 45r [III, 137]  
 Guaracema – 49v [IV, 67]  
 Guariba – 27r [I, 7]  
 Guayaquiquira – 47r [III, 196]  
 Guiira – 38r [III, 33]  
 Guiraperitica – 43v [III, 115]  
 Hauti – 27r [I, 21-23]  
 Hoje-hade-chover – 46v [III, 170]  
 Hũas formas como dedo de mão [...] – 52r [IV, 144]  
 Iboyeira – 47r [III, 195]  
 Ijujú – 51r [IV, 124]  
 Inambú – 38r [III, 37]  
 Inambúasú – 38r [III, 38]  
 Intanha – 35v [II, 44]  
 Irara – 28v [I, 35-38]  
 Iratim – 47r [III, 198]  
 Iririyó – 35r [II, 34]  
 Isá – 36r [II, 47]  
 Itátá – 47r [III, 190]  
 Jaboti – 34r [II, 24], 34v [II, 25]  
 Jaburú – 43v [III, 112]  
 Jacaré – 33v [II, 16-20]  
 Jacaré-comum – 33v [II, 16]  
 Jacaré-do-papo-amarelo – 34r [II, 19]  
 Jacaré-merim – 34r [II, 20]  
 Jacare-Mirim – 33v [II, 16]  
 Jacú – 38v [III, 42-45]  
 Jacúasú – 38v [III, 43]  
 Jacúcaca – 38v [III, 45]  
 Jacundá – 50v [IV, 104]  
 Jacúpema – 38v [III, 44]  
 Jacurú-tú – 42r [III, 101]  
 Jacutinga – 38v [III, 42]  
 Jagoacambêba – 29r [I, 40]  
 Jagoapitanga – 31v [I, 81]  
 Jagoatirica – 31v [I, 79]  
 Jagoaxinim – 29r [I, 42]  
 Jaguarana – 40v [IV, 68]  
 Já-hé-dia – 46v [III, 169]  
 Jamanta – 49r [IV, 54]  
 Jaó – 38r [III, 40]  
 Japú – 39r [III, 57]  
 Japú [sinzento com o rabo amarelo] – 39v [III, 59]  
 Japúasú – 39v [III, 58]  
 Japúira – 39v [III, 61]  
 Japú-merim – 39v [III, 60]  
 Jararaca – 34v  
 Jararaca – 34v [II, 27]  
 Jararaca-vermelha-côr-de-fogo – 34v [II, 29]  
 Jararacosu – 34v [II, 28]  
 Jaratá-táca – 28v [I, 39]  
 Jatihí – 47r [III, 177]  
 Jatihí-merim – 47r [III, 177]  
 Jáú – 50r [IV, 88]  
 Jaubira – 51r [IV, 125]  
 Jáúpeba – 50r [IV, 89]  
 João-corta-páó – 47r [III, 173]  
 Jundiá – 51v [IV, 129]  
 Jundiaba – 53v [IV, 14]  
 Juriti – 38r [III, 28]  
 Juritipiranga – 38r [III, 30]  
 Juropócas – 50r [IV, 85]  
 Juruasú – 37v [III, 1]  
 Jurueoa – 37v [III, 3]  
 Jurumerim – 57v [III, 83]  
 Jurupense – 50r [IV, 87]  
 Kuí – 29v [I, 53]  
 Lacraia – 33v [II, 14]  
 Lacraias [q' de noite lansão de si hũa luz como fogo de inxofre; não mordem] – 33v [I, 15]  
 Lagartas – 37r  
 Lagartinhos – 33r [I, 9-12]  
 Lagartixa – 32v [II, 1-12]  
 Lagartos – 32v [II, 1-12]  
 Lagosta – 51v [IV, 135]  
 Lagostim – 51v [IV, 136]  
 Licanso – 35r [II, 41]  
 Lince – 26v [I, 4]  
 Linguado – 49r [IV, 52]  
 Lobinho – 29r [I, 48]  
 Lobo – 29r [I, 44]  
 Lontra – 30v, 31r [I, 74]  
 Louva-a-Deos – 37r [II, 62]  
 Lula – 52r [IV, 142]  
 Macaco – 27r [I, 6]  
 Macaóan – 41v [III, 93]  
 Macuco – 38r [III, 39, 41]  
 Maetaca – 37v [III, 5]  
 Mamoan – 36v [II, 59]  
 Mandaguahi – 47r [IV, 199]  
 Mandasaia – 47r [IV, 183]  
 Mandís – 50r [IV, 84]  
 MandoriGuasú – 47r [III, 184]

- Mandori-Merim – 47r [III, 185]  
Manganga – 47r [III, 204]  
Manjuba – 49r [IV, 33]  
Maracanam – 37v [III, 6]  
Maracanan-oasú – 37v [III, 7]  
Margulhão – 45v [III, 141]  
Maribondos – 47r [III, 202]  
Mariquita – 64r [III, 156]  
Mariscos – 52r [IV, 146]  
Marreca [hũa como ganso no tamanho] – 44r [III, 121]  
Marreca [parda] – 44r [III, 121]  
Marreca [pedrez] – 44r [III, 121]  
Marrecas – 44r [III, 121]  
Martelengue – 43r [III, 107]  
Martim-pescador – 44v [III, 131]  
Masarico – 44r [III, 124-126]  
Matrinxão – 50v [IV, 98]  
Matuira – 44r [III, 124]  
Melro – 45v [III, 143, 147]  
Mero – 49r [IV, 36]  
Mico – 27r [I, 11]  
Micos [outros maiores do q' os...] – 27r [I, 18]  
Milepedibus – 33v [II, 14]  
Mixóles – 49r [IV, 51]  
Mocó – 29v [I, 54]  
Moganga – 49v [IV, 63]  
Mombuca – 47r [III, 178]  
Mombucasú – 47r [III, 179]  
Mono – 27r [I, 8]  
Morcego – 42v [I, 105]  
Moreia – 49v [IV, 59]  
Moreia-das-pedras – 49v [IV, 59]  
Morobá – 51v [IV, 128]  
Mosúm – 51v [IV, 132]  
Motúm – 40r [III, 67]  
Motum-de-Crista – 40r [III, 68]  
Murganho – 29v [I, 58]  
Nhandaya – 37v [III, 10]  
Nhonorum – 45v [III, 148]  
Nhuma – 43v [III, 116]  
Oacarí – 50v [IV, 115]  
Oaquica – 29v [I, 61]  
Obarana – 49v [IV, 57]  
Ocarão – 44r [III, 119]  
Oiriso-caxeiro – 30r [I, 68]  
Olho-de-boy-piranga – 48v [IV, 22]  
Onça [pintada] – 31v [I, 78]  
Onças – 31v [I, 77-81]  
Ó-rapáz – 46v [III, 172]  
Oriso [azul] – 51v [IV, 138]  
Oriso [brancasento] – 51v [IV, 138]  
Oriso [preto] – 51v [IV, 138]  
Oriso [vermelho] – 51v [IV, 138]  
Orisos [do mar] – 51v [IV, 138]  
Ostra – 52r [IV, 146]  
Paca – 27v [I, 25]  
Pacú – 49v [IV, 66]  
Pacúasú – 50v [IV, 99]  
Pacú-merim – 50v [IV, 100]  
Pacupeba – 50v [IV, 101]  
Palmitos – 50r [IV, 86]  
Panapana – 52v [IV, 29]  
Papagaio – 37v, 40r  
Paratíz – 49r [IV, 26]  
Pareri – 38r [III, 34]  
Pargos – 49r [IV, 46]  
Patos – 44r [III, 120]  
Pavão – 39r [III, 51]  
Pavó – 39r [III, 51]  
Pegas – 45v [III, 150]  
Pegador – 51r [IV, 118]  
Peixe-anjo – 48v [IV, 16]  
Peixe-boi – 49v [IV, 75]  
Peixe-espada – 49v [IV, 60]  
Peixe-porco – 48v [IV, 17]  
Peixe-rei – 49v [IV, 62]  
Peixes – 47v [IV, 1]  
Peludo – 27r [I, 10]  
Pequira – 51r [IV, 122]  
Perdiz – 38r [III, 35]  
Periquito – 37v  
Perixões – 46r [III, 157]  
Pescadas – 49r [IV, 31]  
Pescadinhas – 50r [IV, 91]  
Piabanha – 50v [IV, 95]  
Picaflôr – 41v [III, 167]  
Picapáo – 39v [III, 62, 63]  
Picapera – 44r [III, 121]  
Picuipeba – 38r [III, 31]  
Picuípe-merim – 38r [III, 31]  
Pintasilvo – 46r [III, 162]  
Piracambucú – 50r [IV, 79]  
Piracamjuba – 50v [IV, 94]  
Piracaxeara – 50r [IV, 80]  
Piracicica – 50v [IV, 116]  
Pirageréba – 49r [IV, 42]  
Piraguaya – 49r [IV, 45]  
Pirajaguara – 50v [IV, 103]  
Piranha – 51r [IV, 119]  
Piranha [amarelasa] – 51r [IV, 119]  
Piranha [branca] – 51r [IV, 119]  
Piranha [preta] – 51r [IV, 119]  
Piranha [vermelha] – 51r [IV, 119]  
Pirapitanga – 50v [IV, 96]  
Pirapitinga – 50v [IV, 97]

- Pirarara – 50r [IV, 90, 117]  
 Piratinga – 49v [IV, 74], 50r [IV, 78]  
 Pirauna – 49r [IV, 45]  
 Polvo – 52r [IV, 141]  
 Pombas – 38r [III, 24-34]  
 Pomba-trocal – 38r [III, 24]  
 Porquinho – 29v [I, 55]  
 Preguista – 27r [I, 21-23]  
 Prexixe – 46r [III, 154]  
 Pucasúeté – 38r [III, 25]  
 Pucasuira – 38r [III, 27]  
 Pucasuroba – 38r [III, 26]  
 Pucuhy – 38r [III, 29]  
 Pulgões – 51v [IV, 134]  
 Pilgões – 37r  
 Puriacú – 37r [II, 61]  
 Quequem – 36r [II, 48]  
 Râm – 35v [II, 42]  
 Rato – 29v [I, 57-66]  
 Rato-espinho – 29v [I, 60]  
 Rato [mayor e mais escuro] – 29v [I, 59]  
 Rayas – 50v [IV, 108]  
 Robalos – 49r [IV, 34]  
 Rôla – 38r [III, 30]  
 Rôla-branca – 38r [III, 33]  
 Roncadôres – 49r [IV, 48]  
 Rotáo – 42r [III, 102]  
 Saáguaú – 27r [I, 16]  
 Saámerim – 27r [I, 13]  
 Saámerim [outro] – 27r [I, 14]  
 Saátinga – 27r [I, 15]  
 Sabacó – 44v [III, 129]  
 Sabeá – 45v  
 Sabeá-branco – 45v [III, 145]  
 Sabeáuna – 45v [III, 143, 144]  
 Sabeá-vermelho – 45v [III, 145]  
 Sabeyácica – 37v [III, 16]  
 Sací – 42v [III, 104]  
 Sagoa – 51r [IV, 120]  
 Sagui – 27r [I, 12]  
 Sahí – 46v [III, 166]  
 Sairú – 51r [IV, 123]  
 Sanambú – 32v [II, 7]  
 Sanharon – 47r [III, 200]  
 Sanhasú – 45v [III, 150], 46r  
 Santopeia – 33v [II, 14]  
 Sapos – 35v [II, 42-45]  
 Saquatinga – 36r [II, 50]  
 Saracura – 45r [III, 132-134]  
 Saracura [q' tem crista encarnada na cabeça, e azulada] – 45r [III, 133]  
 Saracurusú – 45r [III, 134]  
 Sarasará – 36r [II, 49]  
 Sarça – 40v [III, 79]  
 Sardinhas [de água doce] – 50v [IV, 109]  
 Sardinhas [marinhas] – 49r [IV, 32]  
 Sargos – 49r [IV, 47]  
 Sariema – 41v [III, 85]  
 Savelha – 49v [IV, 58]  
 Sererica – 37v [III, 15]  
 Sim-sim-por-certo – 47r [III, 174]  
 Soborí – 50r [IV, 77]  
 Socó – 44v [III, 130]  
 Socoguaçú – 44v [III, 130]  
 Socó-Merim – 44v [III, 130]  
 Socori – 35r [II, 40]  
 Solteira – 50v [IV, 113]  
 Sorobá – 40r [III, 66]  
 Sorocohá – 39r [III, 53]  
 Sororóca – 49r [IV, 27]  
 Sucerana – 31v [I, 80]  
 Suindara – 42r [III, 100]  
 Surucucú – 34v [I, 16]  
 Surucucú-legítimo – 34v [II, 26]  
 Surucucu-tinga – 34v  
 Surucucú-tinga – 34v [II, 26]  
 Taan – 43v [III, 117]  
 Taboyayá – 43v [III, 114]  
 Tainhas – 49r [IV, 25]  
 Talha-mar – 45r [III, 140]  
 Tamandoá – 28r [I, 29]  
 Tamarú – 51v [IV, 137]  
 Tapema – 41v [III, 91]  
 Tapiáira – 47v [III, 191]  
 Tapiocaba – 47r [III, 203]  
 Tartaruga – 34r [II, 21-25]  
 Tartarugas [dq' se tira a sua casca p<sup>a</sup> diversas obras] – 34r [I, 22]  
 Tartarugas [maiores, q' estão em água salgada...] – 34r [I, 21]  
 Tatú<sup>1</sup> – 28v [I, 30-34]  
 Tatú<sup>2</sup> – 51v [IV, 133]  
 Tatúaiba – 28v [I, 31]  
 Tatú-asú – 28v [I, 30]  
 Tatubóla – 28v [I, 34]  
 Tatúete – 28v [I, 32]  
 Tatuíra – 51v [IV, 133]  
 Tatu-Merim – 28v [I, 34]  
 Tatúpeba – 28v [I, 33]  
 Taubarana – 50v [IV, 111]  
 Tayabucú – 50v [IV, 112]  
 Teeté – 45v [III, 149]  
 Terenteren – 45v [III, 11]  
 Teriba – 37v [III, 9]  
 Térotéro – 43v [III, 118]  
 Tibum – 45v [III, 149]

- Tié – 46v [III, 163-165]  
 Tié [ambos verdes com hũa crista na cabeça] – 46v [III, 165]  
 Tié [macho encarnado e a femea mais branca] – 46v [III, 163]  
 Tié [macho preto, e a femea parda] – 46v [III, 164]  
 Tigre – 31v [I, 77]  
 Tigui – 39r [III, 52]  
 Tintoreira – 48r [IV, 7]  
 Tipiti – 29v [I, 52]  
 Tocanguira – 36r [II, 51-52]  
 Tocano – 40r [III, 69-73]  
 Tocano [menor, preto com hũa faixa encarnada p<sup>lo</sup> peito] – 40r [III, 70]  
 Tocano [outro q' tem a faixa amarela] – 40r [III, 71]  
 Tocano-sú – 40r [III, 69]  
 Togoató – 41v [III, 96, 97]  
 Toim – 37v [III, 13]  
 Trairas – 51v [IV, 127]  
 Tramelga – 51r [IV, 126]  
 Trinta-reis – 45r [III, 139]  
 Triste-dia – 47r [III, 175]  
 Tubarão – 48r [IV, 6], 50r  
 Tubuna – 47r [III, 186]  
 Tuyubusú – 47r [III, 188]  
 Tuyumerim – 47r [III, 189]  
 Tuyuyu – 43r [VIII, 111], 43v  
 Urahy – 37v [III, 12]  
 Urapuhy – 47r [III, 187]  
 Uraponga – 38v [III, 49, 50]  
 Urapuhy – 47r [III, 187]
- Uratipoca – 43v [III, 113]  
 Uraxupé – 47r [III, 194]  
 Urú – 39v [III, 65]  
 Urubu – 40v [III, 81]  
 Urucurea – 42v [III, 103]  
 Urucúrea – 42r [III, 100]  
 Uruapuá – 47r [III, 193]  
 Ururahí – 34r [II, 19]  
 Ururahý – 33v [II, 16]  
 Vagalume – 36v [II, 59]  
 Veado-azul – 31v [I, 88]  
 Veado-branco – 25r, 31v [I, 84]  
 Veado-catingueiro – 31v [I, 87]  
 Veado-pardo – 31v [I, 85]  
 Veados – 31v [I, 82-88]  
 Vermelhos – 49r [IV, 49]  
 Vespa – 47r [III, 201]  
 Viola – 48r [IV, 11]  
 Virá – 31v [I, 87]  
 Virabosta [do tamanho de um sanhasú...] – 46r [III, 152]  
 Virabosta [outro mais pequeno...] – 46r [III, 152]  
 Virabostas – 46r [III, 152, 153]  
 Voador – 49v [IV, 55]  
 Xareletes – 48v [IV, 20]  
 Xareletinhos – 48v [IV, 20]  
 Xareletôens – 48v [IV, 19]  
 Xaréó – 48v [IV, 18]  
 Xareo-verdadeiro – 48v [IV, 18]  
 Zebele – 41v [III, 89]